

JOÃO VALENTIN WAWZYNIAK

DO BARRACÃO À CASA

**UMA ETNOGRAFIA DAS TRANSFORMAÇÕES NAS FORMAS DE APROPRIAÇÃO,
GESTÃO E TRANSMISSÃO DOS RECURSOS NATURAIS POR SERINGUEIROS
DO RIO OURO PRETO - RO**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre junto ao
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social do Departamento de Antropologia da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcos P. Lanna

CURITIBA

2000

**Para meus filhos
Laiana, Jamila e Leo**

**E para meu pai
Jan Wawrzyniak (*in memoriam*)**

AGRADECIMENTOS

Este trabalho resulta de um longo período de deslocamentos físicos e intelectuais. Foi um longo percurso nem sempre com um rumo definido. Durante esse tempo ocorreram aproximações e afastamentos, mas contei com pessoas que, próximas ou distantes, deram-me seu apoio. Aproveito esta oportunidade para expressar a minha gratidão para com todas elas.

Os seringueiros da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto e suas famílias que gentilmente hospedaram-me em suas casas. Sem a atenção e o tempo que elas me dispensaram nenhuma das linhas deste estudo seria possível.

Marcos Lanna, por ter aceito orientar um trabalho já iniciado e apontado novas perspectivas analíticas e teóricas.

Edilene C. Lima e Eduardo Barra, Luiz Henrique de Toledo (Kike) e Soraya Gebara, amigos fraternos que desde o início deste trabalho acompanharam minhas andanças, divagações e surtos. Concluir esta dissertação era, também, um compromisso com vocês.

Minha mãe e minha irmã pelo afeto e pela paciência. Desculpem-me também pelas preocupações e saudades

José Glebson Vieira, amizade nova construída no curso de mestrado do PPGAS da UFPR.

Ubirajara Bentes Filho, Luiz Otávio Pereira, Rosalice Câmara e Lineo Miléo, Maria Auxiliadora Souza e a todos aqueles que em Santarém deram condições para que eu pudesse dedicar-me à conclusão deste trabalho.

Cynthia, companheira querida, que compartilhou as dificuldades e atribulações por mim enfrentadas para chegar até aqui e, enquanto gestava o Leo, proporcionou um ambiente doméstico favorável para eu me dedicar a escrever.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
Literatura sobre a sociedade do seringal	16
Pesquisa de campo	18
Capítulo 1 – DO BOOM DA BORRACHA A RESERVA	27
Capítulo 2 – DIVISÃO DA MATA	37
2. 1 – Colocação	39
2. 1. 1 – Beira e Centro	40
2. 1. 2 – Estradas de seringa	43
2. 2 – Capoeira, roça e castanhal	47
2. 3 – Rio	51
2. 4 – Morada	52
Capítulo 3 – FAMÍLIA SERINGUEIRA	57
3. 1 – Parentesco	58
3. 2 – Casamento	64
3. 3 - Compadrio	71
Capítulo 4 – VIDA NA MATA	75
4. 1 – Serviço da seringa	78
4. 2 – Serviço da roça	81
4. 2. 1 – Farinha d'água	84
4. 3 – Divisão do trabalho	86
4. 3. 1 – Trabalho da mulher	87
4. 3. 2 – Capanga, parceiro de barraca e ajuda mútua	88
4. 4 – Comercialização e movimento	90
4. 5 – Novena, futebol e dança	93
Capítulo 5 – QUEM NÃO QUER DE NOVO NÃO CUIDA	98
5. 1 – Transformações nas formas de apropriação	98
5. 1. 1 – A reserva	101
5. 2 – Gestão dos recursos naturais	104
5. 2.1. – Zelo pela seringa	105
5. 2. 1. 1 – Técnicas de corte	108
5. 2. 2 – Manejo das roças	110
5. 2. 3 – Caça e pesca	111
5. 2. 4 – Superiores da mata	113
5. 3 – Herança	115
FECHANDO O CORTE	125
BIBLIOGRAFIA	132

RESUMO

Este trabalho é uma etnografia, das transformações históricas nas formas de apropriação, gestão e transmissão entre famílias seringueiras residentes na Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, município de Guajará-Mirim, Estado de Rondônia. Construída a partir de pesquisa de campo realizada entre 1990 e 1992, analisa como o barracão, domínio do patrão, vai sendo substituído pela casa, unidade familiar, a qual passa a ser o centro de referência para onde convergem os diferentes espaços e atividades neles desenvolvidas. Se por um lado os seringueiros defrontam-se com um conjunto de mudanças, por outro, elas são apreendidas a partir de categorias culturais pré-existentes. É no contexto da formação casa e da linguagem do parentesco que são apreendidas as mudanças nas esferas da apropriação do espaço e dos recursos naturais neles existentes, da gestão do meio visando assegurar o bem estar da família e a perenização dos recursos para os descendentes, bem como a sua transmissão através da herança. Esta coloca-se como algo novo na vida daquelas famílias a partir da criação da Reserva, quando tiveram reconhecido o direito sobre as colocações de seringa, as quais convertiam-se em patrimônio através do trabalho e do zelo.

INTRODUÇÃO

Periodicamente os sensores óticos de dois artificios espaciais, NOAA e LANDSAT, fornecem fotos da Amazônia aos olhares atentos dos técnicos especializados em monitoramento por satélite. São as imagens que alimentam com regularidade a controvérsia sobre a taxa de desmatamento e seu impacto sobre o meio ambiente mundial.

Observando uma foto fornecida por qualquer um dos dois satélites, vemos a cobertura florestal, as áreas desmatadas, os rios e os lagos. Ao olhar ignorante dos pareceres técnicos, é sem dúvida, espetacular que uma fotografia tirada por um aparelho posicionado a alguns milhares de quilômetros da superfície do planeta possa permitir a visualização de detalhes como o tipo de vegetação existente, a identificação do tipo de solo e a qualidade da água.

As lentes não captam, porém, a trama dos caminhos abertos no interior da floresta, visíveis apenas àqueles que os percorrem diariamente. Limitam-se a registrar o espaço como um conjunto de espécies botânicas, sem percebê-lo povoado de homens e deuses, e dotado de muitos significados. Os rios não são somente cursos d'água, mas importantes vias de comunicação pelas quais se estabelece uma imperceptível rede de relações sociais.

Do interior da mata, com dificuldade, se vê o céu entre a ramagem das árvores. E, muito menos, supõe-se estar sendo observado, exceto por alguma entidade sobrenatural ou pelos animais que a habitam. Somente pisando o solo úmido e recoberto de folhas perceber-se-á que sob a penumbra das árvores também há gente lendo o firmamento.

Invisibilizados socialmente, durante quase um século, os seringueiros exercem uma atividade tida como decadente e anacrônica, que por força de um certo “defeito” histórico acabou virando virtude, e colocou-nos diante de uma história surpreendente. Contrariando os prognósticos evolucionistas, insistem em continuar existindo. Ou seja, como uma atividade que remonta há dez mil anos, (HOMMA, 1993), emerge no final do Século XX no

bojo de um movimento de dimensão planetária em torno da questão ambiental e do desenvolvimento? Ora, o extrativismo em seringais nativos apresenta-se como um “modelo de uso dos recursos naturais que acelera, diversifica e compatibiliza o progresso econômico com o desenvolvimento social e a preservação da floresta em pé” (ARNT, 1993:11).

Na Amazônia, os principais agentes desse processo são os seringueiros nordestinos levados para a Região Norte, no início deste século ou recrutados durante a Segunda Guerra Mundial, na década de 40, e seus descendentes que extraem látex para produzir borracha. Uma gente que, no intervalo de um século, pela segunda vez, conjuga o arcaico e o moderno. Há cem anos, o processo de industrialização, então emergente, levou para a floresta milhares de homens para trabalharem numa atividade considerada do neolítico, o extrativismo vegetal.

Enquanto operários europeus e norte americanos, camponeses expulsos da terra, trabalhavam dentro das fábricas produzindo automóveis, os seringueiros produziam borracha percorrendo o interior da floresta, espaço misterioso e “inóspito” para homens criados no sertão nordestino. Hoje, inseridos num debate mundial com os modernos movimentos ambientalistas, criam novas formas de ação política, utilizando o que há de mais sofisticado na tecnologia eletrônica de comunicação, como meio de estabelecer alianças e chamar atenção à sua causa, envolvendo-se no debate sobre o futuro do planeta.

Da estratosfera, o olhar eletrônico que observa esta região é, porém, indiferente ao fluir dos acontecimentos sob a copa das árvores fotografadas. Um olhar que, apesar da sua potência e do seu elevado grau de resolução, está impossibilitado de desvendar a complexidade existente no espaço compreendido entre a ramagem superior e o chão. Uma visão superficial dá a impressão de ser a floresta desabitada, seus espaços imensos e vazios. O império da natureza. É no limite do aparato tecnológico que outro olhar pode ser acionado para desvendar um universo aparentemente invisível. Um olhar que, ao contrário de ser programado para focalizar, aprende a ver e a interpretar os sinais com os olhos dos florestanos.

Para esclarecer melhor, tomemos uma foto tirada pelo satélite LANDSAT 5, as bandas 3 e 4. Temos o Rio Ouro Preto, município de Guajará-Mirim, Estado de Rondônia. Observando, verticalmente, esta imagem permite-nos identificar imediatamente o seu curso sinuoso, os igarapés, as formações arbóreas densas das terras altas e as abertas periodicamente inundáveis, as formações montanhosas da serra do Pacaás Novos, algumas áreas de campos naturais inundáveis e pequenas clareiras abertas na mata. Chamam-nos

atenção os pequenos pontos, em tonalidade mais clara, distribuídos com relativa regularidade ao longo das margens do rio. Aproximando os olhos para tentar identificá-los somos impedidos pela falta de nitidez. Apesar da alta resolução da lente, a escala não permite melhores ou maiores esclarecimentos. Uma formação natural? Talvez.

Intrigados com a regularidade da distribuição espacial de tais sinais, mesmo em outros rios, nos inclinamos a empreender uma observação horizontal para identificá-los. De Porto Velho, capital de Rondônia, pega-se a BR 364 com destino à cidade de Guajará-Mirim, fronteira com Bolívia. Ao longo do trajeto, três momentos históricos, ora paralelos, ora confluentes, convergem entrecruzando-se nas pontes, legendárias construções, sob as quais jazem sucateadas as balsas de extração de ouro que feriram a paisagem, contaminaram a água e turvaram ainda mais a cor avermelhada do rio Madeira. Antigas estruturas de ferro da Ferrovia Madeira-Mamoré, ainda resistentes, permitem atravessar os rios Jaciparaná e Mutum-Paraná, afluentes da margem direita do Madeira, que, com sua beleza agredida pelo garimpo, corre paralelo à ferrovia e à rodovia. Finalmente, num barco, subimos o rio Ouro Preto constatando que, um após outro, esses pequenos pontos registrados na foto são clareiras ocupadas por uma ou mais famílias. Descobrimos não ser a mata um imenso “espaço vazio” precisando ser ocupado para garantir a soberania nacional. Quem são essas pessoas? De onde vieram? Como se apropriam, organizam e distribuem o espaço? Que tipo de relação estabelecem com o meio? Como se apropriam dele? Como organizam suas vidas neste espaço tido como “implacável” com aqueles que ousam violar os seus mistérios? Perguntas que despertam a curiosidade.

Na discussão sobre o futuro da Amazônia, os seringueiros apareceram como “guardiões da floresta” e o extrativismo dos produtos não madeiráveis de origem florestal, como uma alternativa ecologicamente sustentável de aproveitamento econômico da floresta. Apresentados reificadamente, como um tipo único dotado de uma natureza comum, da qual todos participam apenas por apresentarem uma série de “traços” semelhantes, foram tomados como inerentemente conservacionistas, interessados na proteção dos recursos naturais. Eis uma generalização possível, mas que escamoteia a intervenção de variáveis históricas, culturais, sociais, econômicas e ecológicas na relação estabelecida pelo homem com o meio ambiente¹.

¹ São instigantes as críticas de Oliveira Filho à literatura sobre o extrativismo da borracha produzida anteriormente ao debate que tomou conta dos meios de comunicação de massa, de setores da academia e das organizações não-governamentais, especialmente durante o período 1989/1990. Segundo o autor, aqueles trabalhos buscavam “chegar a uma forma comum, simplificada, esvaziada das características concretas assumidas pela evolução da produção gomífera nas várias regiões da Amazônia e capaz

Este trabalho toma por base os dados obtidos na pesquisa de campo realizada entre 1990 e 1992 e tem um duplo objetivo: primeiramente, analisar como as famílias de seringueiros residentes no município de Guajará-Mirim, Estado de Rondônia, às margens do rio Ouro Preto, estavam formulando estratégias de reprodução social no contexto das transformações nas formas de apropriação do espaço resultantes da criação da Reserva Extrativista² em 1990; e, em segundo lugar, investigar como essas mudanças relacionavam-se à gestão da natureza e ao acionamento dos processos de transmissão. A hipótese é que a dinâmica das configurações sociais e espaciais adquirem significado quando relacionadas ao parentesco, as quais também passavam por redefinições, especialmente aquelas relativas ao casamento, às alianças e ao compadrio. Tais reconfigurações são interpretadas como estratégias que visam assegurar e ampliar o direito de posse sobre a área ocupada, o bem-estar da família, a exploração sustentável dos recursos naturais e a reprodução das futuras gerações.

Com a criação da Reserva Extrativista, foi pela primeira vez, aberta a possibilidade de transmissão da área ocupada e explorada. Se até então o espaço era ocupado temporariamente, com a criação dessa categoria de Unidade Federal de Conservação de Uso Direto os seringueiros tiveram reconhecido o direito de posse, tornando-se a colocação³ um patrimônio em construção, passível de ser transmitido de uma geração à outra. Assim, a formulação de definições em torno da herança apresentava-se, naquele momento, como uma questão nova para os seringueiros nela residentes.

Para interpretar as estratégias adotadas pelos seringueiros do Ouro Preto diante das mudanças em curso, parto do pressuposto que, entre grupos sociais que vivem da exploração direta do meio, há uma relação interdependente entre a reprodução social e a reprodução do ecossistema no qual estão inseridos, posto que assegurar a manutenção dos recursos naturais (DIEGUES, 1983) significa também garantir a subsistência, nos

portanto de se enquadrar em situações bastante diferentes” (OLIVEIRA FILHO, 1979:102). O modelo encontrado em diferentes formulações teóricas, com as quais se procurou explicar o seringal, não é suficiente para dar conta dos diferentes casos encontrados empiricamente, pois estabelece uma unidade abstraindo as diferenças. Assim, para Oliveira Filho, “o modelo generalizado de seringal deve ser criticado porque mascara e homogeneiza para o pesquisador aquilo que se constitui de fato em realidade radicalmente contrastantes” (idem, 1977, s/p).

² Segundo o Artigo 1º do Decreto N.º 98.897 de janeiro de 1990, as Reservas Extrativistas, unidades de conservação de uso direto, são definidas como “espaços territoriais destinados à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis, por população extrativista”.

³ A categoria colocação expressa uma unidade sócio-espacial situada no interior da floresta e abrange áreas de seringa nativa, mata virgem, capoeiras, roça e habitação do seringueiro. Voltaremos a abordá-la mais detalhadamente.

eixos sincrônico e diacrônico. Nesses casos, a relação do grupo social com o meio ambiente natural está orientada no sentido de imprimir transformações duradouras no ecossistema, sem alterar os seus princípios de funcionamento (DESCOLA, 1997), uma vez que dele depende para a própria subsistência e a das gerações futuras, expressando o que Sachs (1986) denomina de “solidariedade diacrônica”. Essa preocupação em assegurar a perenidade dos recursos revela a consciência de que as gerações passam, mas o patrimônio permanece (GALESKI, 1979).

Os seringueiros do rio Ouro Preto, ao buscarem um equilíbrio entre a solidariedade sincrônica com os colaterais e diacrônica com os descendentes, enfrentam o problema de estabelecer uma relação igualmente equilibrada entre a reprodução social e a conservação do equilíbrio do ecossistema no qual estão inseridos, através da gestão sustentável dos solos, das águas, da floresta, da caça, da pesca e das roças. Diante disso, algumas questões são merecedoras de atenção, pois suas respostas permitirão uma maior compreensão das estratégias adotadas. Qual a relação entre a adoção de práticas conservacionistas e o parentesco? Como o reconhecimento do direito de posse, proporcionado pela criação da Reserva Extrativista, influenciou na mudança de comportamentos e representações sobre o meio? Até que ponto a conservação é um objetivo consciente? Como as mudanças na forma de apropriação dos recursos naturais ao longo da história implicaram em diferentes formas de organização da família e do trabalho? Até que ponto as representações e práticas correspondem às estratégias de sobrevivência em nível local e pela economia de mercado? Como o processo de herança estava sendo desencadeado e quais formas de transmissão estavam sendo criadas como opção? São algumas questões que nortearão este estudo.

Por se constituir num evento no qual as decisões são tomadas no âmbito interno do grupo familiar⁴, orientados pela ideologia do parentesco, o estudo das estratégias de reprodução no ciclo geracional permite também verificar se, nos discursos e nas práticas, os seringueiros transmitem não apenas bens tangíveis e intangíveis, mas a própria condição social.

Entre os seringueiros, a subsistência da unidade familiar é obtida através da extração do látex das seringueiras e da produção e comercialização da borracha. Além destas atividades, testemunhei um momento em que houve na região um incremento da agricultura de subsistência, atividade que sabidamente têm características distintas do

⁴ Por grupo familiar entende-se aqui o conjunto de pessoas que residem numa mesma casa, mantendo entre si laços de parentesco, seja através de aliança matrimonial ou consangüinidade.

extrativismo. Assim as condições ecológicas constituem outros fatores condicionantes do bem-estar da família. É aceitável, portanto, a hipótese de que, nesse caso, a preservação do ecossistema, no qual se encontram as espécies vegetais exploradas, seja, em maior ou menor grau, englobada pelo processo de herança, pois a adoção de práticas predatórias afeta a capacidade de regeneração natural das espécies, levando-as ao esgotamento e, desse modo, acarretando prejuízo aos colaterais e aos descendentes.

Não pretendo demonstrar nos limites deste trabalho que os seringueiros são camponeses no sentido clássico, porque essa categoria não pode ser entendida a não ser como um termo extenso que abrange uma ampla variedade de formas de produção familiar. Diferentes autores entenderam a categoria camponês a partir de modelos teóricos diferentes (DIEGUES, 1983; QUEIROZ, 1976; WOORTMANN, K. 1990), os quais não possuem o mesmo valor heurístico (GODOI, 1999). Embora a agricultura não seja a principal atividade dos seringueiros, percebe-se que, ao formularem suas estratégias, eles passaram a adotar atitudes e práticas análogas àquelas adotadas por outros camponeses, especialmente após a crise do ciclo da borracha, situação que leva Almeida (1992) a pensar em termos de formação de um campesinato florestal.

Além disso, segundo K. Woortmann (1990), a lógica camponesa pode ser apreendida em configurações sociais nas quais as características camponesas não são tão evidentes, pois expressa nessas circunstâncias, representações e valores próprios dos camponeses. A campesinidade pode ser percebida mesmo naquelas situações plenamente integradas numa economia de mercado, uma vez que, de acordo com Taussig (1980), o mercado domina o campesinato, mas não o organiza. Assim, tomando-se o contexto do extrativismo do látex em seringais nativos, no qual a família apresenta-se também como uma unidade de produção e consumo (no interior da qual são tomadas decisões visando manter o equilíbrio entre um e outro, de acordo com a estrutura da família), é plausível admitir a presença de modelos de orientação caracteristicamente camponesa entre os seringueiros da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto quando da formulação de suas estratégias de reprodução social.

A estrutura social camponesa tem como referência a unidade doméstica e a comunidade. Seus elementos constitutivos, segundo Shanin (1980, 1983), são: o trabalho familiar; o controle dos meios de produção; os padrões e tendências de organização política; normas e cognições; as semelhanças das unidades básicas; a dinâmica social e os padrões de mudança. Há, segundo Chayanov (1974), uma lógica própria do campesinato, expressa na busca de um equilíbrio entre trabalho empreendido e a satisfação das

necessidades do grupo familiar. Para obtenção desse equilíbrio seria efetuado um cálculo com bases subjetivas e culturais ao nível interno da família, o qual se impõe em decorrência de desequilíbrios provocados por variações do ciclo de desenvolvimento do grupo familiar ou por interferência de fatores externos. A realização desse cálculo visa estabelecer uma relação equilibrada entre trabalho a ser empreendido, composição demográfica (sexo e idade), tamanho (número de membros) da família e disponibilidade de terra. Esses fatores determinam o trabalho disponível e o grau de consumo.

Outro fator fundamental interveniente nesse cálculo refere-se à disponibilidade de terra, tomada como recurso natural. Contudo sua intervenção não se apresenta de maneira uniforme pois, em determinadas circunstâncias, a composição demográfica da família é condicionada pela área disponível, enquanto em outras esta é condicionada por aquela. Em qualquer das duas situações, diferentes atitudes e opções podem ser adotadas no sentido de se obter um equilíbrio compensatório. Quando a área de terra disponível é insuficiente, uma das alternativas consistiria na intensificação do trabalho e incremento tecnológico, com ou sem redução do consumo. Uma outra poderia ser a migração de um ou mais membros do grupo familiar, os deserdados.

Com a conversão da colocação numa unidade familiar, que seria, segundo Almeida (1992, 1994), uma “casa florestal”, a família emerge como a base de uma nova configuração social do grupo. Por ser a reciprocidade um componente central das relações de parentesco, deve-se relativizar o valor heurístico do cálculo econômico para explicar satisfatoriamente a sua dinâmica interna pois, como alerta E. Woortmann (1995), o viés econômico minimiza relações mais amplas e relevantes para a compreensão das estratégias de reprodução social. Esta encontra-se na confluência entre a produção e as relações sociais.

A sociedade do seringal, tendo por referência a colocação enquanto formação social, resulta de um processo histórico iniciado no final do século XIX e que vem se transformando até os nossos dias, não apenas em decorrência de intervenções externas, mas também como resultado de arranjos internos que recorrem à linguagem do parentesco e da aliança⁵. Como formação social, a colocação não se enquadra na tipologia clássica, pois não é tribo, clã ou linhagem. Além disso, os princípios de descendência unilinear, bilinear ou indiferenciado, isoladamente, não são suficientes

⁵ Para Ellen Woortmann (1995:24), “se as estratégias de produção são uma resposta a pressão externa, as transformações no parentesco também o são”. Entretanto devem-se observar as “pressões internas” que promovem mudanças no âmbito da produção e do parentesco.

para possibilitar a compreensão das estratégias que estavam sendo gestadas no seu interior para garantir a continuidade da unidade denominada colocação. Esse processo nos sugere a pertinência da utilização da noção de “casa” como categoria analítica da organização social dos seringueiros.

Buscando explicar formações sociais distantes no tempo e no espaço, Lévi-Strauss (1981:154) desenvolve a noção de “casa”, definida como uma “pessoa moral detentora de um domínio composto simultaneamente por bens materiais e imateriais e que se perpetua pela transmissão do nome, da fortuna e dos títulos em linha real ou fictícia, tida como legítima sob a condição única de esta continuidade poder exprimir-se na linguagem do parentesco ou da aliança e, a mais das vezes as duas ao mesmo tempo”.

A “casa” pode também ser entendida como uma rede de pessoas compartilhando uma mesma ideologia que aciona e orienta a solidariedade coletiva (MARCELIN, 1996), uma vez que ela se apresenta como um esquema organizador das práticas sociais (LÉVI-STRAUSS, 1992)⁶. Seria uma unidade tida como único sujeito de direitos e deveres, que constrange os indivíduos a cooperar a partir do estabelecimento de um compromisso moral entre eles. Isto posto, valeria a pena investigar até que ponto este compromisso não deriva de relações de reciprocidade como elemento catalisador dos direitos e obrigações. Proposta que é o argumento central do trabalho de Lanna (1999): como articular a primeira contribuição de Lévi-Strauss à teoria do parentesco, o princípio de reciprocidade, de 1949, à sua última, a noção de casa, do período 1977-1986⁷.

Marcelin (1996) lembra que, se a idéia de “casa” supera as oposições entre os princípios de filiação e aliança, tal não é o caso da categoria *household*. Sugere, para compreendê-la, que se observe a rede de casas existentes num determinado contexto sócio-cultural do qual elas emergem. Para tanto, requer que essa rede seja pensada como inseparável da permanente construção de laços que se traduzem em termos do parentesco e da aliança, e da rede de pessoas e casas, como construções físicas, na qual ela se define. Pois, numa configuração de casas, cada uma está vinculada através de uma urdidura de inter-relações de constrangimentos e obrigações. Isso permitirá

⁶ A noção levistraussiana de “casa” é analisada por Carsten e Hugh-Jones (1995) e os diferentes artigos que compõem a coletânea por eles organizada revelam a ligação entre as casas e as pessoas que as habitam.

⁷ A obrigação de cooperar se manifestaria por ocasião das escolhas individuais consideradas mais adequadas para melhorar as suas próprias condições em determinadas circunstâncias, lugares e momentos.

verificar como as casas situadas ao longo do rio Ouro Preto articulam-se, mesmo encontrando-se distantes entre si.

A possibilidade de se utilizar a noção foi aberta pelo próprio Lévi-Strauss (1992), ao indicar que, em alguns contextos, as sociedades de “casas” aparecem em forma embrionária. Não se trata, portanto, de ver a colocação como “casa”, no sentido de uma instituição estabelecida, mas como um esquema organizador, em termos da linguagem do parentesco e da aliança, das estratégias e práticas relativas à apropriação do espaço, à gestão dos recursos e à transmissão. A indicação feita por Lévi-Strauss (1996) da “casa” como categoria analítica que permite à Etnologia voltar-se para as sociedades abertas às turbulências da história é pertinente para se estudar a organização social dos seringueiros, pois, enquanto formação social, resulta de uma série de mudanças históricas ao longo de mais de um século de existência.

Finalmente, a noção de “casa” oferece a possibilidade de se estudar a organização social dos seringueiros sem desvincular a linguagem do parentesco e da aliança de outras esferas da vida social como a política e a economia (LÉVI-STRAUSS, 1996). Isso porque a “casa” pressupõe e permite uma manipulação dos laços do parentesco e da aliança no âmbito do jogo de interesses políticos, econômicos e fundiários, os quais visam, num momento e numa oportunidade, conquistar vantagens e, em outro, consolidar e perpetuar tais vantagens. A hipótese aqui é a de que a “casa” começa a constituir-se no momento em que surge, entre os seringueiros do Ouro Preto, a preocupação em garantir o retorno regular do patrimônio. Ou, ainda, em criar condições para a constituição de uma nova casa, por ocasião do casamento de algum dos filhos. Há, neste jogo, um cálculo inspirando e comandando a alternância entre expansão e retração das alianças matrimoniais. Nesse sentido, para se exprimirem e reproduzirem, tais interesses buscam na linguagem do parentesco as alternativas para contemplá-los (LÉVI-STRAUSS, 1992, 1996).

Embora a maioria dos estudos sobre campesinato tenham como base empírica grupos sociais dedicados sobretudo à agricultura, há também trabalhos voltados ao estudo de pescadores artesanais, sejam marítimos (DIEGUES, 1983) ou fluviais (FURTADO, 1993), os quais possuem uma estrutura social relativamente consolidada, no qual os processos de herança são freqüentemente definidos por regras costumeiras (MALDONADO, 1986; MOURA, 1978). Mesmo tratando-se de uma comunidade extrativista, o contexto que analisaremos aqui não difere tanto daquele chamado campesinato, por constituir-se a colocação numa unidade familiar de produção e

consumo. Almeida (1988, 1990, 1992) mostra como as famílias seringueiras vizinhas se articulam através do parentesco e do compadrio, e estabelecem relações de troca e cooperação eventual. Este autor argumenta contra as recorrentes afirmações do isolamento no qual vivem os seringueiros. Observa ainda que, o processo de trabalho não é atomizado, pois tanto na produção de borracha quanto na agricultura de subsistência são realizadas por equipes das quais participam membros do grupo doméstico ou famílias não relacionadas. Woortmann (1967:318), ao analisar o parentesco num seringal do Baixo Amazonas, conclui que, se o "homem pode sozinho executar o trabalho de coleta, ele não pode, simultaneamente, cultivar a pequena roça de subsistência de que necessita, e realizar tarefas secundárias mas indispensáveis, e que são geralmente reservadas à mulher". Para Zanoni (1979), a composição do grupo familiar é fator condicionante para introdução de novas atividades voltadas à reprodução.

A formulação de definições em torno da herança apresentava-se para os seringueiros do Ouro Preto como uma experiência nova, porque pela primeira vez enfrentavam a possibilidade de transmitir a colocação. Se até aquele momento o tempo de permanência nela estava definido pelos contratos de arrendamento, com o Decreto de criação da Reserva Extrativista foi-lhes assegurado o direito de permanência na colocação. Trata-se mais do que simples reconhecimento legal do patrimônio: representa a introdução de uma condição de possibilidade da gestação de um patrimônio mais amplo. Contudo, é preciso observar que o grupo não se define apenas pela espacialidade, mas também pela história, que pode ser apreendida em termos de mudanças e permanências⁸. Assim, tentarei entender como a área florestal ocupada é incorporada à estrutura tradicional baseada na barracão.

⁸ Para Sahlins (1999:180) não há "vantagem heurística" considerar como antitéticas, como faz o pensamento ocidental, a oposição estabilidade e mudança [história e estrutura como alternativas mutuamente exclusivas] "como se a persistência da estrutura através do tempo não fosse histórica". Franco (1995), em seu projeto de pesquisa, questiona se os novos tempos são com efeito novos, pois podem estar impregnados do tempo dos patrões.

Literatura antropológica sobre a sociedade do seringal

Poucas são ainda as etnografias sobre os seringueiros, especialmente dos que adquiriram autonomia em relação aos antigos patrões, os seringalistas. Abordando seringais organizados sob o padrão da empresa seringalista, tais etnografias objetivam, sobretudo, desvendar o regime de subordinação nas relações de trabalho sob o sistema de aviamento neles em vigor (ZANONI, 1979; TEIXEIRA, 1980, 1997; WAGLEY, 1988). Outros estudos abordam aspectos específicos da vida social dos seringueiros (SIMONIAN, 1986; WOORTMANN, K. 1967; ALMEIDA, 1992, 1994; ARAÚJO, 1998; MARTINI, 1998, BARBIN JR, 1999; FRANCO, 1995, 1997).

Woortmann (1967) apresenta dados importantes sobre a estrutura familiar dos seringueiros residentes no Baixo Amazonas. Simonian (1986), em estudo realizado no Médio Madeira, Estado do Amazonas, fornece informações sobre a condição da mulher e sua participação na atividade extrativista nos seringais situados às suas margens. Zanoni (1979), em pesquisa realizada no rio Tarauacá, Acre, faz a primeira etnografia sobre um seringal organizado segundo os moldes da empresa seringalista, característico daquele encontrado no início do século. Teixeira (1980) analisa a transformação da natureza em valor, a partir das relações de trabalho sob o sistema de aviamento em seringais situados no Vale do Guaporé, Rondônia, e no município de Humaitá, no Estado do Amazonas. Recentemente, este mesmo autor (1997), em estudo realizado em Rondônia, analisa as divergências entre as representações da natureza e das alterações nela produzidas pela colonização, a partir dos discursos de colonos e seringueiros que ocupam o mesmo espaço ecológico. Interpreta tais divergências vinculando-as às tradições e experiências vivenciadas pelos sujeitos com o meio.

Almeida (1988, 1992, 1994), em estudo sobre os seringais no estado do Acre, analisa, da perspectiva da antropologia econômica, o processo de trabalho dos seringueiros do Alto Juruá, e aborda a economia extrativista a partir do grupo familiar tomado como unidade de produção e consumo no interior do qual são tomadas decisões orientadas pelas oportunidades da economia de mercado e pelas necessidades de auto-subsistência. Para este autor, a casa florestal, produzida pelo trabalho, é formada por um grupo de parentes definido pelo direito a uma posse particular e perpetuada através de cognatos ou herdeiros adotivos. Reproduz uma “forma de articulação entre natureza, pessoas e coisas por meio de uma técnica e objetivando um fim” (1992:316) e

caracteriza-se por constituir-se na conjugação da construção física, da família e da residência comum expressa na noção de lar.

Em contextos posteriores à criação da Reserva Extrativista, já foram realizados cinco trabalhos, todos no Alto Juruá, Estado do Acre. Martini (1998) descreve os processos de ocupação e formação de redes sociais numa região de fronteira entre Brasil e Peru por famílias de seringueiros. Araújo (1998) estuda as mudanças no universo religioso e das práticas de cura por uma parentela do rio Tejo. É importante citar o trabalho original de Wolff (1999) que, a partir de uma reconstituição histórica, aborda a história social das mulheres na constituição do seringal nessa mesma região. Um dos méritos do seu trabalho consiste em cruzar diferentes temporalidades e fontes narrativas em que convivem simultaneamente, processos judiciais e memória oral das mulheres mais idosas.

Franco (1995) estuda as relações entre as trajetórias individuais, as estratégias familiares e as mudanças históricas desde o início da frente extrativista até a criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá, Acre, com base numa reconstrução histórica a partir da biografia de uma parentela. Em outro artigo (1997), esta mesma autora adota uma narrativa dialógica com os diários de uma jovem residente no Alto Juruá, tomando-os como forma de acesso à vida social dos seringueiros residentes naquela região e do universo de uma adolescente. Ainda no mesmo contexto etnográfico, há que se fazer referência ao estudo realizado por Barbin Jr (1999) sobre os modelos de assistência em saúde popular e biomédica a partir da ótica dos usuários e praticantes para entender o sistema local de saúde. Para o autor, tais modelos ao atuarem por aproximações, afastamentos e intercâmbios, formam um sistema dinâmico de atendimento.

Em seu estudo, Costa (1998), analisa as mudanças na organização política dos seringueiros do Alto Juruá a partir de processos locais que envolvem a participação de diferentes agentes políticos. Tem como preocupação central entender como é possível ampliar a democracia, especialmente na administração participativa da Reserva Extrativista, num contexto profundamente marcado por relações clientelistas, assistencialistas e patronais.

Finalmente, faço referência a três perícias antropológicas realizadas no Acre por solicitação da Procuradoria Geral da República que fornecem dados importantes sobre um período bastante conturbado na história dos seringueiros daquele Estado no que se refere à posse, ao trabalho e ao sistema de aviação (FRANCO, 1993; LIMA, 1993; O'DWYER, 1989).

Não foi propósito realizar, nos limites deste trabalho, uma revisão aprofundada dos estudos acima citados para estabelecer com eles um debate teórico, razão pela qual os apresento resumidamente nesta seção. Também não pretendo realizar um trabalho comparativo, ainda que ao longo dele estabeleça comparações pontuais. Embora as configurações da sociedade do seringal empiricamente observadas possuam complexidades distintas e especificidades locais nos diferentes estados da Amazônia, elas mantêm uma similaridade estrutural com relação ao sistema de aviação, ao uso dos recursos, etc, como pode ser verificado na literatura existente, antropológica ou não, independentemente dos aspectos sociais ou culturais tomados como objeto e do período em que foi escrita. As comparações, quando referidas, ocorrem muito mais para lançar luz e contribuir para ampliar a interpretação do material etnográfico referente ao rio Ouro Preto, especialmente no tocante à apropriação e ao uso dos recursos florestais por grupos familiares. Tais comparações se dão, sobretudo, em relação aos estudos que tiveram a Reserva Extrativista como objeto, pois eles possibilitam verificar o significado da sua criação e das mudanças dela decorrentes em outro contexto etnográfico.

Pesquisa de Campo

A opção por estudar esta área deveu-se ao fato de já ter trabalhado em Rondônia desde 1988, acompanhando o movimento dos seringueiros como técnico do Instituto de Estudos Amazônicos, na ocasião entidade assessora do Conselho Nacional dos Seringueiros – CNS, para a criação de Reservas Extrativistas. O primeiro contato com os seringueiros do rio Ouro Preto se deu em 1989, quando participei do I Encontro dos Seringueiros de Guajará Mirim. Entretanto os dados etnográficos aqui analisados foram obtidos durante a pesquisa de campo realizada em diferentes períodos entre 1990 e 1992, totalizando três meses de convivência com as famílias no interior do seringal.

Admitindo a participação anterior nestes eventos, esclareço que, no momento da pesquisa, não mantinha mais vínculos com as instituições governamentais ou não-governamentais, envolvidas na criação e na implantação da Reserva. Sempre informei meus interlocutores desse fato, assim como minha pesquisa era um dos requisitos para avaliação na escola onde estudava.

Apesar de ter explicado não poder intervir diretamente, no sentido de garantir melhorias nas suas condições de vida, muitos seringueiros expuseram suas expectativas em relação ao meu trabalho, questionando sobre sua utilidade, além de ser apresentado na universidade. Para muitos não era importante escrever um *livro*, porque *já falam no seringueiro*, mas sim garantir melhor preço para a borracha, mercadorias mais baratas e a formalização da permanência na colocação. Nestas ocasiões sempre ponderei que as decisões envolvendo os problemas por eles enfrentados estavam muito além das minhas influências e do meu alcance naquele momento. Sabendo que o não cumprimento de uma promessa coloca a pessoa em descrédito, evitei assumir qualquer compromisso impossível de ser atendido. Procurei esclarecer que com um trabalho bem feito poderia contribuir para atuação das instituições, possibilitando seus técnicos, muitas vezes pessoas que nunca estiveram num seringal, entenderem melhor o modo de vida dos seringueiros e levarem-no em consideração quando da elaboração dos projetos que estavam pleiteando.

Os dados etnográficos foram obtidos através de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas; conversas informais; registro, em caderno de campo, da observação sistemática das atividades mais relevantes e do cotidiano das famílias com as quais estive hospedado. Para um melhor entendimento da organização e ocupação espacial foram feitos esboços das estradas de seringa⁹ e mapas da distribuição das colocações sobrepostos à genealogia das famílias e das alianças estabelecidas entre elas.

A pesquisa de campo abrangeu 48 das 75 famílias que residiam permanentemente no perímetro da Reserva, embora tenha visitado praticamente todas elas em suas casas. Ficaram de fora as colocações situadas entre o ramal do Pompeu e a foz. Entretanto tive oportunidade de conversar ou entrevistar alguns seringueiros residentes nesse trecho quando os encontrava na sede da Associação em Guajará-Mirim.

Subi o rio pela primeira vez em junho de 1990, onde permaneci por uma semana, a fim de ter um primeiro contato com as pessoas em suas residências. Durante a viagem, fui conduzido, num barco pertencente à Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim - ASGM, pelo representante do CNS¹⁰ no município. No início de outubro de 1991, retornei ao Ouro Preto com objetivo de lá permanecer até o final de

⁹ Trilhas abertas no interior da floresta ao longo das quais encontram-se as árvores das quais se extrai o látex.

¹⁰ Frequentemente os seringueiros associavam a Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim ao Conselho Nacional dos Seringueiros, referindo-se a ela como *Conselho*.

dezembro. Entretanto no final do mês de novembro, comecei a sentir os primeiros sintomas de malária, sendo obrigado a interromper o trabalho.

Como os surtos de malária sempre retornavam, apesar dos cuidados médicos, só consegui voltar à região em junho de 1992, onde permaneci por seis meses, dois dos quais dedicados especificamente ao trabalho de campo. Nesse período acompanhei o trabalho desenvolvido por um conjunto de entidades não-governamentais que prestavam assessoria aos seringueiros do Estado¹¹. Essa atividade permitiu-me entrar em contato com realidades diferentes daquelas encontradas no rio Ouro Preto e ampliar meu conhecimento sobre os distintos contextos vivenciados pelos seringueiros em outros municípios¹² de Rondônia.

Pelo fato de a pesquisa de campo ter ocorrido durante um período no qual os seringueiros enfrentavam uma série de problemas no acesso aos bens de consumo necessários a sua subsistência e o baixo preço pago pelo quilo de borracha, evidenciavam nas suas falas as referências a essa crítica situação. A minha própria presença foi interpretada no interior desse contexto, inicialmente, tomada por alguém fazendo a avaliação do trabalho da Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim, ou seja, uma espécie de *fiscal*, pois a ela estava sendo atribuída a responsabilidade pela difícil situação por eles enfrentada.

Mesmo com a irregularidade no abastecimento, os seringueiros foram receptivos e hospitaleiros. Em 1991 quando meu suprimento de alimentos, *o rancho*¹³, terminou, por compartilhá-lo com as famílias nas casas em que me hospedei, as quais não estavam tendo acesso às *mercadorias*¹⁴ há aproximadamente dois meses, pela falta dos marreteiros para repor o estoque de bens de consumo alimentar. Pretendia então interromper o trabalho para me reabastecer na cidade. Havia planejado adquirir alguns

¹¹ Em agosto de 1992 tivemos oportunidade de acompanhar a visita de uma missão da Comunidade Econômica Européia ao rio Ouro Preto que estava percorrendo as Reservas Extrativistas já criadas na Amazônia. Durante quatro dias, no mês de outubro, acompanhamos uma equipe de técnicos da EMBRAPA e do INPA que estavam levantando informações para elaboração de um projeto para implementação de sistemas agroflorestais na Reserva Extrativista. Acompanhar esses dois grupos permitiu-nos observar como a proposta de desenvolvimento de atividades agrícolas era recebida pelos seringueiros, bem como as expectativas quanto à produção de borracha.

¹² Essas diferenças são caracterizadas pelo fato de haver seringueiros extraíndo seringa em áreas indígenas, em outras modalidades de unidade de conservação como a Reserva Ecológica do Guaporé e a Floresta Nacional do Jamari, em áreas de floresta ainda existentes nas proximidades dos assentamentos dos projetos de colonização, em área das Forças Armadas e daqueles residentes nas cidades que se deslocam sazonalmente para antigos seringais.

¹³ Os termos, expressões e trechos em *itálico* referem-se à categorias ou falas dos próprios seringueiros do rio Ouro Preto.

¹⁴ O termo *mercadoria*, quando em *itálico* no texto, refere-se à categoria local utilizada para designar os bens de consumo adquiridos seja dos marreteiros, seja no barracão do patrão.

produtos junto aos marreteiros ou ao barco da Associação, *o barco do Conselho*. Porém este subiu o rio somente vinte dias após minha chegada, mesmo assim, trazendo mercadorias em quantidade insuficiente para abastecer satisfatoriamente as famílias. Cientes do meu propósito, os próprios seringueiros disseram que para eles não haveria problema se eu não fizesse questão de comer apenas farinha e peixe por um tempo. Nessa circunstância pude observar o quanto os seringueiros ainda dependiam do fornecimento de produtos externos para sua subsistência.

Encontrei também dificuldades para deslocar-me entre as colocações por depender dos seringueiros para conduzirem-me, inclusive porque em alguns trechos do rio a distância entre elas é grande e apresenta muitos obstáculos à navegação. Essa limitação à minha circulação implicou a permanência com algumas famílias mais tempo que o planejado. De qualquer maneira, durante o período permanecido em campo sempre estive em sua companhia, podendo assim observar as suas práticas e conversar com eles para obter informações as quais eram posteriormente registradas no diário de campo.

Considero que a dificuldade de mobilidade, ao contrário de se constituir num obstáculo, converteu-se, ela própria, num dado etnográfico, por permitir apreender o rio como importante via de transporte e comunicação. Acompanhar as transposições dos obstáculos existentes ao longo do seu curso revelou os apuros enfrentados pelos seringueiros, o conhecimento que possuem dele e outra noção de temporalidade.

Caminhar pelas trilhas existentes na mata em companhia dos seringueiros, naufragar com a embarcação da Associação, contrair malária ainda quando estava no seringal e ficar na dependência de transporte como qualquer um deles aproximou-nos ainda mais. A longa permanência no rio, mesmo trazendo ônus para as famílias que me hospedaram, foi valorizada porque, depois de criada a Reserva, muitas pessoas tinham subido o rio e lá permanecido apenas por poucos dias. Dessas, poucas foram aquelas a se comunicarem diretamente com eles por não falarem português. Ouvir falar da visita de outras pessoas no seringal, levou-me a pensar na minha própria presença, que por ter compartilhado de seu alimento, ouvido suas críticas, expectativas e projetos de vida, estaria também entrando nas suas histórias de vida e tornando-me também uma peça nas suas estratégias¹⁵.

¹⁵ Ver análise de Costa (1998) sobre o significado da presença de agentes externos, especialmente do pesquisador, no caso da Reserva Extrativista do Alto Juruá.

Esses encontros revelam a tensa relação de expectativas que se cria entre pesquisador e a população por ele estudada, uma vez que se estabelece uma seleção estratégica das informações, pois se atribuem lugares distintos a cada um dos sujeitos definindo o que deve ser ou não revelado. A interpretação, por outro lado, também não é descompromissada porque está situada numa sociedade abrangente em conflito com a sociedade local. Por vezes, é neste contexto de conflito que o antropólogo torna-se tradutor, intérprete e interlocutor.

Por não ter como pesquisar casos em que a transmissão tivesse se efetivado, adotei como alternativa a interpretação do discurso dos seringueiros sobre a questão da herança, referindo-a às práticas específicas como ações significativas, para nessa relação tentar encontrar um sentido para a construção e orientação de suas estratégias. Por encontrarem-se os processos locais de herança ainda em fase de gestação, as suas falas expressavam ambigüidades, incertezas e contradições, próprias daquelas situações de interinidade resultantes de mudanças sobre as quais não exercem controle. Tal situação apresenta-se como uma dificuldade para se apreender algo que não se encontra ainda efetivado na experiência social do grupo, mas que ele formula como um problema para o seu futuro. Apesar das referências ao passado idealizado serem recorrentes, uma vez que ele se constitui num elemento ordenador do presente ao prover um modelo de ação baseado na experiência anterior (SAHLINS, 1999; DOBROWOLSKI, 1979), deve-se considerar que “a lógica das transformações toma formas diferentes segundo as situações econômicas e sociais nas quais ela se realiza” (BOURDIEU, 1979:12). Idealização associada às mudanças atuais, não num corte mecânico entre passado e presente, que valoriza os elementos positivos do primeiro em contraposição aos negativos do segundo (CARNEIRO E MONT-MOR, 1983).

Uma das questões com as quais me defrontei a partir da decisão de pesquisar os processos decorrentes das mudanças no regime de apropriação, especificamente aqueles relativos à herança, escolhendo o discurso como material a ser interpretado, consistiu na interferência das minhas preocupações no modo como os seringueiros refletiam sobre ela. Em alguns casos, as perguntas suscitavam dúvidas que até então não tinham se revelado de forma consciente¹⁶.

¹⁶ Lévi-Strauss (1986) observa que sempre sutis mudanças são sempre inseridas pela própria presença do pesquisador, as quais consistem, basicamente, na introdução de questões até então ausentes na auto-reflexão do grupo social que se está pesquisando.

Após oito anos, os dados continuam tendo relevância por expressarem um período bastante efervescente na vida daquelas famílias, pois as mudanças colocadas em curso apresentavam problemas diante dos quais elas precisavam encontrar soluções próprias, sob pena de verem inviabilizadas as suas próprias reivindicações. Além disso, estes dados oferecem a possibilidade de analisar como esse grupo social enfrentava os dilemas colocados num momento de transformações cruciais e complexas. A retomada deste material etnográfico certamente dará subsídios a outras pesquisas que tenham por objetivo verificar o redirecionamento dessas ou de outras dimensões da vida daqueles seringueiros.

Este texto foi construído a partir da releitura dos dados etnográficos obtidos há oito anos. Embora mantenha com eles um distanciamento temporal e espacial, não perdeu a proximidade subjetiva. Incorpora perspectivas teóricas não adotadas quando da realização da pesquisa de campo. Neste sentido algumas questões não foram colocadas e nem respondidas pelos seringueiros na ocasião. Responder a tais perguntas resultou da reinterpretação dos dados disponíveis. Evidentemente que tomei a precaução de não buscar uma coerência explicativa além daquela por eles permitida. Procurei, todavia, tornar inteligível o modo de vida das famílias seringueiras conectando fatos que possibilitassem a construção de um sentido que permita a compreensão das expectativas e dilemas por elas enfrentados, bem como as estratégias e escolhas então adotadas.

Dividido em cinco capítulos, este trabalho foi redigido como uma composição que entrelaça a textualização da minha própria interpretação do observado e do discurso dos seringueiros com categorias, expressões, argumentos e sentenças nativas. Fragmentos de discursos foram selecionados por terem sido recorrentes nas falas, tanto na sua expressão literal quanto no conteúdo semântico, por exprimirem mais adequadamente um significado compartilhado.

No primeiro capítulo sumário a história da atividade extrativista na Amazônia, focalizando no rio Ouro Preto, com a intenção de apresentar alguns elementos constitutivos da formação histórica da sociedade do seringal que permitam compreender a substituição do barracão pela casa como centro de referência e verificar o quanto as mudanças são percebidas e recriadas de acordo com esquemas culturais construídos historicamente.

No segundo, apresento descritivamente os diferentes espaços apropriados e usados pelos seringueiros. A tais espaços correspondem distintas representações e atividades que passaram por transformações no curso da história desse grupo e são

fundamentais para o entendimento das estratégias de reprodução, seja a curto seja a longo prazo.

O terceiro é dedicado à organização familiar e ao parentesco, dimensões essenciais para compreender a gênese da casa no contexto do seringal. É no âmbito dela que estavam sendo definidas e tomadas decisões sobre as formas de apropriação, gestão e transmissão. Além disto, permitem constatar a constituição de uma rede de casas dispersas espacialmente, mas vinculadas pelo parentesco e pela aliança.

Descrevo, no quarto capítulo, a vida cotidiana e a percepção que os seringueiros tem dela. Embora o bem estar da família dependa do trabalho dos seus integrantes em diferentes atividades produtivas desenvolvidas simultaneamente ou alternadamente, fatores externos contribuem para que ele seja alcançado com maiores ou menores dificuldades. A vida era por eles avaliada em termos comparativos com o tempo passado, o do barracão.

No último capítulo analiso especificamente as transformações históricas nas formas de apropriação do espaço e dos recursos naturais nele existentes e as práticas de gestão correspondentes a cada um deles. Chamo a atenção para o fato de a gestão dos recursos naturais estar revestido de uma dimensão simbólica e vinculado à cosmologia seringueira. Na última seção deste capítulo abordo mais detidamente a questão da herança, tal como ela apresentava-se para os seringueiros naquele momento.

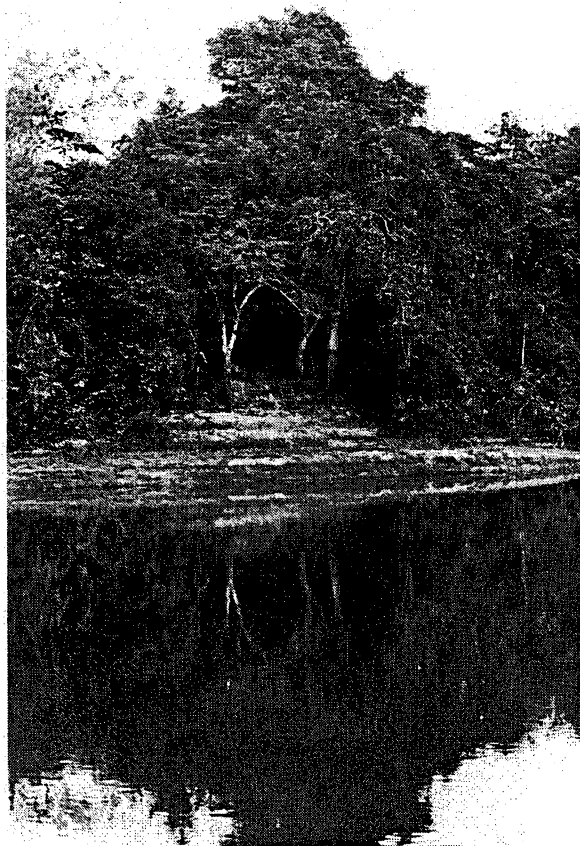
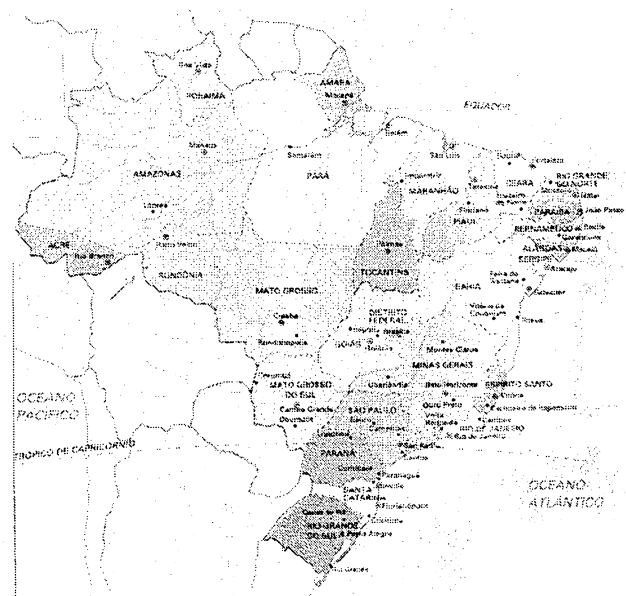
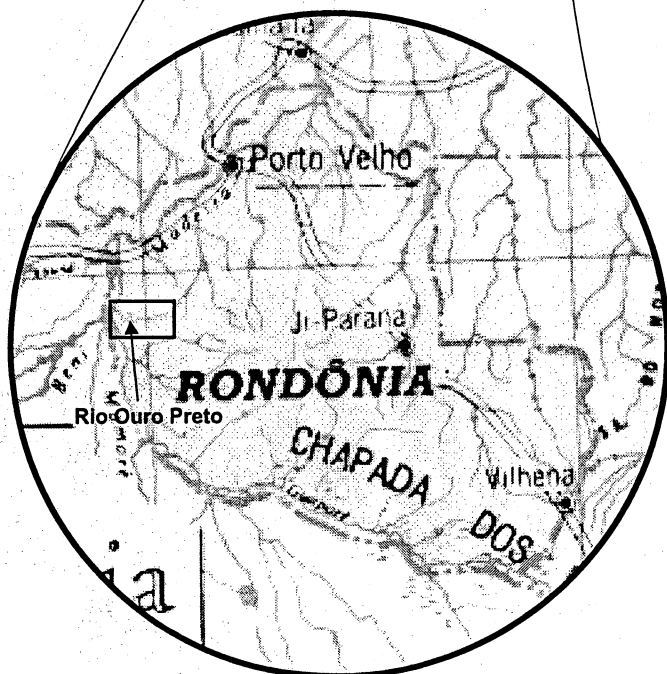
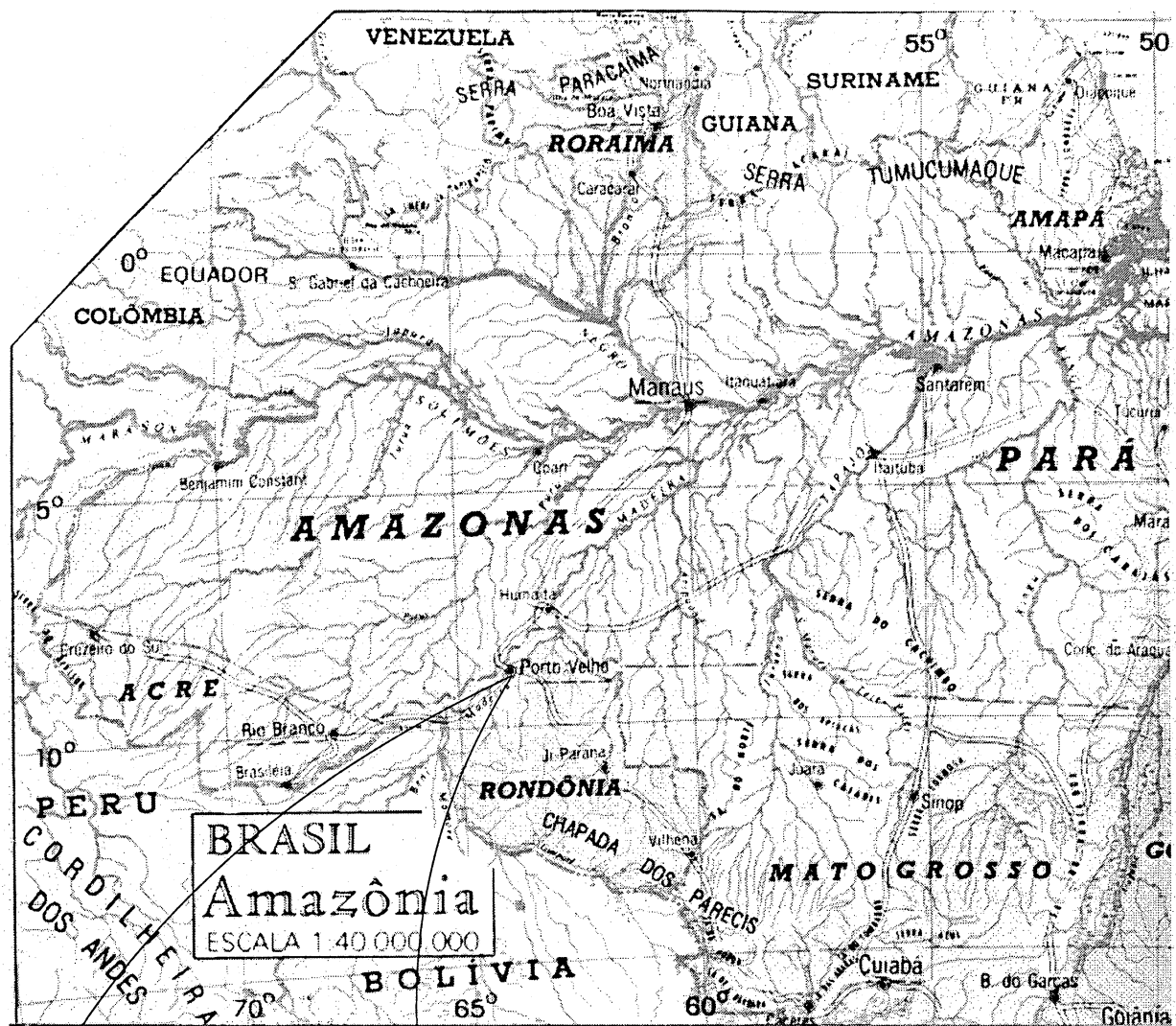
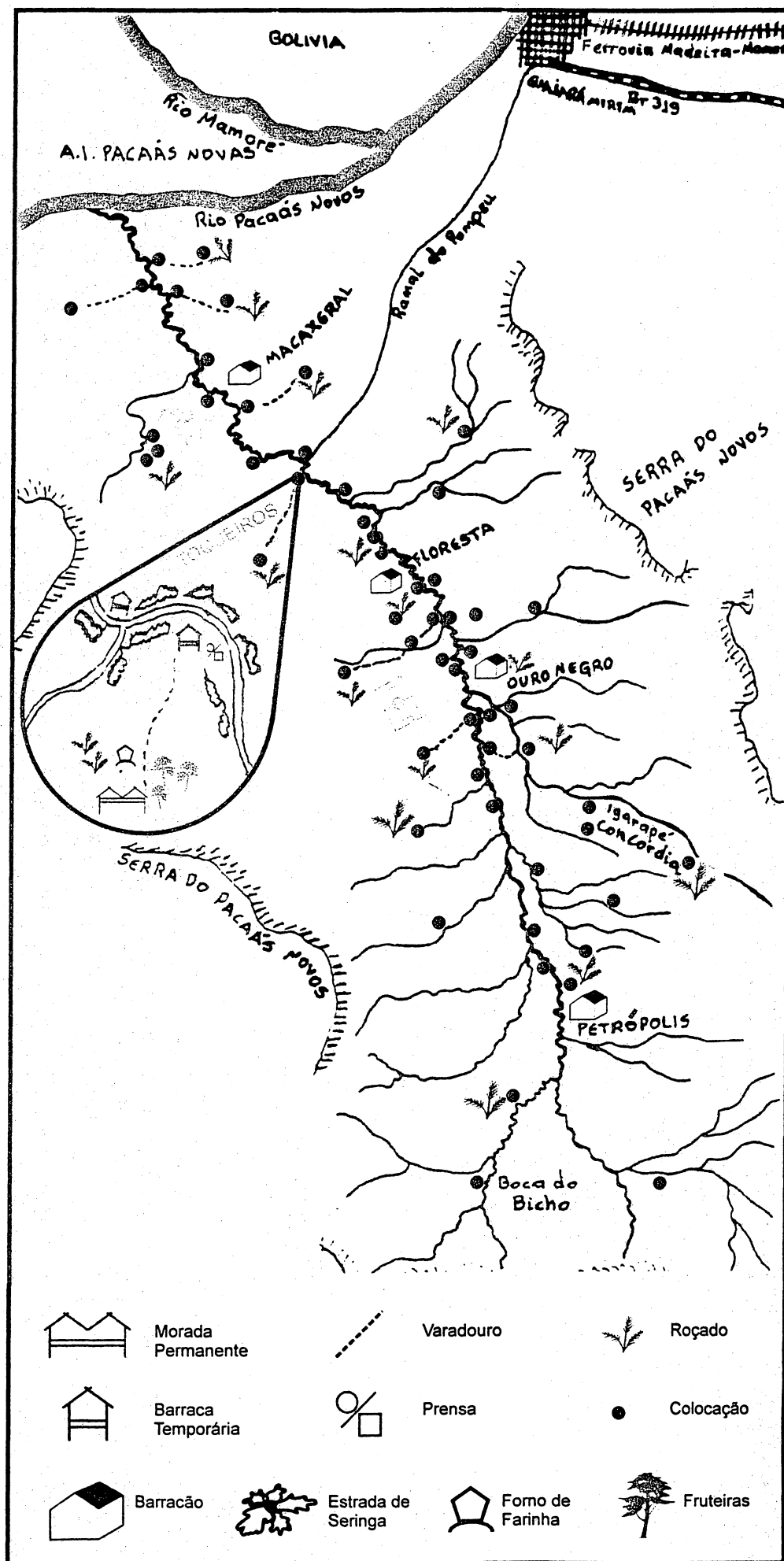


Foto 1 - Boca da estrada de seringa na margem do rio Ouro Preto

LOCALIZAÇÃO DO RIO OURO PRETO NO ESTADO DE RONDÔNIA



Croqui do Rio Ouro Preto e distribuição das colocações



1 - DO “*BOOM*” DA BORRACHA ¹⁷ À RESERVA

Não há possibilidade de pensar e escrever a história social, cultural, econômica, política e ecológica¹⁸ da Amazônia¹⁹, desde o descobrimento até os dias atuais, sem incluir, com destaque, a atividade extrativista, especialmente a do látex. Entretanto, como observa Wolff (1999), esta história não deve ser vista de forma fetichizada, pois as relações sociais e as relações com a natureza não são homogêneas, em virtude da diversidade cultural e das experiências vividas na floresta.

Nesta seção, darei uma breve panorâmica da história da ocupação da região do rio Ouro Preto²⁰ pela frente extrativista, a fim de entender o seu significado para a formação da sociedade do seringal e a interpretação que os seringueiros fazem dela. Nota-se, entretanto, que nenhum dos seringueiros residentes no período de realização da pesquisa encontravam-se lá antes da década de 40, mas trabalharam em outros rios da região ou em seringais de outros estados. Observação que vale também para as mulheres indígenas, pois os grupos aos quais pertenciam, Makurap e Tupari, ocupavam a região do rio Branco, situado mais ao Sul do Estado de Rondônia. Entretanto é preciso ter em mente o fato de que as interpretações dos eventos²¹ históricos aqui relatados pelos seringueiros implicam um deslocamento da escala temporal e são apreendidos conforme categorias culturais pré-existentes (SAHLINS, 1999). Nesse sentido, a periodização

¹⁷ Weinstein (1993:89) considera que esse termo, indicando explosão de prosperidade sem qualquer transformação estrutural, é impreciso, mas expressa sucintamente “a agitação e a confusão de uma sociedade que experimenta um surto insólito de atividade econômica”

¹⁸ Balée (1992) propõe o desenvolvimento de uma ecologia histórica para estudar as intervenções humanas nos ecossistemas amazônicos ao longo do tempo.

¹⁹ Como reconstruir uma história econômica, social e política da produção de borracha na Amazônia seria demasiado extenso, remeto ao trabalho de Santos (1980), Dean (1989) e Weinstein (1993).

²⁰ O nome Ouro Preto é uma alusão à borracha, que pelo seu alto valor no início do século era considerada ouro negro devido à cor escura resultante do processo de defumação

²¹ Segundo Sahlins (1999), o significado dos eventos são projetados a partir de um esquema cultural. É

histórica a seguir apresentada não corresponde necessariamente àquela construída através da memória pelos sujeitos, uma vez que introduzem o presente no passado.

São poucas as informações sobre a ocupação da micro-bacia do Rio Ouro Preto pela frente extrativista, no final do século XIX, ocorrida possivelmente entre 1850 e 1870 (OLIVEIRA, 1982; SANTOS, 1980; VILAÇA, 1992), e início do século XX. Sabe-se, no entanto, que esse rio foi uma via de penetração de seringueiros por encontrar-se numa região com alta concentração de seringueiras. Seringueiros mais velhos disseram que era conhecido como *um rio de leite*, tal o volume da produção.

O vale do rio Ouro Preto²², área onde foi criada a Reserva Extrativista, era o centro geográfico dos territórios imemoriais dos wari, para quem esse espaço constituía-se, enquanto cenário do universo, no berço mítico e palco das migrações (MEIRELES, 1986; VILAÇA, 1992). A ocupação da região foi realizada com a expulsão dos grupos indígenas que a habitavam. Segundo informações fornecidas por seringueiros mais velhos, para perseguir e expulsar os índios, os patrões contratavam os serviços de peruanos. Posteriormente, os próprios seringueiros passaram a se reunir sob o comando do gerente do seringal ou uma pessoa por ele designada para efetuar tal trabalho. Praticamente todas as roças foram abertas em antigas *capoeiras de índio*, onde eram encontrados, enterrados no solo, machados de pedra, objetos de cerâmica e os *pães de índio*.

São recorrentes os relatos de confrontos entre os *caboclos*, como são chamados os índios pelos seringueiros, e os *civilizados*, como estes se auto identificam frente àqueles. Quando estavam em suas barracas ou trabalhando nas estradas de seringa, os seringueiros eram atacados. Eram, também, vítimas de armadilhas que consistiam em estrepes envenenados, deixados no chão, ao longo das trilhas existentes no interior da mata. A afirmação, *tinha índio brabo de comer gente*, reforça a existência de práticas de exo-canibalismo indicadas por Vilaça (1992). Muitos seringueiros mortos na mata não eram encontrados porque, segundo explicações, eram carregados pelos índios para serem consumidos em rituais de canibalismo. Em represália aos ataques, eram realizadas frequentes expedições punitivas com o patrocínio dos seringalistas. Há referência a um indivíduo que chegou a adquirir uma metralhadora para eliminar os

interpretação do acontecimento e como tal varia.

²² Na língua Wari, Ouro Preto era Tao Paná, Paná nome genérico para pau, madeira e Tao não foi traduzido.

índios que invadiam o seu seringal. Ele respondia processo por genocídio, mas faleceu antes do julgamento.

Até o início da década de sessenta os conflitos com os Wari foram intensos, levando à intervenção do próprio Governo Federal. No exemplar do jornal “O Imparcial” de 28 de maio de 1961, exposto no museu de Guajará-Mirim, uma das notícias informa sobre um padre que os índios mataram a flechadas em área próxima da cidade. Meireles (1986) refere-se a três seringueiros mortos próximo a foz do rio Ouro Preto perto do Posto Indígena Tanajura, um em 1959, outro no ano de 1961 e o último em 1966.

Em 1912, último ano em que o Brasil foi o maior exportador mundial de borracha, era concluída a última etapa da Ferrovia Madeira-Mamoré, ligando Guajará-Mirim a Porto Velho. Através dela deveria ser escoada a borracha produzida na Bolívia e nos vales dos rios Mamoré e Guaporé. No ano seguinte, instalou-se naquela cidade um escritório da casa aviadora americana Guaporé Rubber Company, subsidiária da The Mamoré Rail Company, que atuou na região até 1930, aviando os seringalistas do vale do Mamoré (MENEZES, 1981). A vertiginosa queda de preço do produto no mercado internacional tornou desvantajoso o seu transporte pela ferrovia devido o valor das tarifas, impedindo o escoamento da produção (FERREIRA, 1987). Esse mesmo autor registra a ocorrência, em setembro de 1913, de uma revolta envolvendo seringueiros e seringalistas decididos a destruir a ferrovia se a empresa não embarcasse a borracha para transportá-la para Porto Velho. Chegaram a ocorrer algumas ações isoladas danificando a estrada e o bloqueamento dos telégrafos.

Por volta de 1914, quando o preço da borracha natural dos seringais nativos passou a enfrentar a concorrência dos baixos preços do produto no mercado internacional, provocado pela entrada da produção dos seringais de cultivo da Ásia, a atividade estava sob o controle das empresas seringalistas. Durante o período, os seringueiros, a maioria dos quais vindos do Nordeste, trabalhavam sob um rígido sistema de subordinação da força de trabalho. Eram, então, obrigados a dedicar-se, exclusivamente, à produção de borracha. O endividamento dos seringueiros junto ao barracão iniciava com sua chegada ao seringal, pois incluía o custo da viagem, e a violência constituíam-se nos principais mecanismos de subordinação dos trabalhadores empregados pelos patrões para assegurar a sua permanência nos seringais. A fim de garantir a dependência dos seringueiros ao barracão, sede administrativa e entreposto comercial da empresa seringalista no interior da floresta, os patrões os impediam de

produzir sua alimentação através de uma agricultura de subsistência (FERREIRA REIS, 1953; OLIVEIRA, 1982; SANTOS, 1980; WEINSTEIN, 1993). Em virtude de sua dependência e submissão ao patrão, o seringueiro era conhecido como *cativo*, o que expressa com eloquência a sua condição²³.

É oportuno, neste momento, interromper este breve relato histórico para tecer algumas considerações sobre o sistema de aviamento. Como se sabe, o sistema se fundamenta em uma dívida que, por sua vez, determina a subordinação do seringueiro ao patrão. Embora, ao longo do tempo, tenham variado suas manifestações empíricas, o sistema de aviamento pode ser apreendido como estruturante da sociabilidade seringueira. Seu conteúdo simbólico organiza as relações sociais mesmo em contextos de mudanças. Autores como Santos (1980), Almeida (1992) e Geffray (1992), em suas análises sobre a relação de subordinação do seringueiro ao patrão, recusam pensá-la exclusivamente em termos de “escravidão pela dívida”, por entenderem que entre os dois se estabelecia uma rede de prestações baseada no consentimento²⁴. Entretanto, tratava-se de uma subordinação servil, independentemente do grau de consentimento que podia ter neste ou naquele contexto.

O sistema de aviamento caracteriza-se pelo fornecimento a crédito de bens de consumo, instrumentos de trabalho e, em algumas circunstâncias, de determinadas quantias em dinheiro mediante o compromisso de pagamento posterior com a produção. Para Santos (1980:158), o aviamento constituiu-se numa forma econômica tipicamente amazônica que “engendrou uma moralidade própria eminentemente característica nos seringais”. A dívida extravasa sua dimensão estritamente econômica e apresenta-se também como um sistema de obrigações que se exprimem na linguagem do parentesco, o que pode ser observado na associação patrão/pai/padrinho. Neste contexto, a submissão é percebida pelo seringueiro como uma obrigação de ordem filial e pessoal (GEFFRAY, 1992).

²³ Euclides da Cunha a ela se refere como sendo “a mais criminoso organização de trabalho que inda engendrou o mais desajustado egoísmo (...) o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se” (CUNHA, 1986:36).

²⁴ O significado social da dívida nos seringais amazônicos pode estar relacionado à origem nordestina da maioria dos seringueiros. Gnaccarini (1980), referindo-se a *Os Sertões* de Euclides da Cunha, sugere que os sertanejos, nas relações de troca e reciprocidade com os proprietários da terra, pautavam-se por um “contrato” sagrado, que dispensava aparatos coatores e pressupunha uma “honra estamental” inscrita na tradição. Segundo o autor, haveria uma rede de obrigações sagradas na esfera do intercâmbio econômico. Esta observação indica a possibilidade de as mesmas relações terem se reproduzido nos seringais. Mais contemporaneamente, Lanna (1995) interpreta a patronagem e a dívida como uma relação simultaneamente recíproca e hierárquica. Segundo esta linha de raciocínio, a presença de “escravidão por dívida” não exclui necessariamente a presença de consentimento mútuo.

O livro contábil do barracão é emblemático do sistema de aviamento. Nele eram registradas tanto as aquisições das mercadorias quanto a entrega da produção de cada seringueiro. Obtinha saldo aquele produtor cuja quantidade de borracha ultrapassa-se o valor do seu débito, em caso contrário mantinha-se endividado. Entretanto, os patrões adotavam diferentes fórmulas para assegurar a manutenção da dívida, as quais poderiam ser a adulteração dos valores ou a venda de mercadorias especiais como espingardas, perfumes ou mulheres. Para Geffrey (1992), o patrão invocava o livro contábil para impor ordem com legitimidade, pois ele era reconhecido como a inscrição de ligações sociais profundas com base na dívida. Assim, atos de benevolência do patrão (assistência em caso de doença, parcelamento do débito) aumentavam a dívida imaginária, as obrigações pessoais e o sentimento, por parte do seringueiro, de ser um devedor moral, razão pela qual saldá-la possui um sentido de status e honra (idem).

O *débâcle* do preço da borracha no mercado internacional fez sentir seus efeitos na região amazônica, obrigando muitos patrões a abandonarem a atividade por não conseguirem saldar suas dívidas junto às casas aviadoras. Em Rondônia, a maioria dos seringais permaneceram abandonados até a década de 40, quando, através dos Acordos de Washington, os antigos seringalistas passaram a obter financiamentos do Banco de Crédito da Borracha, criado com tal finalidade em 1942. No contexto da Segunda Guerra Mundial, tais financiamentos visavam estimular a retomada da produção para atender o mercado aliado privado da matéria-prima, naquele momento considerada estratégica, em razão da invasão dos seringais asiáticos pelos japoneses. Novamente foram recrutados, pelo Ministério da Guerra, trabalhadores nordestinos para serem enviados aos seringais para que extraíssem látex para a produção de borracha²⁵. Eram os Soldados da Borracha, convocados para contribuir com o esforço de guerra, mesmo sem terem qualquer experiência de vida na mata ou no trabalho de extração do látex. Antigos seringueiros que permaneceram dispersos pela região lhes ensinaram a cortar e a defumar. Embora os direitos trabalhistas estivessem assegurados pelos Acordos, os novos trabalhadores foram submetidos ao sistema de aviamento, o mesmo regime de

²⁵ Segundo o relatório da Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia - CAETA, foram conduzidos para a região amazônica 23.000 trabalhadores, entre outubro de 1943 e 1945. Contudo esse número pode ter sido muito superior porque, anteriormente, o Serviço de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia - SEMTA já havia encaminhado outros tantos, além daqueles que para lá se dirigiram espontaneamente (MARTINELLO, 1985). Benchimol (1977) estima que entre 1941 e 1945 chegaram à Amazônia aproximadamente 150 mil pessoas, entre adultos e crianças.

subordinação do trabalho existente nos seringais no início do século (MARTINELLO, 1988).

Com o final da guerra e dos incentivos provenientes dos Acordos de Washington, os seringalistas passaram a contar apenas com os financiamentos do Banco de Crédito da Borracha, posteriormente transformado em Banco da Amazônia - BASA. Enquanto obtinham recursos junto ao banco, os patrões continuaram aviando os seringueiros. Assim, o extrativismo do látex pôde subsistir, mantendo o mesmo sistema graças a uma política de créditos aos seringalistas. Porém com a suspensão definitiva dos empréstimos bancários em meados da década de sessenta, assistiu-se novamente à insolvência dos patrões. Estes, impossibilitados de saldarem suas dívidas, abandonaram os seringais ou passaram a arrendar as colocações aos seringueiros, caso do rio Ouro Preto que, nesse período, estava dividido em trechos controlados pelos seringalistas Manoel Manussakis, Conrado Faria e por outro seringalista conhecido como Pernambuco.

Abrandadas as rígidas relações de trabalho, o seringueiro que permaneceu pôde constituir família e diversificar sua atividade produtiva, dedicando parte do seu tempo à agricultura, à caça e à pesca de subsistência, à extração de outras essências vegetais e à coleta de frutos. Mesmo assim, a produção da borracha continuou sendo sua principal atividade econômica e elemento estruturante do seu modo de vida. A possibilidade de arrendar as colocações trouxe ao seringueiro a oportunidade de romper com o regime de subordinação ao barracão e de comercializar livremente a sua produção.

Por um determinado período os antigos patrões, pretensos proprietários da área, continuaram a aviar os seringueiros ao mesmo tempo em que arrendavam as colocações, mas não detinham mais o monopólio da comercialização. Aqueles seringueiros que saldassem os seus débitos, renda e dívidas em mercadorias, poderiam vender o restante da produção para outros compradores. Assim abriu-se a oportunidade de os marreteiros - pequenos comerciantes que, com uma embarcação, fornecem bens de consumo em troca de borracha - circularem livremente pelo rio, aumentando a concorrência por possibilitarem trocas mais vantajosas. Alguns seringueiros, segundo informações, levavam o *saldo* da produção para ser vendida diretamente nas usinas localizadas em Guajará-Mirim. O sistema de aviamento não é extinto pois se reproduz nas relações comerciais que estabelece com os novos agentes, mas a sua intensidade é reduzida com o fim do monopólio do barracão.

Em tal contexto emerge o seringueiro “autônomo” “que desenvolve essas atividades com maior liberdade de produção e comercialização” (ALLEGRETTI, 1987:35). Para Almeida (1992), um dos fatores que permitiram ao sistema do seringal continuar em operação foi a adaptação da população local a uma economia baseada no uso da floresta através de uma série de atividades (extração, agricultura, caça e pesca), capaz de operar em níveis mínimos de articulação com o mercado e capaz de resistir a preços decrescentes. A falência da empresa seringalista, que definia a organização e a divisão do trabalho e a ordenação do espaço, possibilitou que os próprios seringueiros passassem a definir e a tomar, no âmbito familiar, decisões relevantes sobre a forma de apropriação do espaço e dos recursos; o volume e a variedade de produção; o nível de povoamento e conservação ambiental (ALMEIDA, 1990). Com isso, o seringal deixa de ser uma unidade de produção, tendo por centro o barracão, uma instituição social que definia “desde os hábitos de consumo que ia formando até as regras do mais íntimo convívio social” (TEIXEIRA, 1980: 69).

Até fevereiro de 1989, os seringueiros ainda pagavam renda, uma determinada quantidade de borracha de acordo com o volume estipulado no contrato de arrendamento pelas colocações, aos pretensos proprietários. No Primeiro Encontro dos Seringueiros de Guajará-Mirim, promovido pelo Conselho Nacional de Seringueiros com o apoio de entidades governamentais e não-governamentais, do qual participaram 167 seringueiros do Ouro Preto, foi deliberado pelo fim do seu pagamento e reivindicado o *direito de permanência* naquelas áreas já ocupadas (WAWZYNIAK, 1989).

Nos meses de abril e maio de 1989, o Instituto de Terras de Rondônia – ITERON realizou um levantamento sócio econômico no rio Ouro Preto e procedeu o cadastramento das famílias e das suas respectivas colocações. Nesse cadastramento foram incluídas tanto aquelas que residiam permanentemente nas suas colocações, quanto as que trabalhavam no seringal na condição de arrendatárias, mas que moravam na cidade e anualmente subiam o rio para trabalhar em qualquer lugar. Nessa oportunidade cada seringueiro procurou garantir o registro de uma colocação, independentemente da sua localização ou de a sua família já ter uma cadastrada. As famílias que residiam há mais tempo no Ouro Preto, os *veteranos*, se beneficiaram por já estarem ocupando áreas mais produtivas e com solo fértil para a agricultura. Além disso, elas também tiveram a possibilidade de registrar em nome dos filhos aquelas colocações mais próximas da que é explorada pelo chefe do grupo. Esse cadastro foi

interpretado, especialmente por ter ocorrido logo após o I Encontro dos seringueiros de Guajará-Mirim, como sendo a *criação de um direito*, o qual em diferentes circunstâncias, como veremos, foi acionado para dirimir conflitos ou para provocá-los.

Com a edição em janeiro de 1990 do Decreto-Lei 98.890, que criou e regulamentou juridicamente²⁶ a Reserva Extrativista, o movimento dos seringueiros da Amazônia e seus aliados obtêm uma vitória depois de anos de conflitos pela posse e contra o desmatamento que se sucediam desde o final da década de 60²⁷. Em março de 1990 foi criada, através de Decreto Lei 99.166, a Reserva Extrativista do rio Ouro Preto com 204.583 hectares. O Decreto, se não garante por ele mesmo o direito de propriedade, ao menos impede a invasão, a expulsão dos seringueiros e a derrubada da floresta. A efetiva *garantia de permanência* na colocação é dada apenas quando são assinados os Contratos de Concessão do Direito Real de Uso com as associações e destas com os moradores através do Termo de Reconhecimento de Posse. São complementados por um Plano de Utilização dos recursos naturais no perímetro da Reserva.

A desapropriação dos seringais em benefício dos seringueiros, sem alteração do sistema costumeiro de uso da floresta e sem divisão em lotes, ao mesmo tempo que garante o direito dessas populações à terra, promove a conservação dos recursos naturais e consolida a forma tradicional de ocupação e organização espacial. A originalidade desta categoria de unidade federal de conservação de uso direto²⁸ está em entronizar a demanda de um grupo social da Amazônia no ordenamento jurídico brasileiro e associar regularização fundiária, proteção do meio ambiente e atividades produtivas. Não me deterei sobre os procedimentos exigidos legalmente para criação e implantação de uma Reserva Extrativista, mas é interessante observar que o Decreto 98.890/90 interdita a transferência da concessão inter-vivos mediante venda, a fim de impedir a especulação da concessão (GOMES E FELIPPE, 1994). Porém, com base no Decreto-Lei 271/67, que regula a Concessão do Direito Real de Uso, ela é possível por *causa mortis*, reconhecendo, desse modo, o direito dos herdeiros (ESTERCI, 1990; FACHIN, 1990; IEA, 1990).

²⁶ Para uma análise dos aspectos jurídicos da Reserva Extrativista, ver Benatti (1994, 1996) e Gomes e Felipe (1994).

²⁷ Em Allegretti (1987), Anderson *et alli* (1994) e Silberling (1992), encontra-se um histórico sobre o movimento dos seringueiros e o processo de regulamentação da proposta gestada na aliança entre seringueiros, organizações não-governamentais e sindicatos de trabalhadores rurais.

²⁸ Para um histórico da criação das unidades de conservação e o debate sobre a presença humana no seu interior, ver Diegues (1998) e Moreira (1996).

Segundo o ITERON, em 1989, 127 famílias cadastraram-se perfazendo uma população de aproximadamente 558 pessoas e 200 colocações de seringa distribuídas ao longo das duas margens do rio. Dessas, apenas 97 estavam sendo exploradas permanentemente por 75 famílias, além de umas poucas por seringueiros solteiros (RONDÔNIA, 1989). De acordo com Milikan (1994), em 1992 o número de famílias baixou para 105 e a população para 419 pessoas. Já em 1994 apenas 100 famílias indicavam possuir colocação no Ouro Preto. Mesmo com três viagens à Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, não me foi possível levantar o número exato de pessoas residentes, dado que, de um ano para outro, algumas famílias chegavam enquanto outras saíam, temporária ou definitivamente.

O abandono do seringal por algumas famílias favorecia outras ao permitir a expansão da colocação mediante a anexação das seringueiras e castanheiras localizadas na área contígua abandonada. Já as famílias que deixavam o rio passavam a enfrentar dificuldades para retornar, sobretudo se o tempo de afastamento ultrapassasse os dois anos definidos pela Associação, período máximo que as colocações poderiam permanecer desocupadas²⁹.

Pode-se classificar a população local em três categorias: sazonal, flutuante e residente. Esta distinção que se revela importante para os propósitos deste trabalho por expressar estratégias de reprodução específicas de cada família. Baseia-se nas práticas relativas à forma de apropriação dos recursos, no tempo de ocupação e na mobilidade espacial. População sazonal é aquela que possui uma colocação mas permanece nela apenas durante o período do *fábrico* (período do ano dedicado à extração do látex e produção de borracha), deixando-a ao seu final e dirigindo-se para a cidade no inverno, de onde retorna somente no verão seguinte para continuar a explorá-la.

A população flutuante era constituída por seringueiros, em sua maioria solteiros, que a cada ano trabalhavam em seringais diferentes ou trocavam de colocação de um ano para outro, ou durante um mesmo ano. Entre eles, havia aqueles residentes em Guajará-Mirim que retornavam temporariamente ao seringal por ocasião do período de extração do látex ou quando se encontravam desempregados. Nesse caso, esse seringueiros assemelhavam-se mais a uma mão-de-obra volante do que a um produtor familiar e eram classificados pelos seringueiros residentes como *gorgulho de seringa*

²⁹ Esta nova regulamentação da ocupação passou a ocorrer depois da criação da Reserva Extrativista, visando a cumprir um dos requisitos para a assinatura do Contrato de Concessão de Uso, o qual ainda não tinha sido firmado.

porque ao deixarem uma colocação as suas seringueiras ficavam *lascadas*. A população flutuante, a época do trabalho de campo, era pequena e tendia a desaparecer porque enfrentava, desde a criação da Reserva Extrativista, restrições por parte da ASGM, que passou a exigir o trabalho contínuo no mesmo lugar para outorgar a Concessão do Direito Real de Uso. Era também pressionada e marginalizada através dos *fluxicos* feitos pelas famílias interessadas em se apropriar das áreas por ela exploradas. O fato de os membros dessa população não terem parentes no rio ou não possuírem família residindo no local tornava-se um agravante e favorecia sua expulsão.

Finalmente, a população residente é aquela que permanece no seringal de inverno a verão, extraíndo látex e dedicando-se à agricultura de subsistência. Algumas famílias, não tendo terra firme na própria colocação para abrirem suas roças, trabalhavam durante o inverno junto com parentes ou outra família que possuíam área de capoeira disponível. A maior parte das famílias residia no Ouro Preto entre cinco e dez anos e um número bastante reduzido delas há mais de quinze, das quais algumas há mais de dez no mesmo lugar. Observa-se, entre as últimas, uma maior estabilidade dos laços e da amplitude da rede de parentesco, bem como uma situação mais estável economicamente. A residência por um longo período numa mesma colocação estava relacionada à ocupação de um local privilegiado por abranger áreas, com solos férteis contíguas a estradas de seringa e ao manejo adequado dos recursos naturais, como revela esta fala de um seringueiro: *Quem cuida da seringa não tem necessidade de passar de uma [colocação] para outra.*



Foto 2 - Antigo Barracão Petrópolis

2 - DIVISÃO DA MATA

Dizer que a floresta, como ecossistema natural, não é um todo homogêneo está longe de esclarecer qualquer coisa, pois, além da biodiversidade, ela está revestida de uma dimensão simbólica extremamente rica e complexa, bem como caracteriza-se pela articulação entre diferentes espaços que correspondem a distintas atividades. Ao dizerem que *a mata é dividida*, os seringueiros indicavam a existência de um zoneamento local, que distingue diferentes recortes espaciais. É preciso, portanto, entender como este espaço natural é apreendido e apropriado pelos seringueiros, pois, com base nessa apreensão e específica forma de apropriação, ele é recriado e transformado em espaço social dotado de significado. Assim a descrição do espaço ocupado e apropriado é importante para se perceber a dinâmica complexidade da relação entre população, espaço e natureza, pois está relacionado às estratégias adotadas pelas famílias residentes.

A região compreendida pela microbacia do rio Ouro Preto é atingida pela alternância sazonal de cheias e vazantes que ocorrem respectivamente por ocasião do inverno (dezembro a maio) e do verão (junho a novembro). As margens, juntamente com os igapós, são classificadas como *beira* e situam-se no *baixo*. Já as áreas de terra firme são classificadas como *centro*, e encontram-se no *alto*. Dois espaços que mantêm entre si uma relação de complementaridade, ainda que sejam representados, ocupados, apropriados diferentemente e distintas as atividades neles desenvolvidas. No *baixo*, sujeito à cheia no inverno, encontra-se a *seringa do baixo* ou *seringa verdadeira* (*Hevea brasiliensis*). É também a *beira*, por situar-se próximo ao rio, onde se passa o verão trabalhando na seringa. A terra firme, não alagável, é o *centro* por estar afastada da margem. É o lugar da roça, da *seringa itaúba* (*Hevea benthamiana*) ou *seringa do alto*,

onde a família passa o inverno. A sazonalidade, acompanhando o ciclo das águas, implica mudanças de um lugar para outro e um redirecionamento das atividades, fazendo com que a vida social não se mantenha inalterada. Há diferenças significativas na vida cotidiana em cada uma das estações, tais como alimentação, habitação, trabalho, e sistema de representações, de forma semelhante a que ocorre com os esquimós analisados por Mauss (1974). Veremos que as variações entre inverno e verão eram também percebidas a partir de um referencial histórico.

No verão, a vida social é mais intensa. Devido à proximidade do rio, pode-se acompanhar o movimento das embarcações, o que permite o encontro mais freqüente das pessoas. As principais ocasiões para reuniões ocorre nesse época do ano, no qual acontecem as festas, novenas e as partidas de futebol. Considerava-se a vida mais tranqüila, porque se dispunha de borracha para aquisição das *mercadorias* de consumo doméstico. Com o início da *alagação*, ocasião em que as águas atingem sua morada de verão, os seringueiros deixavam a *beira*, dirigindo-se para o *centro* ou para a cidade. Já o inverno considerava-se a *fase pior. No inverno é dureza...*, por ser a estação na qual as famílias encontravam maiores dificuldades. Com a cheia tornava-se mais difícil garantir o abastecimento, uma vez que nessa estação as estradas de seringa e as seringueiras encontram-se submersas, o que impedia de produzir borracha. As dificuldades agravaram com as restrições impostas aos marreteiros de comercializarem no interior da Reserva. Em tempos passados, a fase do inverno não se mostrava tão problemática, uma vez que, como explica um seringueiro mais velho, *o barracão abastecia. Hoje em dia se não fizer borracha não tem como se manter*. Convém observar que tal antecipação significava um débito a ser pago com a produção do ano seguinte.

Para o seringueiro, a floresta não é homogênea nem é percebida de maneira uniforme. Ela é classificada em relação ao trabalho que transforma a natureza, culturalizando-a. É *mata virgem* ou *mata solta* quando as árvores nunca foram exploradas, ainda não *viram faca*. Quando já foi trabalhada e depois abandonada, torna-se *mata bruta*. Embrutecer significa deixar de ser cultivada, mas a floresta não recupera sua virgindade natural, por trazer as marcas da ação humana. É *mata trabalhada* quando presentemente o homem atua sobre ela. As áreas onde se localizam as estradas de seringa e os castanhais integram essa mata. É uma *mata cultivada* porque a ação do homem retira a sua naturalidade de mata virgem e não a deixa embrutecer. A capoeira, por outro lado, possui um caráter liminar por encontrar-se na fase de transição entre a roça e a mata virgem.

Além desses espaços, há aqueles onde se caça com mais frequência, denominados de *comidia* e os trechos do rio, as baías e os igapós situados no perímetro da área ocupada onde preferencialmente deve-se pescar, uma vez que possuem um caráter privado.

2. 1 – Colocação

O seringal nativo caracteriza-se por ser uma área de floresta com alta concentração natural de seringueiras num determinado perímetro. A reprodução natural da espécie é determinada pela sua germinação aleatória, com a explosão das cápsulas durante o inverno, o que contribui ainda mais para a dispersão das sementes pelas águas no interior dos igapós. A ocupação dessas áreas a partir do final do século passado imprimiu a peculiar forma de ordenação espacial e de organização social atualmente existentes. Contudo a distribuição do espaço não é estática, uma vez que possui uma dinâmica orientada pelo grupo social que dela se apropria, a fim de garantir a sua própria reprodução e a dos recursos naturais. Inicialmente, o espaço era organizado de acordo como os interesses dos seringalistas. Entretanto, a se converter a colocação numa unidade familiar, o espaço passou a ser reordenado conforme os interesses da família que a ocupa. Novos significados passaram a lhes ser atribuídos pelos seringueiros que continuaram vivendo da exploração do látex e de outros produtos da flora e da fauna silvestre.

Como sub-unidades que em seu conjunto compõem o seringal, encontram-se as *colocações de seringa*, unidades sociais e espaciais nas quais se processa a transformação do seringueiro cativo em seringueiro autônomo, que explora os recursos naturais com base na unidade familiar. Consiste numa grande área de floresta, com alta concentração de seringueiras, abrangendo um trecho ao longo da margem do rio, sem limites geodesicamente definidos porque, entre uma e outra, as estradas de seringa interseccionam-se, muitas vezes, com as das que lhes sejam contíguas, *colocação colada*³⁰. Além das seringueiras e outras espécies florestais, abrange áreas de roçado,

³⁰ Martini (1998:50) referindo-se à Reserva Extrativista do Alto Juruá, observa que “os limites físicos não restringem a propriedade nas e entre as colocações, não funcionam como cercas, mas permitem uma pauta básica para ordenação do território”, e “podem (ou não) ser acionados ao sabor da conjuntura e estratégias locais e globais, individuais e coletivas” (idem:63)

capoeiras e mata virgem, bem como locais de caça e pesca. Constitui-se num microcosmo social dentro do qual desenvolve-se um conjunto de práticas voltadas à reprodução da vida social, envolvendo a extração e a transformação do látex, a agricultura, a caça e a pesca (ALMEIDA, 1990, 1992; ALLEGRETTI, 1987) e tendo a casa como centro de convergência.

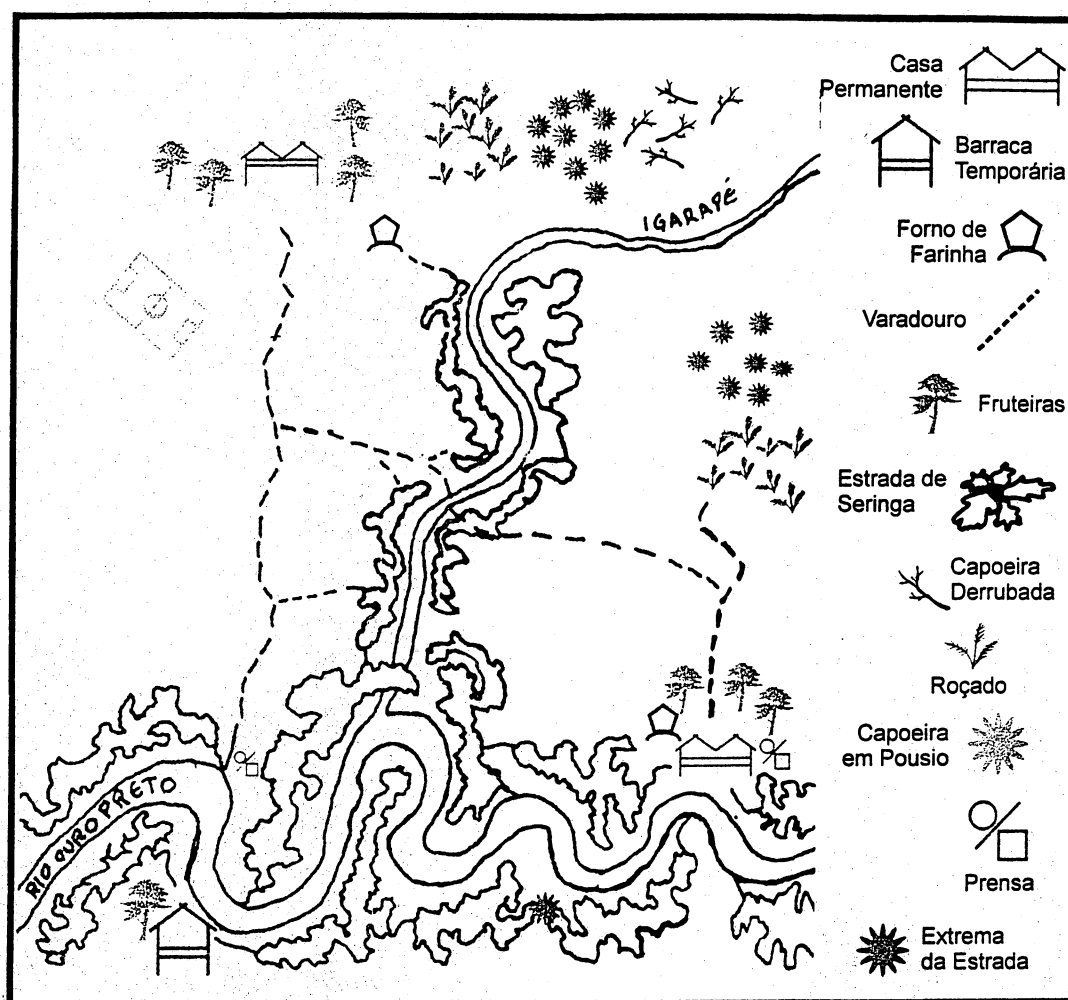
As colocações possuem denominações e cada nome está relacionado à descrição da sua localização (Cavadura), da topografia do local onde estão situadas (Pedreira), da predominância de uma espécie vegetal (Bananal, Sapezal), a um indivíduo da espécie que se projete na paisagem, geralmente plantado por um antigo morador (Buriti, Mangueira, Cajueiro, Bela Palmeira), ao igarapé onde estão localizadas (Concórdia, Monte, Boca do Bicho), ao nome dos antigos barracões (Petrópolis, Floresta, Macaxeral, Ouro Negro) ou ao do seringueiro que a ocupe (Fernando, Pedro Vargas). Muitos destes nomes remontam ao tempo dos patrões, mas se observou que alguns seringueiros têm-nas renomeado, especialmente quando os novos nomes expressam expectativas dos seus moradores com relação ao lugar: Morada Nova, Nova Morada, Encontro, Novo Destino, etc.

Para Lévi-Strauss (1981), uma das características da “casa” consiste em o nome do proprietário derivar da denominação do estabelecimento. No caso do Ouro Preto, ainda que o nome do *dono* não derive do nome descritivo dado à colocação, ele e os membros de sua família eram reconhecidos e identificados no interior da Reserva, ou mesmo na cidade, como sendo pertencentes a uma determinada unidade. Há, aqui, uma analogia entre a colocação e a “casa”, no que se refere à associação entre o nome do estabelecimento e o do grupo familiar que o ocupa.

2. 1. 1 - Beira e Centro

Uma mesma colocação pode ser dividida em *centro* e *beira* havendo ou não contigüidade entre ambos. Esses dois espaços podem estar situados em locais distantes entre si e mesmo intercalados por áreas ocupadas por outras famílias. É o caso do trecho conhecido como Colônia³¹ onde residem oito famílias, quatro das quais sem qualquer vínculo de parentesco entre si ou com as outras.

³¹ Segundo informações dos seringueiros essa é uma das maiores áreas de *capoeira de índio* existente no rio Ouro Preto.

Fig. 1 - Colocações abrangendo *beira e centro*

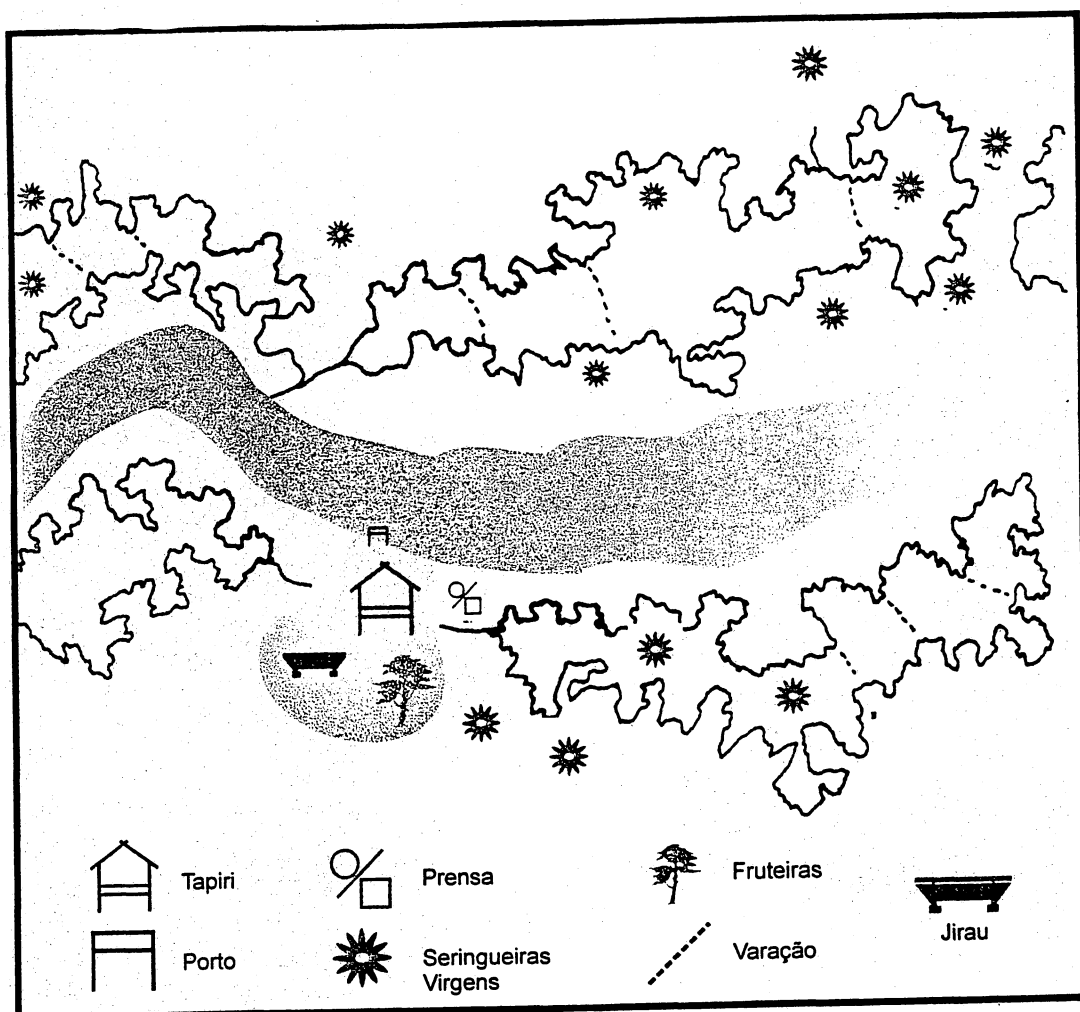
Poucas eram as habitações, situadas na margem, ocupadas durante o ano inteiro. Elas encontravam-se naqueles lugares onde anteriormente localizavam-se os barracões. A maioria delas são tapiris, grandes o suficiente para abrigar o trabalhador e sua família durante os meses do *fábrico*. No inverno são tomadas pelas águas, obrigando seus moradores a deslocarem-se para outro lugar. Devido à ação das águas, precisam ser reconstruídos de três em três anos aproximadamente. As moradias situadas em áreas não-alagáveis são grandes, melhor conservadas e geralmente divididas em quatro cômodos: quarto do casal, duas salas e cozinha.

No *centro*, lugar alto, passa-se o inverno, período das chuvas, trabalhando no seco, cuidando da roça ou cortando itaúba. É onde se faz a farinha, elemento indispensável para a dieta alimentar. O acesso a esse espaço mais interiorizado é possível por terra, caminhando pelos varadouros, ou por água, subindo pelos igarapés, especialmente no inverno, quando estão cheios e permitem a passagem das

embarcações. Em geral, são ocupados por seringueiros residentes há mais tempo no seringal, os *veteranos* que, por conhecerem melhor as colocações, anteciparam-se em ocupá-las³².

Algumas colocações possuem áreas de terra firme, mas que não são aproveitadas para agricultura de subsistência, seja por situarem-se em lugares considerados distantes, seja porque a composição do grupo familiar não permitia a sua dedicação a esta atividade simultaneamente à extração do látex. O esforço exigido não compensaria o resultado do trabalho empreendido.

Fig. 2 - Colocação de *beira*



³² Este movimento revela que, do ponto de vista dos seringueiros, a ocupação não dependia mais do arbítrio do patrão, como no tempo do barracão.

No inverno, o isolamento das famílias é maior, porque, além de estarem distantes da margem, a *beira* fica desabitada. Navega-se durante horas sem se ver uma casa ocupada. Apesar disto o trabalho é realizado coletivamente, pois conta com a participação de todos os membros do grupo familiar e de quem esteja passando o inverno na colocação. Quem está no *centro* está longe do rio, portanto não acompanha a circulação de pessoas e não tem acesso imediato às informações.

Por ocasião da realização da pesquisa de campo, os seringueiros que não possuíam áreas no *centro* deslocavam-se para a cidade ou agregavam-se temporariamente a parentes ou famílias que os aceitassem. Nesse caso, trabalhavam como *parceiro de barraca* na extração do látex da seringa itaúba ou nos serviços da roça. Dirigir-se para a cidade com a chegada do inverno, entretanto, dependia da existência de um saldo em borracha no final do *fábrico* que garantisse um período sem trabalho: *No inverno quem não tem roçado, nem seringa itaúba vai para a cidade vender até picolé*³³. Seringueiros, sem saldo, desciam para a cidade apenas para passar alguns dias, mas com a intenção de voltar para trabalhar na diária com outro seringueiro que estivesse precisando de braços para o trabalho da roça.

Observa-se que a distribuição dos espaços, tal como ocorre no Ouro Preto, sem que exista uma relação de contiguidade entre eles, revela uma descontinuidade complementar no uso da terra dentro da mata, bem como distintas formas de apropriação. A mudança da *beira* para Guajará-Mirim, em razão das dificuldades enfrentadas durante o inverno, revelava uma tendência crescente de algumas pessoas em sair do seringal. Mudar-se para a cidade tinha como principais razões as dificuldades encontradas para garantir a subsistência com a produção de borracha, mas também era explicada pela possibilidade de acesso aos serviços públicos, como educação para os filhos e assistência de saúde, bem como de desfrute de outras comodidades urbanas.

2. 1. 2 - Estradas de Seringa

As estradas de seringa são intrincadas trilhas abertas dentro da floresta para permitir o acesso às seringueiras nativas, *madeiras*, das quais se extrai o látex para produção de borracha. Seu traçado é elíptico e acentuadamente sinuoso por acompanhar

³³ Deixar o seringal para vender picolé na cidade ou trabalhar como diarista nas fazendas da região foi, recorrentemente, tratado pelos seringueiros como uma desvalorização da pessoa que realizasse essas atividades. Isso expressa que, não obstante as dificuldades enfrentadas, o trabalho do seringueiro possui maior prestígio que outros, ou ao menos do que alguns outros.

a distribuição aleatória das seringueiras e desviar os obstáculos do relevo e árvores de outras espécies. A geometria³⁴ do seu formato permite acessar, *catar*, todas as seringueiras existentes numa determinada área de mata. Em linha reta, ao contrário, não possibilitaria o acesso às *madeiras* existentes em lugares mais distantes do itinerário. Ela, como disse um seringueiro, *costura o mato*, porque vem ligando uma árvore à outra.

O número de *estradas* variava de uma colocação para outra, mas em cada uma delas havia no mínimo cinco, com um número de seringueiras em cada uma variando entre 100 e 150 árvores. Essa variação decorre da concentração natural ou cultivada³⁵ da espécie num determinado lugar. Alterava-se também porque, durante o período no qual vigorava o arrendamento, muitos seringueiros *puxaram* para sua colocação, parcial ou inteiramente, uma ou mais *estradas* da que lhe é *colada*, deixando-a *capada*. Ou, ainda, porque a exploração predatória realizada no período levou muitas árvores à exaustão, obrigando os seringueiros a ampliarem a área da colocação de modo a incorporarem mais árvores. Em alguns casos a área da colocação contígua foi integralmente incorporada, especialmente se estivesse desocupada. Prática que permitia aos seringueiros transformar duas colocações em uma única.

As trilhas encontram-se localizadas geralmente a pouca distância da barraca, mas, invariavelmente, próximas da margem do rio ou de um igarapé. Estão, portanto, no *baixo*, são frias e úmidas. Aquelas mais distantes são chamadas de *estrada de centro*, mesmo as localizadas na margem do rio, mas cuja *boca* encontra-se longe da residência. *Estrada de porta* é aquela que *abre e fecha* perto de casa. Ela permite ao seringueiro terminar o trabalho, *fechar o corte*, e chegar em casa para pegar a comida ainda quente, voltando no início da tarde apenas para colher o látex. se fosse o caso de coagular o leite.

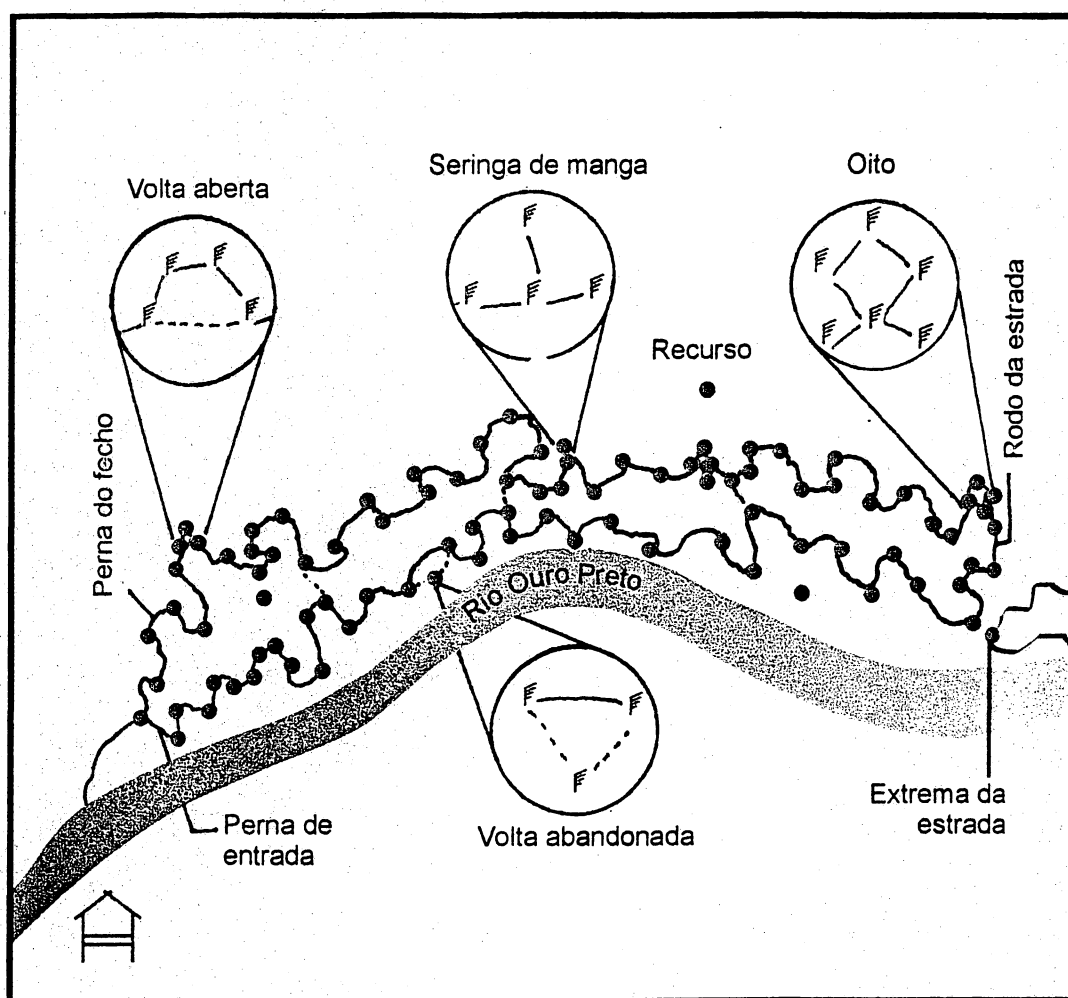
As estradas de seringa são percorridas em dias alternados para permitir uma *paralela*, um intercalamento de três ou mais dias, entre um corte e outro, a fim de evitar o seu esgotamento, *cansá-las*, com a exploração ininterrupta. Tal procedimento atende, assim, a um critério ecológico. Entra-se nela pela *boca da estrada* e segue-se no sentido

³⁴ A sua descrição geométrica pode ser considerada como análoga a de um fractal. devido as suas ramificações, acentuada rugosidade e saliências sinuosas que apresentam irregularidades ásperas em diferentes escalas.

³⁵ Observamos que o termo cultivo expressa os cuidados tomados para facilitar o seu crescimento, como o corte de espécies concorrentes. Rival (1998) distingue domesticação de cultivo, particularmente das

anti-horário pela *perna de entrada* até se chegar ao ponto de retorno, o *rodo da estrada*, de onde retorna-se pela *perna do fecho* para sair pela mesma abertura pela qual se entrou. Os dois caminhos estão relativamente próximos e interligados por trilhas praticamente imperceptíveis chamadas *varações*. Semelhante configuração possui uma racionalidade que é a de permitir ao seringueiro reduzir o peso transportado quando está colhendo o látex, ainda líquido ou já coagulado, o cernambi, pois vai deixando-o ao longo do caminho de volta.

Fig. 3 - Estrada de seringa e denominação das voltas



árvores. Diferentemente da primeira, a segunda não imprime nem modificações morfológicas nem genéticas.

Quando uma seringueira encontra-se fora do trajeto principal ela é denominada como *madeira de manga*, obrigando o seringueiro a percorrer duas vezes pelo mesmo caminho, o que reduz o ritmo da caminhada. Por isto, *trabalhar com madeira de manga empalha*. Caso o número de árvores a serem *recursadas* seja superior a três e estando situadas próximas entre si, abre-se uma trilha circular conhecida como *oito* pela qual o seringueiro entra e sai no mesmo local. Se voltar ao trajeto principal num ponto mais distante daquele pelo qual entrou abre-se uma *perna, volta aberta*, imprimindo uma alteração no percurso da *estrada*.

O ponto que demarca o limite entre uma colocação e outra, *extrema da estrada*, é dado pela seringueira que estiver mais próxima de uma *estrada* pertencente ao seringueiro vizinho. Cada seringueiro, conhece as *extremas* do seu *setor*, sem que para isso exista um desenho, mesmo porque ele não expressaria o percurso real. Há, porém, um memorial descritivo oral que toma como referência as características do terreno, localização de uma determinada árvore, volta do rio ou de igarapé. O reconhecimento dos limites é também possível pelo corte feito com a faca de seringa na casca das árvores, uma vez que cada seringueiro corta de um jeito próprio: *tem diferença de um para o outro. Ninguém corta igual nem pelo diabo*.

Tanto as trilhas quanto o espaço no qual estão localizadas possuem um caráter privado. O rio, os igarapés e os varadouros, ao contrário, são considerados públicos por serem de uso coletivo, exceção feita aos pontos de pesca. Transitar por elas sem autorização do seringueiro detentor da área era motivo de suspeita³⁶. Se antigamente circular desavisadamente pelas *estradas* era interpretado como uma atitude suspeita, com a *garantia de permanência* andar por elas pode passar a significar a invasão de um espaço considerado privado, expressando o reconhecimento do direito de domínio sobre a área por parte dos seringueiros.

Enquanto o seringal estava sob controle do seringalista, cada seringueiro explorava apenas três *estradas*, *porque antigamente os patrões criaram um direito aí, uma ordem no seringal, seringueiro só tinha direito a três estradas, mais isso foi abolido*. A *abolição* não resultou de uma outorga, mas do processo de transformação nas formas de apropriação social do espaço florestal. Ampliar o seu número de um lado atendia a necessidade de manter o mesmo nível de produção, ao garantir um intervalo maior entre uma sangria e outra, *que é para ela criar reforço*. A expressão *colocar uma*

³⁶ É recorrente a afirmação de que, quem anda entre elas sem comunicação prévia, está mal-intencionado. As emboscadas, em sua maioria, ocorriam no interior da mata quando a vítima estava trabalhando.

estrada significa abrir um novo caminho na mata para explorar as seringueiras de uma determinada área. *Tirar estrada* é passá-la, juntamente com as seringueiras situadas no seu trajeto, para outra colocação definitivamente. Quem cede, *tira* e quem recebe, *puxa*. Aquele que empresta temporariamente uma para ser explorada por um seringueiro vizinho *solta a estrada*, práticas que após a criação da Reserva estavam sendo evitadas.

Morrendo uma *madeira* ou ficando *fraca de leite*, isto é, quando não mais produz uma quantidade de látex considerada satisfatória, ela é abandonada juntamente com o trecho que lhe dá acesso, *solta uma volta*, e substituída por outra, o *recurso* ou *reforço*. Essa é aquela árvore abandonada anteriormente para recuperar-se ou uma nova, ainda virgem, que brotou naturalmente, mas teve seu crescimento acompanhado pelos diferentes seringueiros que passaram por elas. Segundo uma mulher, referindo-se a essas árvores, elas se constituem na *valência dos seringueiros, porque eles estão sempre recursando*. Encontram-se no interior do círculo formado pela estrada, o *olho da estrada*, ou no seu lado externo, a *mata solta*.

Incluir e excluir árvores imprime modificações no itinerário percorrido pelo seringueiro entre uma *madeira* e outra, fazendo com que a estrada de seringa modifique-se ao longo dos anos ou mesmo durante um mesmo *fábrico*. Tais movimentos também implicam alterações na área de floresta ocupada para a exploração do látex.

2. 2 - Capoeira, roça e castanhal

Com o aumento da importância da agricultura, o acesso, a apropriação e a manutenção das capoeiras, áreas de pousio, e das roças passaram a adquirir um papel estratégico para assegurar o bem estar da família. Esses espaços são apropriados pela família que ocupa a área onde eles se localizam e exigem práticas de manejo específicas mas articuladas com as exigidas para a extração do látex e coleta da castanha.

Para abertura das roças eram escolhidas preferencialmente aquelas áreas de terra firme onde se verificava a ocorrência das *capoeiras de índio* por indicarem a existência de solos mais férteis e apropriados para a agricultura, terem sido anteriormente destinadas ao plantio e não requerem a derrubada da mata virgem.

A presença de algumas espécies vegetais, bem como fragmentos de utensílios de barro, indicam a localização de *capoeiras de índio*, lugares nos quais a fertilidade do solo é

maior. Indicam ainda áreas utilizadas pelos grupos indígenas para suas plantações, conforme explica Manduca, um seringueiro descendente dos Makurap pelo lado materno: *Você começa a andar, a primeira coisa que você acha é pupunha, que os índios plantam muita pupunha que é para fazer arco (...) O seringueiro quando chega num palhal diz logo que se tiver pupunha é que foi aldeia de índio. Se tiver pupunha e João Brandim pode ter certeza que foi aldeia de índio.*

Essa fala revela uma conformidade com a teoria que explica as transformações das florestas amazônicas, como tendo sido produzidas pelas populações nativas desde a pré-história. Balée (1993) defende a tese de que aproximadamente 12% das florestas de terra firme da Amazônia resultam da interferência humana, florestas antropogênicas, e de haver uma relação entre a diversidade natural e a diversidade cultural. Assim, as florestas não seriam resultado de uma casualidade, mas de um profundo e complexo conhecimento ecológico e agroflorestal elaborado ao longo de sucessivas gerações (idem). Tais nichos bióticos, entre os quais podem ser incluídas as *capoeiras de índio*, seriam efetivos artefatos culturais cultivados desde o período pré-colombiano, e devem ser tratados como registro da interação pretérita do homem com as plantas. Os bosques manejados são representados como presentes deixados pelos mortos, um bem herdado dos antepassados, e provêem alimentação para as crianças, que simbolizam o futuro. As árvores frutíferas, especialmente das palmáceas, e seus frutos, representam a união entre passado, presente e as gerações futuras (BALÉE, 1993; RIVAL, 1998)³⁷.

Inspirado nos argumentos de Balée e Rival sobre agrossilvicultura indígena, gostaria de analisar a transcrição do trecho da entrevista do Manduca sobre as *capoeiras de índio*, que para ele:

É uma terra que parece que o índio preparou. Preparada para o futuro dele. Se hoje eles tiverem o conhecimento dessa terra, acho que poderiam explorar para eles mesmos. Eles prepararam no passado. Acho que eles pensaram que nunca iam deixar de viver na mata. Então, quando eles abandonavam uma aldeia deles, que eles faziam mudança, eles deixavam a terra preparada para no dia de voltar, o que plantaram lá, teriam aquilo com abundância.

Chama atenção, desde o início, o uso do verbo preparar, indicando haver na atividade uma disposição antecipada de um conjunto de providências capazes de

³⁷ Sachs (1986: 110) referindo-se a planos de cortes para bosques de carvalho, escalonados em 200 anos, sugere que a preocupação com as gerações descendentes, o que denomina de “solidariedade diacrônica”, está “simbolizada pela plantação de árvores de crescimento mais lento que a vida dos homens”

determinar melhores condições futuras. Revela, assim, o reconhecimento da existência de um conhecimento da matéria a ser preparada e das técnicas adequadas ao seu preparo. Isto permite concluir que não resultam do acaso, da improvidência ou da escolha de áreas naturalmente aptas à agricultura.

Não se trata, porém, de uma percepção que vê o preparo apenas para uso momentâneo, mas expressa uma visão mais ampla por indicar a existência de uma preocupação das gerações anteriores em tornar o solo apto para o futuro, pois, segundo a explicação desse seringueiro, eles pensavam em nunca sair da mata. Com isso, as gerações sucessivas poderiam utilizar-se e viver daquilo que os antepassados produziram e deixaram para a posteridade. Pode-se, ainda, inferir a existência de uma dimensão moral expressa numa solidariedade diacrônica com os descendentes.

Manduca reconhece também o direito imemorial daqueles que ao longo do tempo e do trabalho de gerações beneficiavam a terra, ao dizer que: *se hoje eles tivessem o conhecimento dessa terra, acho que eles poderiam preparar para eles mesmos*. Isto é, reconhece o direito indígena sobre o seu território. Revela-se, ainda, nesse trecho da sua fala, o reconhecimento do trabalho como legitimador da posse. A idéia que os índios pensavam em nunca deixar a floresta, pode denotar a sua própria origem indígena, ao demonstrar um conhecimento das intencionalidades.

É uma teoria nativa, sustentada na história oral e nas evidências empíricas, contrapondo-se às concepções dos ecólogos culturais e dos ecólogos evolucionistas que afirmam serem as populações indígenas da Amazônia formadas por grupos nômades de caçadores/coletores ou agricultores/caçadores que perambulavam a esmo pela floresta. Corroborar a tese de Balée (1993), que as sociedades indígenas não se constituíam de bandos nômades que perambulavam sem rumo, mas se mudavam de aldeias para aldeias, deixando a *terra preparada para o dia de voltar*. Ou, em outros termos, migravam planejadamente entre florestas antropogênicas, ou culturais, as quais constituíam-se em antigos locais de moradia criados para quando do retorno.

Finalmente, contrapondo-se à idéia de ser a floresta amazônica caracterizada como um ambiente de recursos escassos, o mesmo seringueiro fala da possibilidade de os índios encontrarem em abundância o que plantaram. Esta abundância é resultante da intervenção humana, ao longo de gerações, sobre a natureza. Fatura que pode ser verificada atualmente nas *capoeiras de índio*, pois nelas são encontradas diferentes espécies de árvores frutíferas, medicinais, rituais e para confecção de objetos de uso cotidiano.

A distância da roça em relação à morada varia de uma colocação para outra: a roça situa-se no alto, é quente e seca ao contrário da estrada que é fria e úmida. O resultado do esforço empreendido sob o sol, entretanto, depende da chuva. Apesar de ser considerada uma atividade de inverno o trabalho tem início no verão e intensifica-se durante o período das chuvas com as capinas, o que é facilitado por disporem os seringueiros do tempo antes empregado na produção de borracha.

Além da roça, onde são cultivadas espécies de ciclo curto, são também destinadas áreas, geralmente próximas à morada, para o cultivo de espécies perenes, os *bens de raiz*. O cultivo destas espécies parece indicar não apenas a presença de uma benfeitoria, mas também uma mudança na classificação do espaço pois ele passa a se chamar *sítio porque fica mais legal*. Por estar a forma de apropriação transformando-se juntamente com o espaço, a sua classificação também expressa variações que podem ser verificadas na seguinte explicação: *a colocação é formada pela estrada. Se tiver adiantamento pela roça se considera que seja colônia. Se for grande a plantação de frutas se considera que seja sítio*. A indefinição quanto a sua designação não se dá apenas por ser mais *legal* classificar a colocação como sítio, mas também por estarem as atividades agrícolas imprimindo uma outra característica ao espaço: *sítio porque tem muita plantação, é só quando tem muita fruteira*. Porém, para alguns seringueiros, *o sítio fica dentro da colocação*. Isto é, ao darem essa explicação, consideravam o sítio como sendo apenas parte da colocação, aquela onde estão plantadas as fruteiras³⁸.

Como não existem grandes concentrações de castanheiras nas próprias colocações e, além disto, encontrarem-se em locais distantes, são apropriados coletivamente. Não há áreas definidas permanentemente como sendo exclusivamente pertencentes a um determinado seringueiro, exceto o direito de coletar os frutos que caem ao longo da trilha, *pique*, por ele aberta para percorrer sob as árvores.

³⁸ A designação sítio indica que se refere a uma ocupação prolongada, diferentemente da permanência temporária do roçado, como sugere Garcia (1983) no seu estudo sobre pequenos produtores da Zona da Mata de Pernambuco.

2.3 - Rio

O curso d'água que divide o vale do Ouro Preto possui, simultaneamente, dimensões públicas e privadas. É uma via de transporte e um importante meio de comunicação, pois por ele chegam as *mercadorias*, nele é escoada a borracha produzida e por ele circulam as informações, sendo que é também fonte de alimento. Os seringueiros acompanham atentamente o aumento ou redução do nível da água, a migração dos cardumes, a mudança na tonalidade da cor da água, os reflexos e nuances da sua superfície.

A cada colocação corresponde um trecho do rio, o qual era delimitado pelas *extremas da estrada*. Nele o seringueiro devia preferencialmente pescar, evitando entrar no espaço de seu vizinho. Eram recorrentes as reclamações contra aqueles que pescavam em locais não pertencentes às suas próprias colocações e contra pescadores profissionais de Guajará-Mirim que subiam o rio para pescar.³⁹

O deslocamento entre localidades distantes é feito por água, tornando indispensável a posse de uma canoa. Tanto os homens quanto as mulheres são exímios remadores, pois ainda pequenas, as crianças aprendem a remar acompanhando os pais ou brincando com as canoas. A posse de um motor indica que o seu proprietário possui melhores condições econômicas, possivelmente por ter, anteriormente, trabalhado como marreteiro.

Nas viagens longas, as pessoas residentes em diferentes trechos do rio freqüentemente aproveitavam a *baixada* ou a *subida* dos barcos para pegarem carona. Era uma oportunidade para animados encontros, quando não se tratava de transportar alguém doente. Ao longo do percurso, os viajantes trocavam informações, divertiam-se contando piadas e casos. Paravam nas colocações para deixar ou pegar alguma encomenda ou recado e também para pernoitar. Tal sociabilidade leva a considerar que o curso do Ouro Preto não é apenas uma importante via de transporte, mas também um privilegiado meio de comunicação através do qual qualquer pessoa de passagem traz e leva novas notícias de uma colocação para outra, da cidade para a floresta e vice-versa.

³⁹ Em 1991 o IBAMA proibiu a pesca profissional no interior da Reserva por pressão dos seringueiros que constataavam a redução do pescado.

Na região, os rios também são marcos de referência na identificação e localização da procedência e da residência⁴⁰. Nascimento e morte estão relacionados aos rios onde qualquer um desses eventos tenha ocorrido, constituindo-se assim pontos de marcação espacial do tempo. As mães, ao referirem-se a seus filhos, rememoram o nome do rio onde cada um nasceu ou morreu e está sepultado. Os eventos são lembrados em sentido retrospectivo, numa seqüência histórica dos cursos d'água que integram a trajetória de vida das famílias.

2.4 - Morada

Com a transformação da colocação numa unidade sob controle familiar, a casa substitui o barracão. Nela passaram a ser tomadas decisões relativas à vida cotidiana e concernentes à reprodução física e social, para ela confluem as atividades, são armazenados os mantimentos e guardados os instrumentos de trabalho. O espaço onde se localiza é o centro de convergência dos demais. É falsa a idéia de que, por estarem distantes umas das outras, encontram-se isoladas, uma vez que formam entre si uma rede de relações sociais unidas por vínculos de parentesco, aliança e vizinhança.

Chamada localmente de *barraca*, a morada do seringueiro pode ser distinguida entre temporária e permanente. A morada temporária, o *tapiri*, é aquela na qual se passa somente o período do *fábrico*. Localiza-se em área alagável durante o inverno, é simples e despojada, variando o seu tamanho de acordo com o número de pessoas que nela permanecerão durante a safra da seringa. Como está sujeita a ficar parcialmente submersa durante o inverno, a sua vida útil é curta, precisando ser reconstruída num prazo aproximado de três anos, sem recorrer a troca de dia. No tempo dos patrões, estes entregavam o *tapiri* pronto para o seringueiro se *colocar*.

A *barraca* permanente é aquela na qual a família passa a maior parte do ano cujos tamanho e estado de conservação têm relação ao tempo de residência e a composição do grupo. Muitas vezes, o chefe do grupo familiar juntamente com os filhos homens trabalham na *beira*, enquanto a mulher e as crianças permanecem no *centro*

⁴⁰ Os avisos transmitidos pela rádio Educadora de Guajará-Mirim são dirigidos aos seringueiros residentes nos diferentes rios da região. Quando os avisos são para um seringueiro específico, dirigemo-nos para o Sr. A da Colocação B do rio C.

onde ela está localizada. Situada numa pequena clareira aberta especialmente para sua construção, encontra-se próxima do *porto*, da *boca da estrada* de uma ou mais *estradas*, do defumador, quando houver, da prensa de borracha e do forno de farinha. É circundada pelo pátio, onde são plantadas árvores frutíferas como laranja, goiaba, ingá, manga, cupuaçu, café, jaca, tangerina, etc. As frutas desses pomares eram consumidas pela própria família ou distribuída entre os vizinhos, caso a produção fosse elevada. Quando o pomar era grande o lugar também estava sendo chamado de sítio.

A construção da casa é realizada com a participação de todos os membros do grupo familiar, podendo-se também recorrer à troca de dia entre vizinhos, por ocasião da derrubada de árvores, retirada e transporte de palha e principalmente para a cobertura, devido a sua altura. O seringueiro que está construindo convida os vizinhos mais próximos ou aqueles com os quais tem maior amizade, com o compromisso de retribuir quando convidado, futuramente, para executar o mesmo trabalho, pois a restituição do dia se dá apenas em outra atividade da mesma natureza, como quando das tarefas agrícolas.

Construí-la exige uma maior especialização e uma seleção das madeiras a serem usadas, as quais são exclusivamente retiradas da própria floresta. Exceto os cipós e as palhas de babaçu utilizadas para a cobertura, todos os outros materiais de construção exigem a derrubada do espécime. Classificadas em *madeiras do ar* e *madeiras do chão*, são derrubadas na lua minguante para evitar o seu apodrecimento e de serem tomadas pelo *gorgulho*, termo que denomina diferentes espécies de larvas que perfuram as árvores ou o cupim..

Madeiras do ar são aquelas que não entram em contato direto com o solo, sendo utilizadas como assoalho, paredes, linhas, esteios e caibros. Para parede e assoalho são usadas tábuas, *panos*, de paxiuba, paxiubinha ou açai. Para as linhas, onde são amarradas as palhas da cobertura, caibros e esteios empregavam-se espécies como a envireira, o taxi amarelo e o cundurú.

Aquelas que entram em contato direto com o solo e sujeitas a ficarem submersas durante as grandes alagações são as *madeiras do chão*, como a aquariquara, itaúba, massaranduba, muiracatiara, cajá. São as estacas, que precisam ser mais resistentes para não apodrecerem com a umidade.

A amarração das linhas, dos caibros e palhas de babaçu utilizadas na cobertura é feita geralmente com cipó titica. No entanto alguns seringueiros estavam trocando-o por pregos. O investimento em produtos industrializados, confeccionados com materiais

mais resistentes e com um custo maior, em substituição aos recursos florestais, pode ser tomado como um indicativo da intenção das famílias que passaram a adotá-lo, em fixarem-se na área por um período maior do que até então vinha se dando.

As maiores são construídas em módulos separados, interligados entre si por uma pequena passarela. Num, encontra-se a sala de visitas e o quarto do casal, enquanto no outro localiza-se a cozinha e um outro cômodo, utilizado tanto para as refeições diárias como quarto dos filhos maiores. Construí-las, com tal formato, permite que sejam parcialmente desmanchadas quando estiverem deterioradas, sem que a família fique desabrigada enquanto a conserta ou a reconstrói. Já aquelas menores, habitadas por casais com filhos pequenos, são construídas num único módulo dividido em dois cômodos, um quarto para o casal e outro que é utilizado simultaneamente como sala e cozinha, onde são preparadas e consumidas as refeições.

As *barracas* possuem duas portas de entrada, uma, voltada para o rio, pela qual entra-se na sala. Nesse lado, a parede é mais baixa, formando uma ampla janela, dando a quem esteja no seu interior uma visão ampla do que se passa no pátio. Quando construídas no alto do barranco situado na margem do rio, pode-se ver ao longe, tanto a juzante quanto a montante. A outra porta encontra-se voltada para o lado da floresta ou da roça dando acesso à cozinha. É, portanto, um lugar discreto, invisibilizado. A sala, por outro lado, é um espaço público onde se recebem as visitas e onde quem chega para pernoite amarra sua rede.

Nas paredes, para evitar a entrada de vento pelas frestas e enfeitar o ambiente interno, são coladas folhas de calendários, páginas de revistas ou jornais. São também penduradas bandeirinhas ou correntes confeccionadas com papel colorido. Numa das paredes há sempre um oratório com a imagem ou a gravura do santo de devoção da família.

A mobília é composta por uma mesa e alguns bancos de madeira. É freqüente a presença de um rádio, o qual é ligado em determinadas horas do dia, para que se ouvir os programas⁴¹ nos quais são transmitidas informações da cidade, preço da borracha, notícias nacionais e internacionais. Além de *avisos* por parte de quem está na rua, seja vendendo borracha ou em tratamento médico. A existência de uma máquina de costura ou de um fogão a gás é indicativo de que a família tem ou teve um rendimento que lhe permitiu a aquisição de tais bens.

⁴¹ Na época a ASGM mantinha o programa **Bom Dia Seringueiro**, na Rádio Educadora pertencente à Diocese de Guajará-Mirim, que ia ao ar diariamente entre às 7:00 e 7:30.

O quarto do casal é restrito aos membros da família. Nele dormem também, as filhas moças e as crianças. As poucas roupas são guardadas em um armário ou em prateleiras que não ocupam muito espaço. O leito do casal geralmente é um colchão de espuma sobre um estrado de madeira, enquanto os filhos pequenos dormem juntos noutro disposto no chão ou em redes. Dentro do quarto também são armazenados os mantimentos, principalmente a farinha, que são levados para a cozinha aos poucos conforme vão sendo consumidos.

Na cozinha, há um fogão feito de tabatinga, barro cinzento e de rápido endurecimento, sustentado por um estrado de madeira. Apenas poucas famílias possuem fogão a gás. Pratos, copos e talheres são guardados em prateleiras, enquanto as panelas, sempre bem areadas, ficam suspensas pelas alças à parede. Nas casas maiores, entre a sala e a cozinha há geralmente, um cômodo desocupado, onde a mulher e os filhos menores fazem suas refeições quando há visitantes.

As refeições são feitas na sala somente quando há visita. Em geral os visitantes e o pai, comem primeiro, enquanto os outros membros da família aguardam seu término para então fazerem sua refeição. As mulheres fazem uma distribuição dos alimentos servindo primeiro o chefe da família e os filhos mais velhos, mas garantindo uma porção para os demais. Em algumas casas, dependendo do grau de intimidade, todos são servidos na própria cozinha e come-se sentado no chão.

Utilizando-se parte de uma canoa velha ou caixa, são construídas armações de madeira elevadas do solo, os jiraus, onde são plantadas as hortaliças, *ervas de tempero* e algumas plantas de uso medicinal. São feitos dessa forma para proteger da alagação e dos animais domésticos ou selvagens as espécies nele plantadas. Naquelas colocações não sujeitas à cheia, são cultivadas diretamente no chão, dentro de um pequeno cercado protegido por palha de palmeiras ou galhos. É atribuição da mulher cuidar do jirau, por estarem os seus produtos relacionados à alimentação e à saúde da família. Perto da *barraca* também se encontra o galinheiro onde, no início da noite, são recolhidas as aves (galinhas, patos, galinha d'angola), evitando-se assim de tornarem-se presas das cobras ou de outros animais. Alimentar e guardar a criação miúda é responsabilidade das crianças, sobretudo dos meninos.



Foto 3 - Tapiri situado na “beira” e sujeito à alagação



Foto 4 - Casa da Colocação Floresta

3 - FAMÍLIA SERINGUEIRA

Com o fim da *época dos patrões*, em meados da década de 70, e o início do arrendamento, a família do seringueiro vai se constituindo na base da ocupação da colocação. A fase posterior ao arrendamento, marcada pela criação da Reserva em 1990, que reconhece o direito de posse, expresso localmente como *garantia de permanência*, a colocação passa a ser, ainda mais do que antes, uma unidade familiar. A casa passa a ocupar o lugar do barracão como centro de referência para a adoção de estratégias.

Desativado o barracão a família e o parentesco emergem como princípios organizadores de uma nova configuração social do grupo. Por ser a reciprocidade um componente central das relações de parentesco, deve-se relativizar o valor heurístico do cálculo econômico para explicar satisfatoriamente a sua dinâmica interna, pois, como alerta Ellen Woortmann (1995), o viés econômico minimiza relações mais amplas e relevantes para a compreensão das estratégias de reprodução social. É preciso, pois, entender o parentesco e a rede de relações que se estabelecem entre diferentes famílias para interpretar as estratégias e escolhas que estavam sendo adotadas. Para o caso aqui estudado, a teoria do ciclo familiar apresenta-se adequada para analisar as decisões tomadas no âmbito familiar (ALMEIDA, 1986).

Fortes (s/d) define reprodução social como o processo de “manter, repor e transmitir o capital social de geração para geração”, sendo seu centro o grupo doméstico, e explica que o seu ciclo de desenvolvimento constitui-se de três fases: expansão, dispersão e substituição⁴². Entre as famílias camponesas, as fases do ciclo geracional da reprodução

⁴² A fase de expansão tem início com o casamento e perdura enquanto os filhos do casal dependerem deles econômica, afetiva e juridicamente. A fase de dispersão começa com o casamento do primeiro filho, não necessariamente o mais velho, continuando até que todos os filhos casem ou migrem. E, finalmente, a fase de substituição é acionada quando o pai se vê impossibilitado de controlar o patrimônio. A última fase culmina

familiar possuem um caráter crucial para a perpetuação da família ao longo do tempo. Decisões implicando alterações na área de terra disponível não se restringem apenas a uma geração, mas também que sejam consideradas as seguintes, pois a “terra transmitida pelos pais constitui a base de existência do jovem casal, que por sua vez a passará a seus filhos” (GALESKI, 1977:116). É, portanto, em relação à reprodução do ciclo familiar que o tamanho da propriedade desempenha um papel decisivo, uma vez que há “uma relação de dependência entre o desenvolvimento da família e a quantidade de terra disponível” (CHAYANOV, 1974:58).

A possibilidade de conciliar extrativismo com agricultura de subsistência estava diretamente vinculada ao ciclo de desenvolvimento do grupo familiar, pois dependia exclusivamente dos seus membros para assegurar a continuidade de uma ou de outra atividade, como observa um dos seringueiros entrevistados: *a roça grande atrapalha o serviço da seringa. Porque roça para produzir tem que ser limpa, então eu não posso tirar um filho da seringa para trabalhar na agricultura. Por isso que agora nós bota roça pequena, porque só quem trabalha na agricultura sou eu mais a mulher e uma filha e o resto só na seringa.* Outra dificuldade para manter as duas atividades consistia no fato de que o acesso aos bens de consumo, em sua maioria, só era possível através da borracha. Portanto, manter este equilíbrio exigia tomadas de decisões com um mínimo de imponderabilidade, o que requeria uma avaliação cuidadosa e um grande esforço conjunto de todos os membros da casa.

3. 1 - Parentesco

A linguagem do parentesco parece não ter tido um papel organizatório entre os seringueiros, até o momento que as colocações começaram a ser arrendadas. A afirmação de Galvão, segundo a qual “a necessidade de mobilidade e dispersão da população imposta por esse tipo de economia impede a formação de “grandes famílias” características de outras zonas rurais do Brasil”(1976:15), verificava-se verdadeira para o caso dos seringueiros do rio Ouro Preto, quando viviam ainda subordinados aos seringalistas. Porém, frente às transformações no regime de apropriação possibilitadas

com a morte do casal e a reposição na estrutura social da sua família pela dos filhos ou, mais especificamente, da do filho que se tornou herdeiro.

pelo arrendamento e, posteriormente, pela criação da Reserva Extrativista, a família passa a se constituir num princípio central para a definição e organização das estratégias de reprodução do grupo, como também num elemento importante para a fundação da comunidade⁴³, ainda que hierarquizada e com conflitos internos. Se, em tempos anteriores, o trabalhador individualmente produzia a borracha em troca das mercadorias, atualmente ele precisa conciliar agricultura, pesca, caça e extração do látex, a fim de assegurar a própria subsistência e a de sua família. Garantido o direito da família de permanecer na colocação, os laços de parentesco passam a adquirir um novo caráter, tornando-se, assim, um princípio ordenador da atividade produtiva e criando uma organização social, em boa medida, mais estável.

Certa fragilidade dos laços de parentesco, anteriormente encontrada, pode também ser explicada pelo fato de os seringueiros mudarem-se anualmente de um seringal para outro, passando longos períodos longe da mulher e dos filhos. Um exemplo disso são as diferentes uniões em suas histórias de vida, tanto dos homens quanto das mulheres. Nas conversas, os pais freqüentemente falavam de filhos com os quais perderam qualquer contato, principalmente aqueles gerados na juventude. Muitos Soldados da Borracha, deslocados para a região ainda jovens, não possuem outros parentes consanguíneos, além dos filhos nascidos depois de sua chegada. Alguns dos quais de mães diferentes. Na maioria absoluta dos casos, a descendência estava restrita a duas ou no máximo três gerações, sendo a mais jovem, constituída pelos netos ainda pequenos. Assim, é na década de 40, com a chegada do pai ou do avô, que a linhagem da família praticamente começa a se organizar de modo menos instável na região.

Na atividade extrativista realizada na Amazônia, a condição da mulher merece uma análise cuidadosa, pois a sua presença no seringal é relativamente recente, caracterizando o extrativismo na Amazônia como uma atividade predominantemente masculina⁴⁴ (SANTOS, 1980; SIMONIAN, 1992; WOLFF, 1999; WOORTMANN, K. 1967; WOORTMANN, E. 1998). Os Soldados da Borracha procuraram, ao chegar à região na década de quarenta, mulheres índias ou bolivianas como parceiras ocasionais, passando-as adiante depois de algum

⁴³ Alguns autores, por enfatizarem a tomada de decisões ao nível individual ou exclusivamente familiar, ou entenderem, um pouco a maneira da antropologia clássica britânica, o parentesco de uma forma restrita à descendência (PINTON e AUBERTIN, 1997), não percebem a formação de comunidades, mediante o estabelecimento de redes mais amplas. O próprio Almeida (1994:269) duvida da existência de uma "suposta" comunidade "como um corpo moralmente integrado, [ou] como um conjunto de parentes".

⁴⁴ Esta situação pode ser verificada observando-se que o número de mulheres que exerciam a atividade extrativa na década de quarenta, como indica o censo daquele ano no município de Guajará-Mirim, era estatisticamente irrelevante em relação ao de homens, pois enquanto 518 pessoas acima de dez anos eram do sexo masculino, apenas quatro eram do sexo feminino (IBGE, 1952).

tempo⁴⁵. A união entre seringueiros e mulheres indígenas - Makurap ou Tupari, grupos integrados ao sistema de trabalho ligado à exploração de borracha, conhecidos como “índios do barracão” - se deu por rapto ou compra, mas também porque havia “interesse” delas em viver com os *civilizados*⁴⁶. Era conhecida em todo o território a “facilidade” com que as índias se entregavam aos novos “donos”. Isto talvez possa ser, ao menos em parte, explicado pelas práticas matrimoniais de tais grupos, como a que atribui a iniciativa de escolha do cônjuge ao homem sem consulta à mulher (CASPAR, 1976 [1957], 1953; 1955, 1956/1958; LÉVI-STRAUSS, 1948).

Segundo Simonian (1986), numa observação válida também para o Ouro Preto, as mulheres indígenas foram inicialmente incorporadas apenas como parceiras sexuais. Entretanto, se levarmos em consideração a explicação dada por Manduca para explicar a sua própria origem e a da população atual, o significado social e cultural dessa incorporação parece ser mais profundo e significativo⁴⁷ e está por merecer um estudo mais aprofundado. Para ele, cuja mãe era Makurap, *naquele tempo existia muito homem e mulher muito pouquinho. Então a pessoa naquele tempo se casava com uma boliviana ou então com uma índia. O caso do meu pai, casou com uma índia e gerou a gente. Isso explica porque a maioria da descendência [dos seringueiros] quando não é boliviano é índio mesmo, que uma pessoa tem que ter sangue mestiço. Quando não é boliviano é índio. Tem que ser mestiço de índio e boliviano*. Manduca fez este comentário quando me explicou a origem da sua habilidade e de outros seringueiros no uso do arco. Referindo-se a si mesmo disse, *eu tenho minha descendência, eu trouxe o dom, porque na minha infância, eu tenho lembrança, os meus tios me ensinaram a flechar e eu sou um bom flechador*.

Depreende-se que a *mistura* entre nordestinos e etnias locais pode ir além da influência no biotipo das pessoas e na cultura material, pois algumas práticas matrimoniais verificadas entre os seringueiros, especialmente as concernentes ao rapto e ao divórcio manifestariam, de acordo com minha hipótese, uma “continuidade cultural” (SAHLINS, 1999) entre a realidade atual e aquela observada por Franz Caspar (1976 [1957], 1953, 1955, 1956/1958). Esse autor registra que entre os grupos étnicos (Makurap, Tupari, Jabuti, Aruá) havia cerimônias de defloração e o divórcio entre

⁴⁵ Teixeira (1984) sugere que a escassez de mulheres era solucionada através de um acordo tácito entre homens com a finalidade de dividi-las entre si.

⁴⁶ Novamente aqui a perspectiva aberta por Lanna (1995) sugere que a servidão não exclui necessariamente a presença de algum consentimento.

⁴⁷ Isto tanto do ponto de vista dos seringueiros como dos grupos indígenas da região.

jovens casais era tão frequente e legítimo que o período de convivência marital podia ser considerado um “casamento experimental”. Retomaremos esse assunto mais adiante.

A família nuclear é constituída pelo pai, a mãe e os filhos, sejam eles da união atual ou de anteriores. E, em alguns casos, também pelos netos. Os enteados, quando criados desde pequenos, tratavam o padrasto ou a madrasta por pai e mãe respectivamente, inclusive na fase adulta. Os filhos são considerados como uma dádiva de Deus e ter poucos filhos significa não querer trabalhar, pois quem trabalha encontrará condições de sustentá-los. Por outro lado, ter vários filhos pode assegurar à família uma situação de maior fartura quando eles já estiverem contribuindo com seu trabalho para a manutenção da casa.

No tempo do barracão, como os seringueiros trabalhavam isoladamente, eram raros aqueles que mantinham consigo algum filho. Quando este se considerava em condições de trabalhar por conta própria, ele se afastava do pai para trabalhar em outra colocação ou mesmo em seringais de outros rios. A decisão de trabalhar individualmente resultava de uma avaliação sobre a sua capacidade de manter-se sozinho, isto é, dominar o saber e ter a experiência necessária à vida na mata. Assim, a dispersão dos filhos se dava, em grande parte, pela impossibilidade do pai em mantê-los próximos.

Com o arrendamento das colocações, a saída dos filhos homens passou a ser adiada, vindo a ocorrer quando se uniam maritalmente. Esse procedimento indicava o interesse em prolongar sua permanência em casa, dedicando-se à atividade produtiva por um período maior de tempo. Ainda assim, segundo um pai, *não tem tempo para o filho trabalhar por conta. A qualquer hora pode sair de casa*. Na época, os filhos, ainda solteiros ou ao casarem, dispersavam-se pelos seringais existentes na região, pois a neolocalidade era então possível, em virtude da disponibilidade de áreas onde pudessem se *colocar* como seringueiros. No período da pesquisa, seja devido à redução dos seringais, seja pela garantia de permanência na colocação, reforçava-se a tendência para reter os filhos solteiros e procurar fixar os casados naquelas unidades contíguas ou próximas a do pai, como, por exemplo, nas colocações Concórdia, Floresta, Fumaça, Colônia e Furo. Em alguns casos, Ouro Negro e Toqueiros, havia coabitação somente no período do inverno.

Essa prática, entretanto, não era generalizada, pois alguns mudavam-se para locais mais afastados, mas ainda dentro da Reserva, como o caso de um jovem recém-casado que passou a ocupar uma colocação contígua à do sogro. Outros estavam

abandonando o seringal por não encontrarem uma colocação disponível onde trabalhar. Segundo um seringueiro, *os filhos quando não querem trabalhar para uma casa só, tem que procurar outra colocação*. Afirmção reveladora do dever dos filhos submeterem-se à autoridade paterna e produzirem para uma única *conta*. Pois, como veremos mais a frente, cada casa tem sua própria conta, a qual é controlada pelo chefe da família que é quem a administra. Há, contudo, um certo ressentimento por parte do pai para com o filho que se afasta, uma vez que *se esquece do trabalho que o velho teve com ele*.

É preciso também lembrar que no cadastramento realizado pelo ITERON em 1989 a maioria dos filhos adultos teve uma colocação registrada em seu nome. É uma explicação parcial da preocupação de alguns pais com a saída dos filhos de casa após a criada a Reserva. Porém, ainda que possuíssem suas próprias colocações onde trabalhavam durante o verão, alguns retornavam para junto dos pais no período do inverno. Um exemplo dessa situação pode ser observada entre os três filhos mais velhos do Sr. Eman, Col. Ouro Negro, que exploravam *estradas de seringa* em suas próprias colocações durante o *fábrico* e deslocavam-se para a casa paterna ao seu final.

Diante da impossibilidade de se reterem os filhos adultos, procurava-se assegurar a permanência dos mais novos, assim: *em casa só vão ficando os menores para tomar conta dos pais*. A estes caberá, futuramente, assumir o controle da colocação quando o pai não mais estiver apto para exercê-lo. Em virtude de ajudar a *tomar conta* e, posteriormente, amparar os pais na velhice, o filho mais novo era considerado como herdeiro preferencial, senão o único.

Quando não havia mais filhos pequenos e o chefe da família ainda possuía vigor físico para trabalhar, era comum a criação de um neto, geralmente filho de uma filha separada. Ele realizava pequenos trabalhos domésticos até atingir idade para acompanhar os avós no trabalho da seringa. Caso fosse uma menina, ajudava a avó nos trabalhos domésticos. A partir do momento que as crianças passavam a viver com os avós, ficavam sob sua autoridade. Os netos passavam a ocupar o lugar dos filhos que deixaram a casa paterna e amparariam os avós na velhice⁴⁸. Nesse caso, eles eram vistos como herdeiros preferenciais, com as mesmas justificativas dadas para a escolha dos filhos mais novos.

⁴⁸ Preocupação também observada por Wolff (1999) na Reserva Extrativista do Alto Juruá. Martini (1998) interpreta a presença dos netos junto aos avós como uma poupança de afeto e de futuras relações de reciprocidade.

Idealmente, as filhas permaneciam com os pais até o casamento. Entretanto era grande o número de meninas enviadas para estudar ou trabalhar em Guajará-Mirim, onde ficavam residindo em casas de parentes ou trabalhando como empregadas domésticas⁴⁹.

O diagrama da genealogia sobreposta à distribuição espacial das colocações ao longo do rio (Fig. 4) deixa bastante evidente a espacialização das relações de parentesco e afinidade entre as diversas casas. As famílias, embora residindo em localidades espacialmente distanciadas entre si, não são unidades isoladas, pois estão vinculadas por laços de parentesco, afinidade, compadrio e vizinhança. Entre elas estabelecem-se obrigações recíprocas e hierárquicas, que se efetivam através de trocas de dias de trabalho para abertura de roças e construção de casas, distribuição de porções de carne de caça ou peixe, empréstimos de remédios⁵⁰, transporte no barco, circulação de informações, fornecimento de farinha, etc.

Os vínculos de parentesco também regulam internamente o acesso à colocação, uma vez que mesmo tendo ela cadastrada em seu nome, alguns seringueiros estavam sendo pressionados a abandonarem-na por não terem parentes na Reserva. As pressões manifestavam-se sob a forma de *fluxicos* sobre o seu caráter e acusações de roubo, ou através de restrições à sua entrada no circuito de auxílios mútuos, especialmente na recusa em fornecer-lhe farinha, o que num momento de dificuldade de acesso às *mercadorias* representava um impedimento para continuar residindo no seringal. A saída desses seringueiros abria a possibilidade de a colocação abandonada vir a ser ocupada por um filho, irmão ou cunhado que estivesse morando na cidade ou em outro seringal.

Num sentido inverso, alguns seringueiros estavam trazendo parentes que residiam fora da Reserva para morarem juntos ou ocuparem áreas próximas que estivessem “abandonadas”. Exemplo desse ingresso foi verificado na família que ocupava a Colocação Morada Nova. O grupo familiar era constituído por um casal e dois filhos pequenos que estavam sendo encaminhados para estudar em Guajará-Mirim, onde já residiam suas irmãs mais velhas. Para contornar as dificuldades advindas da

⁴⁹ O elevado número de filhas de seringueiros morando na cidade indica uma predominância da migração feminina. Tal fenômeno não é restrito ao Ouro Preto, pois muitas delas são originárias de diferentes rios.

⁵⁰ Embora eu não tenha dedicado especial atenção ao sistema de saúde durante a pesquisa de campo, as observações permitem concordar com Barbin Jr. (1999:74), que aponta para a importância das famílias no processo de cura entre seringueiros da Reserva Extrativista do Alto Juruá. Ela é responsável pelo “primeiro diagnóstico, pela escolha das formas de tratamento e são também os intermediários e negociadores entre o paciente e as várias instâncias de cura que o sistema local lhes oferece”.

redução do número de membros da casa, uma vez que os meninos ajudavam no trabalho, o chefe do grupo familiar que também estava planejando deixar o seringal em virtude da idade já avançada, 63 anos, trouxe um filho do primeiro casamento que residia no rio Cautário, a nora e as duas crianças, para ocuparem e explorarem uma colocação situada a pouca distância da sua. A intenção do Sr. Cosmè era de que esse filho passasse a *tomar conta* da Morada Nova após a sua partida.

A relação dos seringueiros com a Associação também era pautada pelo parentesco, pois alguns dos seus diretores eram do Ouro Preto⁵¹. Por possuírem parentes residindo na Reserva e pelo fato de o *barco do Conselho* na época não ter fornecido mercadorias a todas as famílias, uma série de suspeitas e acusações de favorecimento de uns em detrimento de outros eram feitas por aqueles que se consideravam prejudicados por estarem sendo tratados de forma diferenciada em relação aos parentes dos diretores. Referindo-se a esse tratamento, considerado seletivo, um seringueiro insatisfeito por não estar tendo *assistência* comentou que a *cooperativa só vende para o pessoal que é da fachada deles*. Há aqui uma mudança em relação ao tempo dos patrões, pois estes adotavam como critério a produção do seringueiro e a sua responsabilidade em saldar a dívida no final do *fábrico* para dar-lhe uma assistência privilegiada.

3. 2 - Casamento

O casamento, ainda que informal, possuía um significado importante para os migrantes nordestinos que chegaram à Amazônia para trabalhar na extração de borracha. Se a maioria pretendia permanecer trabalhando nos seringais até obter ganhos suficientes para retornar à sua terra natal, casar-se representava uma decisão de permanecer na região (WOLFF, 1999).

No Ouro Preto, era freqüente encontrar casais vivendo juntos e criando filhos sem formalizarem a união no cartório ou na igreja, *vivem amigados*. Unem-se para *fazer a vida juntos*. As uniões ocorriam quando o rapaz e a moça ainda não tinham completado vinte anos, porque, segundo um jovem, *quando fica velho tem filho para trabalhar*. As moças casam tão logo atinjam a puberdade, porque, segundo uma

⁵¹ A diretoria da Associação dos seringueiros de Guajará-Mirim era composta de representantes dos rios Novo, Pacaás Novos e Ouro Preto.

expressão corriqueira, *a menina é que nem abacate, tem que levar para amadurecer em casa*. Muito mais que a idade, a constituição física da moça era tomada como condição definidora da maturidade biológica e social e do preparo para o início da vida conjugal⁵².

As dificuldades da vida solitária na floresta levavam os rapazes, que deixavam a casa paterna e passavam a trabalhar individualmente longe da família, a se unirem com pouca idade. Para não ficarem completamente isolados, procuravam uma *parceira* para, além de fazer-lhes companhia, assumir os serviços domésticos. Um rapaz recém "casado" referiu-se à sua jovem companheira como *queima arroz*, quando interpelado por uma mulher mais velha sobre quem era ela. Os homens jovens teriam, assim quem cuidasse da barraca, lhes fizesse comida, lavasse as roupas e ajudasse no corte da seringa. É importante notar que, até o nascimento do primeiro filho era freqüente a mulher acompanhar o homem nas atividades realizadas longe da casa, seja por temor do adultério, ou para evitar que fossem vítimas de violência sexual. As uniões pareciam depender da oportunidade e da disponibilidade de mulheres, sendo dado preferência, entretanto, a moças residentes no próprio seringal, porque; *para casar, só com mulher da mata mesmo, porque as da rua é tempo perdido porque acabam voltando*.

Mesmo aquelas filhas de seringueiros que mudaram para a cidade, com o objetivo de estudar ou trabalhar, eram preteridas por não se sujeitarem mais ao modo de vida do seringal. Alguns rapazes saíam para trabalhar em seringais localizados em outros rios da região, a fim de encontrar mulheres solteiras com as quais pudessem se unir. O preterimento das *mulheres da rua* como opção de escolha matrimonial, a partir do momento que a colocação torna-se uma unidade familiar, pode ser, em parte explicado pelo fato delas representarem a impossibilidade de garantir a reprodução dos hábitos locais (BOURDIEU, 1987). Isto é, por não terem o costume nem os saberes e habilidades adquiridos com experiência da vida na mata, elas não poderiam garantir, através da sua participação nas diversas atividades exigidas, a perpetuação da família seringueira.

Observei uma tendência para se privilegiar casamentos entre pessoas cujos pais ocupassem colocações contíguas ou próximas. Por outro lado, tal intenção estava longe de ser constante. Esse tipo de escolha ocorria geralmente em casos como aqueles em que homens separaram-se de mulheres com quem conviviam fora da Reserva, onde

⁵² Os comentários masculinos sobre a moça estar no *ponto* ou *pesando mais de quarenta quilos* expressam bem a situação.

tinham parentes, para unirem com outras cujas famílias possuíam colocações no Ouro Preto. A grande maioria das separações indicadas haviam ocorrido no período entre o fim do arrendamento e a realização da pesquisa. Um indicativo dessa opção foi sugerida por um seringueiro, cuja filha já estaria apta para unir-se matrimonialmente: *hoje em dia querem uma pessoa que tenha o começo do que seja lá do que for na vida. Não querem que a moça case com um rapaz para começar do nada*. O comentário indica uma mudança em relação à situação anterior na qual o seringueiro era *despossuído* de qualquer bem material.

Mesmo havendo sutis restrições contra o casamento que não é do *gosto* do pai, ele não impede os namorados de se unirem e passarem a viver juntos. A pouca idade da menina parecia ser a principal objeção, uma vez que ainda *falta mentalidade*. A responsabilidade do pretendente, ser trabalhador e bom pagador, era levada em conta pelos pais para *entregar* a filha, pois se informavam sobre o rapaz com os marreteiros. O desejo, *gosto*, dela era, entretanto, considerado.

Quando os pais da moça manifestavam-se contrários à união, ela e o rapaz combinavam uma fuga, contando com a participação e conivência de amigos, irmãos ou primos. A jovem era *arrastada* pelo seu futuro marido para a cidade ou o casal escondia-se em alguma colocação abandonada ou na de algum parente que o acobertasse durante o período necessário para dobrar a resistência do pai. Criava-se uma situação temporariamente conflituosa entre o pai da jovem e o rapaz. Porém, depois de algum tempo, o casal retornava e restabelecia relações com ele e caso precisassem de alguma coisa ele ajudava⁵³. Para tanto, a mãe e as irmãs da jovem tentavam convencê-lo a aceitar a decisão da filha ter fugido e passar a viver maritalmente.

Ter filhas em idade de se unir maritalmente era considerado uma vantagem porque, de acordo com o comentário de um seringueiro cuja filha estava sendo cortejada, *o pai de família que tem filhas moças está privilegiado porque os rapazes interessados nas meninas vêm para a colocação passar o final de semana ajudar, só para poder estar perto das meninas*. Os trabalhos executados pelo pretendente para a família indicam uma espécie de *bride service*. Exemplo dessa situação pode ser verificado no seguinte caso: um seringueiro solteiro vendeu a sua colocação e foi trabalhar para o pai de uma jovem de quatorze anos, já separada e com um filho, para

⁵³ Martini (1998) interpreta o rapto como uma formalização às avessas, por haver uma conivência pública com relação ao ato. Considero o rapto como parte do ritual das práticas matrimoniais adotadas pelos seringueiros e outros grupos sociais amazônicos.

estar mais próximo dela. A sua pretensão em relação à jovem mulher era de conhecimento público e a criança era considerada sua filha, pelo fato dele dedicar-lhe atenção e ajudar na compra de roupas e alimentos⁵⁴. O pai dela já havia consentido na união, mas ela não desejava viver com o pretendente. Segundo o pai, *ela não quer mas ele vai tentar, até o dia que desistir*.

O número de mulheres solteiras era bastante reduzido, o que fazia com que cada uma delas fosse assediada por vários homens ao mesmo tempo. Frequentemente, os homens, casados ou não, tratavam-se jocosamente entre si como cunhados quando um deles possuía uma irmã, casada ou solteira. Certa vez, um seringueiro, comentando sobre a beleza da ex-mulher de outro, disse-me que os seringueiros podem ser amigos em tudo, menos em se tratando de mulher.

Os casais em fase de namoro sofriam constantes pressões sob a forma de *fluxicos*. Eram intrigas promovidas principalmente pelas mães e irmãs dos homens que seriam preteridos caso a união pudesse vir a se consumar. Forçando o rompimento, acusava-se o rapaz de ter outra mulher na cidade, de não pagar as suas dívidas, não ser um bom trabalhador e de beber em demasia. A acusação de mau pagador repercute negativamente junto às outras famílias e aos comerciantes, impedindo-o de obter crédito para aquisição de bens, situação que dificulta a manutenção de uma família⁵⁵. Tais intrigas ocorriam sobretudo quando o namoro se prolongava. Para evitar o resultado eficaz do *fluxico* os rapazes preferiam raptar, *carregar*, as jovens.

A tensão provocada pelo desequilíbrio entre o número de homens e mulheres manifestou-se na suspeita pública de relação incestuosa mantida entre um seringueiro e sua filha de dezessete anos. Esta acusação foi feita por várias pessoas, sobretudo pelas mulheres mais velhas. Baseava-se na recusa do pai em permitir a união dela com homens do lugar e no seu *ciúme* quando ela aproximava-se de qualquer rapaz. Esse homem residia, então, há três anos numa colocação próxima à margem do rio juntamente com a filha e um filho de quatorze anos e não mantinham vínculos de parentesco com quaisquer outras pessoas residentes na Reserva. Trabalhavam juntos na extração do látex e na pequena roça aberta por eles. Próximo, residiam dois seringueiros solteiros que já haviam tentado aproximar-se dela, mas foram impedidos pelo pai. Este

⁵⁴ Versão não confirmada pelo pretendente em conversa que tivemos.

⁵⁵ Dívida não-paga é uma das principais razões, não propriamente da ruptura da relação de crédito, mas da desqualificação da pessoa do devedor junto aos outros seringueiros, graças à divulgação da sua falta de compromisso, que o torna objeto de desconfiança aos olhos de todos. Tal procedimento atua como uma

justificava sua recusa em *entregar* a filha a qualquer seringueiro porque, segundo ele, o Ouro Preto *não é rio de dar sustento para uma família*. É possível que a acusação de incesto não se baseasse apenas em desconfiança, dado ser recorrente na região a prática de relações incestuosas entre pai e filhas. Porém, mais que a veracidade da acusação, importa verificar que ela expressava uma insatisfação da comunidade com sua recusa em estabelecer laços de solidariedade com as outras famílias, muito mais que a prática em si. Tal insatisfação explicitava-se nos comentários de algumas mulheres que sugeriam que alguns dos rapazes deveriam *arrastá-la*⁵⁶ à força para a cidade.

Em tempos anteriores à criação da Reserva, era comum muitas mulheres viverem temporariamente com um homem apenas como justificativa para sair da casa dos pais. Depois largavam o companheiro e migravam para a cidade, voltando quando ficavam doentes ou tinham um filho, a fim de cuidar da criança ou se tratar⁵⁷. As separações ocorriam tanto entre casais jovens, quanto entre os mais idosos, dos quais alguns o faziam depois de uma longa convivência. Pelo que pude observar, praticamente todos os adultos experimentavam, no mínimo, uma segunda ou terceira união. Após a separação, freqüentemente, a mulher deixava o seringal para morar com parentes em Guajará-Mirim, deixando o homem na colocação com os filhos, caso estes já fossem adultos. Se os filhos ainda eram pequenos, sem condição de trabalhar, ela os levava consigo ou deixava-os com os avós. Se os seus pais residiam no próprio Ouro Preto, elas voltavam para residir com eles e criar os filhos pequenos até unirem-se novamente. Outras, com medo de apanhar, por terem fugido, ficavam morando na cidade. Se voltassem a se amigar, os seus filhos ainda pequenos eram tratados como filhos legítimos pelo novo companheiro. A mesma legitimidade era conferida pela nova companheira de um homem que permanecesse com os filhos pequenos de uma união anterior.

A justificativa mais freqüente, dada pelas mulheres mais velhas, para as separações era a de que os homens encontravam outras mulheres, especialmente na cidade, e passavam a se relacionar com elas. Diante da circunstância, a esposa que

sanção moral, que força o devedor a liquidar a dívida, mesmo a longo prazo, de modo a evitar as implicações negativas que possam resultar da recusa em saldá-la. (ARENSBERG & KIMBALL, 1973).

⁵⁶ Para Lévi-Strauss (1976:105) “mesmo o casamento por captura não contradiz a regra da reciprocidade, sendo antes um dos meios jurídicos para pô-la em prática. A abdução da noiva exprime de maneira dramática a obrigação em que está todo grupo possuidor de moças de cedê-las”

⁵⁷ Prática que podia estar relacionada à atração exercida pelos garimpos da região, para onde muitas mulheres dirigiam-se para se prostituírem.

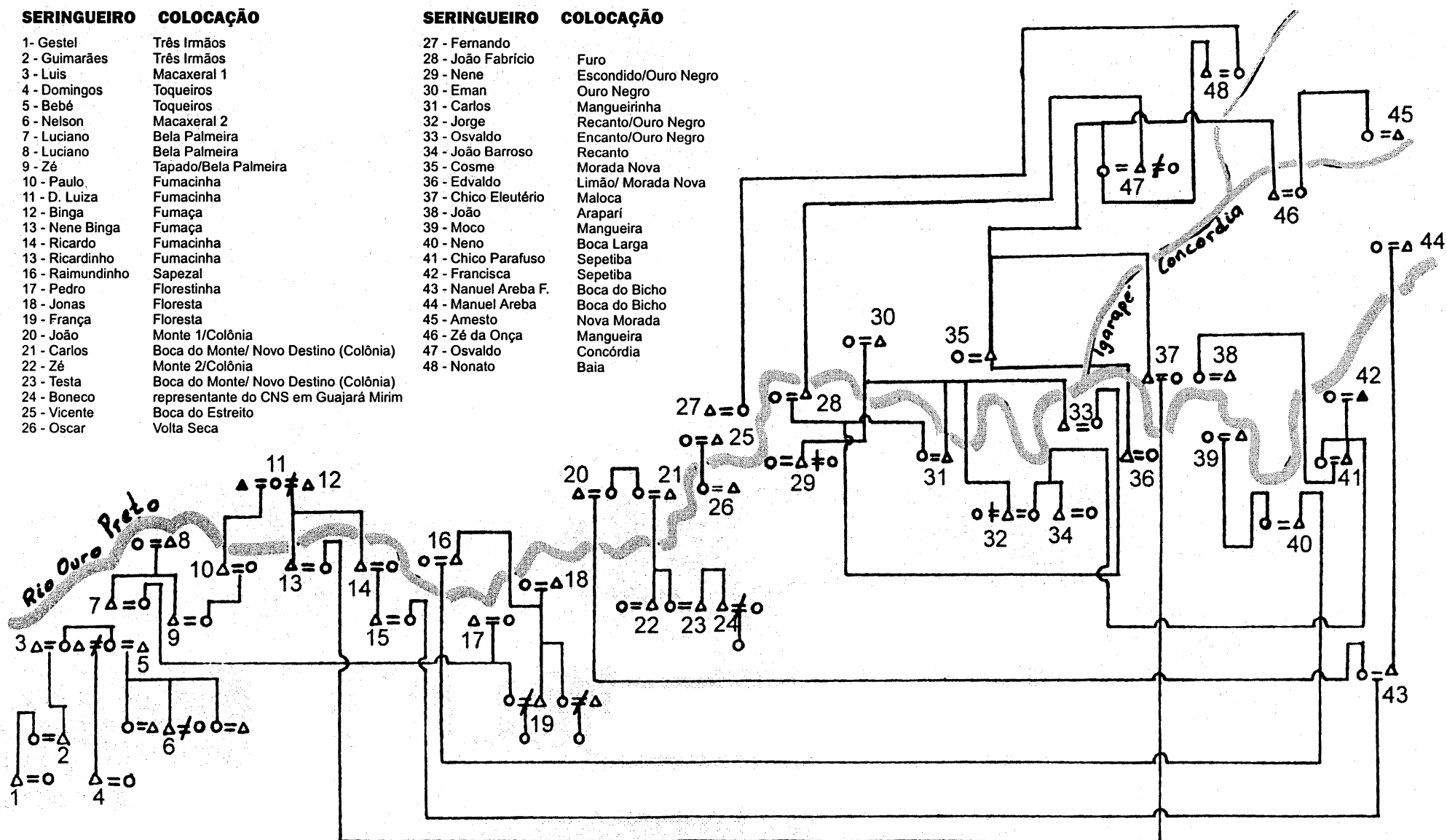
estivesse na cidade expulsava-o de casa⁵⁸; se estivesse no seringal, ela ia embora para a cidade ou voltava para a casa dos pais, levando consigo os filhos pequenos. Contudo a situação inversa também ocorria. As separações eram tão corriqueiras que qualquer despesa com o casamento, compra de roupas e utensílios domésticos, o *investimento completo da noiva, do noivo*, causava admiração e reprovação por parte das pessoas, uma vez que significava um gasto desnecessário pois o futuro rompimento da união era previsível. Apesar dessa expectativa, a aceitação da dissolução das uniões já não era unânime. É reveladora a observação de alguns seringueiros de que era preciso *botar moral* nos casamentos.

Perceber o rapto e a separação como “continuidades” de esquemas culturais pré-existentes (SAHLINS, 1999) entre os grupos indígenas que forneceram mulheres aos seringueiros nos permite ampliar e ir além das interpretações segundo as quais o rapto das moças deve-se exclusivamente à falta de “condições materiais (...) de prover a filha com dote e dar a festa do casamento” (GNACCARINI, 1980:132) ou como alternativa para romper com restrições impostas pelos pais e o rompimento da união conjugal por parte da mulher como uma simples tentativa de buscar sua liberdade e autodeterminação (FRANCO, 1997).

A *garantia de permanência* na colocação e a sua patrimonialização pela família que a ocupava exigia, porém, que passasse a adotar estratégias matrimoniais que pudessem resultar em uniões mais estáveis, *botar moral*, de modo a assegurar o domínio sobre a colocação. Além disso, as uniões entre membros das famílias residentes na Reserva tecia uma rede de parentesco e alianças vinculando diferentes casas, mesmo distantes entre si, como pode ser observado na sobreposição da genealogia à distribuição espacial das colocações ao longo do rio.

⁵⁸ Essa situação ocorre quando a família reside em Guajará-Mirim, mas o homem trabalha sazonalmente na extração do látex.

Fig. 4 - Genealogia sobreposta à distribuição espacial das colocações



3.3 - Compadrio

Nos contextos rurais que se defrontam com transformações das suas bases econômicas e sociais, as relações de compadrio podem tornar-se importantes ao possibilitar a ampliação e fortalecimento dos laços de solidariedade, ampliando a rede social de laços institucionalizados, ligando pessoas vinculadas pelo parentesco, vizinhança, relações de trabalho (ARANTES, 1975). Lanna (1995) interpreta tais vínculos como sendo contíguos ao compadrio e rejeita sua redução a um caráter meramente instrumental. Não se trata, portanto, apenas de “ampliação” e “fortalecimento” de laços sociais pré-existentes. Através do compadrio, estabelecem-se alianças, “afinidade espiritual”, orientadas pelo princípio da reciprocidade, para além dos limites da família nuclear (LANNA, 1995). Isso permite compreender a importância da instituição para a fundação da comunidade do rio Ouro Preto, constituída por famílias de diferentes origens, e para a formação de uma rede de casas, que estava se formando não apenas por razões econômicas, mas pelo atamento de laços de solidariedade orientados pela linguagem do parentesco.

O compadrio entre os seringueiros do Ouro Preto distingue-se entre o *de filho* e o *de fogueira*. O primeiro ocorre por ocasião dos batizados sacramentados pelos padres durante as desobrigas realizadas anualmente pela Diocese de Guajará-Mirim, que confirmam, ou não, aqueles realizados durante as festas religiosas sem a presença do representante da Igreja. Já o segundo é efetuado nas festas juninas em torno da fogueira e possui a mesma *consideração* que o de batismo.

Ter muitos compadres e comadres *é importante, dá mais respeito*, além de ampliar os laços de solidariedade entre as diferentes colocações, a ponto de um seringueiro, referindo-se ao Ouro Preto, dizer que *daqui alguns dias está uma família só*. Fala que denota a ampliação das relações de aliança, de modo a suprir a falta de laços entre grupos de descendência, estendendo ainda à rede relações de solidariedade real e cooperação (GALVÃO 1976; WAGLEY, 1988; WOORTMANN, E. 1995), inserindo o compadrio também no contexto das estratégias de reprodução.

No caso de buscar estabelecer relações pessoais mais vantajosas, os pais da criança a ser batizada convidavam para padrinho aqueles seringueiros com mais poder e prestígio, geralmente ex-marreteiros, ou tios e tias mais velhos. Contudo, o compadrio não elimina situações de conflito entre compadres. Os afilhados devem-lhes respeito,

mas há entre padrinho e afilhado brincadeiras aparentemente desrespeitosas. As dívidas continuam a ser cobradas, sem o mesmo rigor com que se cobra de pessoas com as quais não se mantenha o mesmo tipo de relação. Um exemplo da tensão existente pode ser citado: o caso de dois compadres *de filho*, residentes em áreas contíguas, em que um acusa o outro de fazer *porcaria*⁵⁹ para matar suas galinhas. A vítima interpretava a atitude como uma forma de pressioná-la a sair da sua colocação e deixá-la para que o acusado colocasse, em seu lugar, um dos filhos⁶⁰.

O ritual para estabelecimento do compadrio de fogueira ocorre por ocasião das festas e realiza-se em torno do fogo entre as pessoas que se escolheram para compadres, ainda que seja dispensada a figura do afilhado⁶¹. As duas pessoas, postadas uma em frente da outra, tendo entre elas a fogueira, dizem: *São João disse, São Pedro confirmou que há de ser meu compadre que Jesus Cristo mandou*⁶². Repete-se a frase três vezes, invertendo-se de posição em cada uma delas. Depois de proferi-la pela última vez, *dão mão de compadre*. Considera-se o compadrio de fogueira como de igual importância ao de filho, com a diferença que este é visto como mais *fino*. Os compadres, indistintamente da modalidade, mantêm entre si os mesmos compromissos, sendo, entretanto, interdito o matrimônio entre eles, porque *a cama mais quente que existe no inferno é a do compadre com a comadre*.

Por ocasião das festas juninas são também realizados rituais tornando aparentadas, na condição de primas, pessoas não parentes. Para tanto, são escolhidas pessoas amigas com as quais se pretenda estreitar a aproximação. De forma semelhante ao compadrio de fogueira repetem-se três vezes a seguinte fórmula: *São João disse, São Pedro confirmou que há de ser meu primo que Jesus Cristo mandou*. Aos primos de fogueira não são interditas as uniões matrimoniais; ao contrário, o rito estabelece maior aproximação entre um rapaz e uma moça e possibilita a instauração de alianças preferenciais, uma vez que promove uma “afinização” (GODOI, 1999; LANNA, 1995). Como pode ser apreendido do comentário de um dos entrevistados, *quando se vê uma moça e um rapaz passar a fogueira para ser primo, a gente já tem a consideração que*

⁵⁹ Os termos *porcaria* e *atrapalhação* significam feitiço. Quando um lugar deixa de produzir ou alguém é acometido de uma doença que *nem médico cura*, a causa é atribuída à feitiçaria.

⁶⁰ O bispo de Guajará-Mirim contou-me que, numa certa ocasião, foi procurado por um seringueiro que lhe perguntou se poderia voltar a batizar o filho porque não se dava mais com seu compadre.

⁶¹ Lanna (1995) e Godoi (1999) descrevem o ritual em contextos etnográficos distintos, Rio Grande do Norte e Piauí, respectivamente.

⁶² A fórmula varia da indicada por Galvão (1976) e Wagley (1988): *S. João disse, S. Pedro confirmou que N. S. Jesus Cristo ordenou que nós seremos compadres nesta vida e na outra*.

*vai nascer um amor, vai nascer um casamento*⁶³. É importante registrar que antes da criação da Reserva, para esse ritual de afinização, eram também convidados os seringueiros *novatos*, seringueiros recém-chegados ao Ouro Preto, numa demonstração de ampliação dos laços de sociabilidade.



Foto 5 – Noras e filhas do Sr. Ernan jogando bola num final de tarde



Foto 6 – Janeide, neta do Sr. Jonas (Col. Floresta)

⁶³ Lanna (1999) vê na associação entre os primos de fogueira e o noivado uma surpreendente manifestação empírica do casamento entre primos, o que remeteria ao modelo teórico das estruturas elementares do parentesco.



Foto 7 - Família do Sr. João (Col. Furo)



Foto 8 - Futuras gerações

4 - VIDA NA MATA

A identidade social dos seringueiros e o seu modo de vida resultam de uma construção que articula natureza e história⁶⁴. A floresta e o sistema de aviação são dois elementos referência dessa construção e podem ser verificados nas categorias por eles utilizadas e observados nas relações sociais, estratégias e escolhas individuais ou familiares. No interior dos seringais os migrantes nordestinos e seus descendentes, muitos deles gerados das uniões com mulheres índias, recriaram tradições nordestinas associadas a costumes e crenças indígenas e inventaram novas a partir das suas experiências cotidianas com o modelo econômico e com o meio.

Dadas as circunstâncias em que foi realizada a pesquisa de campo, problemas de abastecimento e baixo preço da borracha, as falas dos seringueiros sobre si mesmos e sobre a vida na floresta refletem a situação crítica então enfrentada⁶⁵. Viver na mata, para os seringueiros, é trabalhar na seringa e, nesse sentido, a condição de seringueiro é representada em termos dos resultados auferidos pelo trabalho: *o seringueiro já teve muito valor. Seringueiro de hoje em dia a borracha não tem valor.*

A borracha era o único produto comercializado pela totalidade das famílias. Como se sabe, ela é produzida para consumo externo ao seringal: *nós não comemos ela, mas o país, as indústrias precisam dela para fazer tudo aquilo que necessitam.* Por garantir acesso aos bens de consumo não produzidos pelo próprio grupo familiar, a extração de látex subordina e coordena todas as outras atividades, razão pela qual a sua produção deve ser assegurada. De forma análoga ao gado entre os Nuer (EVANS-

⁶⁴ Sahlins (1983:47) pondera que, “sem escapar aos constrangimentos ecológicos, a cultura sabe negá-los, de tal modo que cada sistema mostra em seguida o vestígio das condições naturais e a originalidade de uma resposta social”.

⁶⁵ Insatisfação também registrada por Franco (1993), O'Dwyer (1989) e Lima (1993). É bom lembrar que o período foi influenciado por uma conjuntura externa marcada pelos baixos preços da borracha e pelas altas constantes dos bens industrializados consumidos localmente.

PRICHARD, 1978), a produção de borracha impregna a vida cotidiana dos seringueiros, sendo um eixo em torno do qual se estabelecem vínculos sociais, formando uma rede de serviços recíprocos entre os homens e destes com o meio. Em todas as conversas, recorrentemente os seringueiros referiam-se ao seu preço, à sua qualidade, à produtividade das *madeiras*, etc. Qualquer fato, natural ou histórico, que afete a sua produção traz implicações sociais.

Os homens eram representados e classificados segundo sua capacidade de produzir mais ou menos borracha. Semelhante forma de classificação remonta ao *tempo dos patrões*, mas marcava de tal forma o cotidiano que a garantia de uma produção satisfatória continuava sendo critério para acesso às mulheres, ao crédito junto aos comerciantes e ao prestígio. Por outro lado, o reconhecimento social de um seringueiro pela coletividade local se dava muito mais em razão de critérios morais do que segundo suas posses.

Trabalho, sossego e liberdade eram também atribuições que conferiam à vida na mata um valor positivo em relação à cidade ou à colônia, pois manifestavam um projeto de autonomia, porque *é melhor trabalhar na seringa que na diária*, ou porque *a vida do seringueiro é boa, ninguém manda em ninguém*. Na mata, há maiores possibilidades para assegurar o bem estar da família, pois podem obter peixe, carne de caça, frutas e farinha. Pode-se viver sem dinheiro. Já na cidade, *se torna mais ruim se não tiver o dinheiro na mão todo dia*. Os seringueiros revestiam a própria vida de um significado heróico e lendário ao considerá-la como *um romance, mesmo que uma lenda*. Porém, por não proporcionar o acesso a um conjunto de bens existentes na cidade, a seringa era também vista, por alguns seringueiros, como uma ilusão: *o seringueiro trabalha a vida toda e não consegue nada*. Outro aspecto considerado importante consistia na ampliação da visibilidade social perante à sociedade abrangente, recorrentemente valorizada nas entrevistas: *Antigamente o seringueiro não tinha nome. Agora aparece no rádio, na televisão. Antigamente o seringueiro não era enxergado, o seringueiro não era reconhecido. Agora não, é reconhecido no Brasil todo*.

As representações sobre o seu modo de vida também variavam de acordo com as estações do ano. Inverno e verão implicam em alterações na vida cotidiana da família que precisa mudar-se de um local para outro, dedicar-se a distintas atividades e enfrentar dificuldades diferentes. No inverno, período no qual não se produz borracha em quantidade suficiente porque as estradas de seringa estão submersas e se *trabalha de meia com a chuva*, a maior preocupação era garantir o abastecimento da casa. Variações

sazonais eram também apreendidas em termos históricos. No *tempo dos patrões*, os seringueiros quando tinham saldo junto ao barracão recebiam adiantamentos em dinheiro ou em bens de consumo para passarem o inverno na própria colocação ou na cidade. Essa *assistência* dada pelo patrão, conhecida como *borracha na folha*⁶⁶ convertia-se numa dívida a ser paga na *safr*a do ano seguinte. Tal prática, como veremos, foi mantida pelos marreteiros durante o *tempo do arrendamento*. Caso o seringueiro terminasse o ano como devedor via-se obrigado a passar a estação das chuvas trabalhando na roça existente nas proximidades do barracão como diarista por não ter como se manter. Após criada a Reserva, além de a Associação não abastecer nessa época do ano, havia irregularidade no fornecimento de mercadorias levando as famílias a enfrentarem dificuldades e a compararem negativamente os novos tempos em relação aos anteriores. Apesar do presente de autonomia e de um passado de servidão.

É importante salientar que a vida na mata também era recorrentemente comparada à vida na cidade, *a rua*. Quando os seringueiros estavam sob controle do barracão os seringueiros *saldistas* passavam o inverno na cidade mantendo-se às custas do patrão, contraindo assim novas dívidas a serem pagas no *fábrico* do ano seguinte. Mesmo após o arrendamento os seringueiros de maior confiança obtinham tal adiantamento. Com o fim do regime de pagamento da renda, passar um período na *rua* tornou-se mais difícil. Viver na cidade, por um lado, está condicionado à posse de dinheiro porque *se não tiver o dinheiro na mão todo dia passa mal*. Para obtê-lo é preciso se submeter a trabalhos considerados menos dignos como vendedor de picolé, servente de pedreiro, vigia ou diarista nas colônias.

Por falta de profissão para se empregar em trabalhos melhor remunerados corria-se, inclusive, o risco de tornar-se traficante ou ladrão. A falta de segurança na cidade, ao contrário da mata, foi um fator recorrentemente apontado para que muitas famílias preferissem continuar morando no seringal. Por outro lado, a cidade permite o acesso ao ensino e ao sistema de saúde. Não se deve, contudo, pensar na existência de uma dicotomia sociedade da cidade/sociedade da mata, pois os dois espaços transcendem a territorialidade em termos de distribuição física dos indivíduos vinculados pelo parentesco e pela afinidade, constituindo o que Sahlins (1997:114) chama de “sociedade bilocal”. Uma sociedade da mata que se estende até a cidade e vice-versa.

⁶⁶: Relacionada ao saber botânico dos seringueiros, segundo o qual no inverno a seiva das árvores sobe para as folhas, essa noção de “borracha na folha” era também utilizada para caracterizar uma prática econômica. Com o adiantamento os seringueiros se comprometiam a entregar o látex quando este voltasse para o caule no verão seguinte.

Algumas famílias de seringueiros do Ouro Preto possuíam casa em Guajará-Mirim onde residiam filhos. Parentes residindo na cidade prestavam auxílio em caso de doença, hospedavam outros que se deslocavam para lá a fim de estudar, trabalhar ou apenas para passar uma temporada. Mantinham os vínculos com os comerciantes locais e informavam sobre quais deles ofereciam maiores vantagens na compra da borracha. Por sua vez, os seringueiros residentes na Reserva enviavam aos parentes da cidade parte de sua produção de farinha, castanha, frutos etc. Pessoas residentes em Guajará-Mirim participavam das festas e jogos de futebol realizados no interior da Reserva e também contribuíam com doações, especialmente bebidas.

Os laços de parentesco não são os únicos elementos capazes de instituir a continuidade cidade/mata como uma “rede comunitária não territorial”, uma vez que a Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim também estabelece vínculos econômicos e políticos entre os moradores da Reserva e agentes externos localizados nas esferas municipais, estaduais, nacionais e até internacionais. Nesse sentido, a Associação, enquanto entidade representativa dos seringueiros é análoga ao padrão: assumindo um lugar representacional que era deste enquanto figura intermediária entre o seringueiro com as casas aviadoras e o mercado internacional. Pode-se dizer que a dicotomia tradicional/moderno também se dissolve pois os seringueiros, desde o início de sua história, estiveram integrados ao sistema mundial⁶⁷.

4.1 - Serviço da seringa

A produção de borracha através da extração do látex das seringueiras leva o seringueiro a viver na mata, pois ela é a garantia de acesso aos bens de consumo como roupas, remédios, calçados e, sobretudo, alimentos. Embora a exploração intensiva a que foram submetidas as seringueiras em períodos anteriores, especialmente quando as colocações eram arrendadas, o seringueiro dedica à árvore produtora do látex uma atenção especial, pois *ela é uma planta que a pessoa cultiva sempre*. É dela, como dizem, ... *de onde nós tiramos o alimento*.

⁶⁷ Sobre a integração do seringueiro à sociedade global ver Santos (1980), Geffray (1992) e Almeida (1992), sobre o desenvolvimento simultâneo de integração do sistema mundial e diferenciação local ver Sahlins (1988, 1997).

O conteúdo das representações que o seringueiro tem sobre o seu trabalho se constrói a partir da sua experiência cotidiana, mas também com referências àquelas produzidas externamente e veiculadas através dos meios de comunicação, especialmente o rádio. Ao falarem da sua atividade, sobretudo os mais velhos, os seringueiros faziam referência ao discurso feito por Getúlio Vargas em Manaus numa data imprecisa, no qual ele afirmou que eles estavam *fazendo a grandeza da nação*. Como soldados da borracha, contribuíram através da sua produção para que o *Brasil ganhasse a guerra*. Mais recentemente, no contexto do discurso ambientalista, passaram a ser os guardiões da floresta ao protegê-la contra a devastação⁶⁸.

Apesar de o trabalho na seringa ser percebido como um *serviço descansado* com o qual o *nego ganha seu dinheiro para comer, para calçar, para vestir e criar seu filho*, é preciso que o *camarada seja cativo a ele, porque se ele facilita ele não arruma nada*. É também uma atividade cheia de sacrifícios, que só um *condenado* suporta. Um sacrifício feito em benefício do país, das indústrias, do presidente, *para ele ter melhor nome*. E, assim, [com ele] *pegar um nome e quem sabe até que ele não se lembre de nós e melhore nossa situação, nem que seja um aumento no preço do quilo da borracha*⁶⁹. O seringueiro, contudo, se mantém no ramo por ser essa sua *única profissão*. Mesmo com as dificuldades e sacrifícios, muitos preferem esse trabalho a outros, como o Sr. Jonas, 65 anos, ao afirmar; *se eu fosse novo eu não queria roça, eu inda ia cortar só seringa*.

A extração do látex para produção de borracha requer a realização de um conjunto de atividades que absorvem o seringueiro. Em fins de junho começa o *fábrico*, que se prolonga até início de dezembro, quando *levantam a faca*. A principal atividade consistia em produzir borracha, estando todas as outras a ela subordinadas. No início da *safrá da seringa* a primeira tarefa consiste em limpar, *desenrascar*, as estradas de seringa que estão obstruídas, *tapadas*, pela vegetação que cresceu durante a alagação ou durante o tempo que permaneceram paradas, *descansando*, e pelos galhos que caíram com os vendavais que vieram com a *friagem*⁷⁰.

⁶⁸ São essas representações que atribuem um prestígio maior ao trabalho de extração do látex em comparação com outros.

⁶⁹ Esta noção de que o preço não é determinado pelo mercado, mas sim concebido como “dado” por um político, também está presente na comunidade pesqueira nordestina estudada por Lanna (1995), em que o prefeito “faz” o preço do peixe.

⁷⁰ Por “*friagem*” os seringueiros designam os dias em que há uma queda acentuada da temperatura. e prenunciam o período de seca. Nesses dias seringueiras não devem ser cortadas porque o leite continua a escorrer por muito tempo devido a demora na sua coagulação.

Diariamente, ainda de madrugada, o seringueiro sai para *sangrar* as suas *madeiras*. Em torno das nove horas, conclui o percurso cortando, *fecha o corte*, e retorna para casa, deixando as tigelinhas⁷¹ embutidas no tronco das árvores. *Fecha a colha* quando completa a volta colhendo o leite ou o cernambi. Este é deixado na mata para coagular naturalmente e colhido dois ou três dias depois. O látex colhido no mesmo dia é transportado em baldes para ser coagulado em casa. O primeiro procedimento vinha sendo adotado até o momento em que as usinas passaram a rejeitar a borracha assim produzida, considerada de péssima qualidade.

É preciso observar que, conforme informações dos próprios seringueiros, a qualidade da borracha começou a piorar após a entrada dos marreteiros como intermediários da sua comercialização. Alegavam que uma forma de compensar a desregulagem mal intencionada da balança pelos compradores era incluir outras substâncias como pedras, barro, sementes ou areia. Outra forma consistia em deixá-la dentro da água por um tempo para aumentar o seu peso com a umidade. A falta de cuidados com a qualidade da borracha era, entretanto, condenada por alguns seringueiros mais velhos, pois, segundo eles, *não se paga alimento com imundície, não*.

Cortar, colher e coagular no mesmo dia aumenta o trabalho, pois o seringueiro precisa percorrer duas vezes a estrada de seringa. A realização destas tarefas reduz o tempo destinado a outras atividades, mas tem a vantagem de se conseguir um preço melhor para a borracha, além de aumentar a produtividade, ao evitar que uma porcentagem significativa de látex seja desperdiçada caso chova⁷². Algumas horas depois de terminada a fase do corte os seringueiros precisam retornar à estrada recolhendo o leite concentrado nos recipientes o qual será transportado para casa em sacos de napa ou *encauchados*⁷³. Posteriormente é despejado numa bacia de metal ou cocho de madeira para ser coagulado com leite de gameleira (*Ficus anthemintica*), limão ou vinagre. Quando apresenta uma consistência firme é recortado em fatias que são colocadas na caixa da prensa para serem comprimidas de modo a reduzir a quantidade de água e formarem um bloco resistente.

⁷¹ Em 1992, tentando melhorar a qualidade da borracha, o Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais - CNPT, juntamente com a ASGM, incentivavam os seringueiros a substituir as latas de conserva por recipientes plásticos.

⁷² Saber se vai chover é importante, pois *quando chove, trabalha de meia com a chuva*. Chovendo muito durante a noite não corta no dia seguinte enquanto o tronco da árvore não secar, senão o *meleiro espalha o leite*.

⁷³ Encauchar consiste num processo de revestimento de um tecido de algodão com uma película de látex defumado para deixá-lo impermeável.

Já os pedaços de cernambi, depois de recolhidos, são primeiro lavados, para retirada da sujeira (galhos, insetos, folhas) que se prendeu a sua superfície durante o tempo que permaneceram na mata. Posteriormente, são colocados numa caixa de madeira para serem prensados para se extrair o excesso de água e dar maior firmeza às pélas ou pranchas, que pesam entre 30 e 40 quilos, facilitando o seu armazenamento e o transporte. Depois de prensada, a borracha é guardada, até ser vendida, em um lugar protegido do sol, para não perder a elasticidade e a resistência. Localizada num local sombreado, geralmente próximo do porto, a prensa de borracha pode variar quanto à forma, mas se encontra invariavelmente presente em todas as colocações. Esse local caracteriza-se como um espaço predominantemente masculino, onde se dá a negociação entre o seringueiro e o comprador.

Todo esse conjunto de atividades compõe o *serviço da seringa*. Ao mesmo tempo que era interpretado como legitimador da posse da colocação, o *cultivo da seringa*, continuava revestido de um significado originado no tempo dos patrões. O trabalho, ainda que executado em nova condição, a de *dono* da colocação, permanecia visto como dívida, por estar comprometido com o pagamento da conta. Significado que pode ser apreendido da seguinte conversa entre dois seringueiros, um dizendo que *trabalha para pagar a conta* e o outro, referindo-se ao fato de não possuir dívida junto à Associação, que *eu não devo esse trabalho*.

4. 2 - Serviço da Roça

Até 1992, a agricultura ainda era considerada uma atividade secundária em relação à produção de borracha, uma vez que esta continuava sendo a garantia de acesso ao *rancho*. Neste sentido, *a seringa serve a roça*. Ou ainda, *quando vigorava o barracão ninguém botava roça, que o patrão abastecia sempre*. No período havia somente roças situadas na área do barracão e eram pertencentes ao seringalista . Plantava-se sobretudo macaxeira para a produção de farinha que seria vendida aos seringueiros. Nelas trabalhavam durante o inverno apenas os seringueiros que não obtinham saldo para descer à cidade. Eles permaneciam trabalhando na diária, a qual não se constituía em pagamento da dívida contraída durante o *fábrico*, pois dívida contraída em borracha deveria ser paga apenas com borracha.

Nesse tempo, o patrão fornecia toda a *mercadoria* necessária para o *fábrico*, razão pela qual os seringueiros não tinham interesse e nem *precisavam* trabalhar na agricultura: *no tempo do patrão eram poucos que botavam roça porque o patrão sustentava*. Além desse aspecto, havia proibições quanto ao trabalho em outras atividades durante a safra da seringa, fossem elas explícitas ou implícitas. Mesmo que a agricultura passasse a ser mais praticada, por outro lado, durante a pesquisa, alguns seringueiros não tinham possibilidade de dedicar parte do seu tempo à agricultura por estarem comprometidos com a produção de borracha para saldarem suas dívidas.

Durante o período no qual as colocações eram arrendadas, os seringueiros não mantinham roças, porque eram impedidos pelos arrendadores ou poderiam ser expulsos sem indenização pelas plantações. Mas também porque, segundo a maioria dos entrevistados, não havia necessidade da roça, porque a borracha garantia o sustento da família durante o período de extração e também no inverno, se tirasse saldo. Caso contrário, o seringueiro poderia recorrer ao abono, vendendo antecipadamente sua produção de borracha. Esta alternativa, evidentemente, não tinha implicações exclusivamente econômicas e sociais, mas também ecológicas, por exigir a intensificação da exploração das seringueiras para garantir a produção de uma quantidade de borracha que pudesse permitir saldar essa dívida, satisfazer as necessidades de consumo e o pagamento da renda.

Após a criação da Reserva, a importância da agricultura aumentou por poder proporcionar o bem estar da família e permitir ampliar os meios necessários à reprodução, propiciando alimento e reduzindo a dependência dos bens de consumo adquiridos com a venda da borracha. Conforme explicou o Sr. Ernan ao dizer que *o camarada trabalhando na roça ele tem o feijão, tem o arroz, tem o milho, tem a farinha, cria sua galinha, cria seu porco e vive mais folgado*.

As famílias com um grande número de membros em condições de trabalhar encontravam maiores possibilidades de conciliar as duas atividades simultaneamente. Em situação inversa, a alternativa era convidar um sobrinho ou afilhado para incorporar-se ao trabalho ou, então, *contratar* uma pessoa não pertencente à família, o *capanga*. Porém, a última opção só era possível se o dono da colocação possuísse estradas de seringa em número suficiente, pois o seu pagamento era feito em borracha, além de ser preciso assegurar sua alimentação enquanto permanecia trabalhando.

A roça situa-se no alto, na terra firme, é quente e seca, ao contrário da seringa, que é úmida e fria. O resultado do trabalho agrícola empreendido sob o sol depende, entretanto,

da chuva. Sua distância, calculada em tempo de caminhada, em relação à barraca variava de uma colocação para outra. Apesar de considerada uma atividade de inverno, o trabalho na roça tem início no final do verão e intensifica-se durante o período das chuvas com a capina, o que é facilitado pela atual disponibilidade, por parte dos seringueiros, do tempo antes empregado na produção de borracha.

O trabalho na roça era considerado como sendo mais desgastante fisicamente que o na seringa, porque o seringueiro é obrigado a permanecer durante muito tempo sob o sol forte executando tarefas pesadas: *Na agricultura o trabalho é sacrificoso. É preciso que o sujeito esteja todo dia com a enxada lá dentro senão está lascado, o mato come a roça.* Por outro lado, não se têm garantias sobre os resultados do trabalho empreendido. Contudo a diversificação da produção se colocava como uma necessidade, *para não ficar só no fiel da balança*⁷⁴.

Substituir o extrativismo pela agricultura, entretanto, poderá implicar o afastamento do seringueiro do contato sistemático e freqüente com a mata, condição imprescindível para adquirir conhecimento sobre o meio e dominar os seus segredos. Mudar de atividade poderá contribuir para a desarticulação do saber, exigir um esforço acima da capacidade do grupo familiar e promover uma revisão da própria identidade social. Esta é uma questão importante, uma vez que o seringueiro identifica-se contrastivamente ao agricultor: *um homem tem que ser forte para ser seringueiro, muito mais que o agricultor.* Posicionamento que se explicita ainda com mais clareza se considerarmos que, por ocasião da pesquisa de campo, a proposta de efetuar o pagamento das mercadorias adquiridas da Associação com produtos da roça não estava sendo aceita pelos seringueiros. Numa ocasião um seringueiro comentando sobre o assunto questionou-se dizendo; *a gente é seringueiro ou colonheiro?*

Mesmo tendo noção da importância de reduzir a sua dependência em relação à borracha, os seringueiros ainda sujeitavam a agricultura ou a silvicultura a uma avaliação quanto à viabilidade de conciliação simultânea das duas atividades por parte da família. Por outro lado, como a adoção de novas técnicas, cujos resultados serão obtidos a longo prazo, não possibilitavam a comparação com as adotadas costumeiramente, eram vistas com desconfiança. Além dos aspectos indicados, a

⁷⁴ Nesse sentido, técnicos do INPA e da EMBRAPA, a convite da ASGM, iniciaram estudos para elaborar um projeto de agrosilvicultura com o objetivo de reduzir a dependência econômica dos seringueiros de um único produto.

disponibilidade de áreas com solos férteis é um fator crucial para possibilitar a diversificação da produção.

O ciclo agrícola tem início em abril com a *broca*, a qual consiste no corte dos cipós e do mato baixo da capoeira. Participam todos os membros do grupo doméstico, com exceção das crianças pequenas. Depois realizava-se a derrubada, com a participação dos homens e dos vizinhos no regime de troca de dia. Cortavam-se as árvores de tal maneira que caíam com a copa para o centro da área delimitada. Entre agosto e setembro realizava-se a queimada. A área aberta para cultivo variava entre uma e quatro tarefas, entre meio e dois hectares. O seu tamanho e a sua manutenção dependia do número de membros do grupo doméstico e da extensão de terra firme com solos férteis existentes na colocação.

No final de setembro iniciava-se o plantio. Primeiro o arroz, depois o milho e, finalmente, depois da colheita dos dois primeiros era plantada a macaxeira. Esta era deixada durante um ano e meio ou dois para ser colhida e usada como matéria prima para a fabricação de farinha. Terminada a colheita de toda a macaxeira abandonava-se a área por alguns anos de modo a permitir a formação de novas capoeiras. O período entre outubro e dezembro, época do plantio, apresentava-se como o mais crítico, pois os seringueiros que possuíam roça precisavam conciliar o trabalho na seringa com os cuidados com a terra recém semeada.

4. 2. 1 - Farinha d'água

Produzir farinha era uma atividade importante que demandava tempo e esforço do grupo familiar, por constituir-se num item básico da dieta alimentar, podendo ser complementado com outros ou ingerida pura, pois como afirma um seringueiro, *o pessoal está aclimatado com a farinha. Farinha sustenta*. A sua produção requer uma interrupção do trabalho na roça e da seringa. Envolve a participação dos membros do grupo familiar, sob controle do seu chefe, pois é ele quem determina a divisão do trabalho entre os membros da casa e as atividades a serem realizadas, o volume da produção, além de controlar a qualidade.

O processo de sua produção é dividido em algumas etapas bem demarcadas e realizado em dia definido pelo chefe do grupo familiar. A macaxeira é retirada da terra, descascada e cortada em pedaços, e posteriormente colocada num cocho com água ou numa canoa velha submersa no rio durante três ou quatro dias até fermentar. Quando estão suficientemente moles, os pedaços são lavados para retirada da sujeira e dos que não

amoleceram e transferidos para outro recipiente onde serão amassados, formando a massa puba. Enquanto algumas pessoas realizam esse trabalho outros trazem a lenha que alimentará o fogo do forno.

Coloca-se a massa numa caixa de madeira para ser prensada, retirando o excesso de água. Depois de prensada, a massa é peneirada para retirar a *cueira*, parte não aproveitável formada por grãos ainda duros. Somente então passa a ser escaldada no forno, uma grande forma metálica aquecida, onde é espalhada e constantemente movimentada com uma pá de madeira, cuidando-se para que não torre além do ponto e nem fique muito dura ou escura.

Amassar, prensar e peneirar são serviços que podem ser executados por qualquer membro do grupo familiar, mas sob supervisão do seu chefe. Já a *escaldamento* é uma atribuição exclusiva deste último, uma vez que a qualidade do produto resulta do controle da torrefação; *a escaldamento é que manda na farinha*. O reconhecimento público sobre a qualidade da farinha representa prestígio para o seu produtor.

De acordo com um seringueiro, *a farinha é um dos legumes que dá mais trabalho porque tem que plantar, esperar o tempo de tirar, descascar, deixar para amolecer, amassar, prensar, torrar. Com todo esse trabalho, é barato*.

Era freqüente a participação de pessoas não-integrantes do grupo familiar na sua produção, em troca de uma determinada quantidade. Elas geralmente não possuíam roçado ou a sua plantação de macaxeira não estava no *ponto* de ser extraída da terra. As famílias que dependiam dos outros para ter farinha enfrentavam grandes dificuldades, porque, neste caso, o chefe do grupo era obrigado a interromper o *fábrico* para providenciá-la em outras casas, trabalhando na sua produção⁷⁵.

Poucas eram as colocações que produziam um excedente de farinha, o qual comercializavam internamente ao seringal em troca de borracha, com o *barco do Conselho*, ou, ocasionalmente, com feirantes de Guajará-Mirim quando dirigiam-se à cidade. A maioria das famílias afirmou enviar parte da produção para parentes residentes em Guajará-Mirim.

⁷⁵ A informação de que uma família residente no igarapé Amarelo estava comendo palmito com peixe por falta de farinha, foi motivo de comentários indignados, pois sugeria uma situação de miséria.

4.3 - Divisão do trabalho

Como já foi dito, a colocação é uma unidade familiar de produção e consumo na qual todos os membros do grupo participam das atividades econômicas, obedecendo a autoridade do chefe da casa, que pode não ser exclusivamente o pai, uma vez que há casos em que um dos filhos desempenha tal atribuição. É ele quem define e controla a divisão do trabalho, o volume da produção, a venda da borracha, o trabalho na roça, a compra de mercadorias e o consumo. Decide sobre a gestão dos recursos quando define quais estradas de seringa serão exploradas durante o *fábrico*, e qual atividade agrícola será realizada. Nas colocações onde há roça e estrada de seringa, a distribuição das atividades entre os membros da família é por ele coordenada, decidindo quem vai cortar e quem vai para a roça. Suas decisões não excluem, entretanto, a participação da mulher e dos filhos mais velhos.

O controle do pai sobre o trabalho está relacionado à sua idade e à sua saúde, isto é, no seu vigor físico de cortar seringa sozinho ou com os filhos em idade de acompanhá-lo. Quando suas condições não permitem mais *trabalhar na seringa*, dedica-se ao *trabalho da roça*. Enquanto os filhos mais velhos cortam seringa, ele empenha-se na agricultura acompanhado desta vez pelos filhos que ainda não podem ir para as estradas extrair látex, ou ainda, em alguns casos, pela mulher e filhas. Assim, seja na produção de borracha, seja na agricultura, os filhos solteiros ajudam o pai. A borracha que produzem é para a casa, integrando uma *conta só* e quando precisam de alguma coisa é o pai quem compra. A *conta* junto ao marreteiro ou ao *barco do Conselho* está em seu nome e qualquer acerto só pode ser feito diretamente com ele ou por outra pessoa por ele autorizada, a mulher ou um dos filhos mais velhos.

Quando o pai se via impossibilitado de exercer o controle sobre a produção, a comercialização e o consumo, um dos filhos assumia o seu lugar, *aquele que tem mais interesse* e que *ajuda a tomar de conta*. Atitude reveladora da existência de critérios, muito mais que regras, para a escolha do sucessor do pai, pois resultam imediatamente de condições objetivas de interesse prático, mas definidos em relação a valores morais. Porém, interpretado de outra forma, pode significar que o compromisso moral do filho mais dedicado com a construção e manutenção do patrimônio, permitia ao pai reconhecê-lo como seu substituto.

4.3.1 - Trabalho da mulher

Conforme observado anteriormente, a presença feminina no seringal é relativamente recente, caracterizando o extrativismo como uma atividade predominantemente masculina. Isto foi especialmente verdadeiro no início do século, mas persistiu, também, durante a Segunda Guerra⁷⁶. Diferentes autoras, procurando dar visibilidade à mulher no seringal, observam que, na grande maioria dos estudos antropológicos ou históricos, a presença feminina é escassa, apesar da sua importância determinante para a reprodução social da família (SIMONIAN, 1992; WOORTMAN, E., 1998; WOFF, 1999; FRANCO, 1995, 1997)⁷⁷.

A participação da mulher na extração do látex, *serviço do mato*, depende da fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Quando ainda não têm filhos, elas acompanham o marido no trabalho de corte da seringa, nas mesmas estradas que ele. Segundo uma boliviana que ajuda o marido a cortar, *sempre é bom ajudar o marido. Acaba mais cedo*. Ocorria também da mulher cortar seringa porque tem filhos de uniões anteriores residindo junto com o companheiro atual e precisa contribuir com a sua manutenção. Neste caso, ela tem algum controle da produção, mas não diretamente da comercialização. Não conheci qualquer mulher que trabalhasse individualmente na extração do látex, mas havia uma única colocação controlada por uma. Para as mulheres, os mistérios da floresta não se apresentavam indevassáveis e nem os seus perigos inibidores, razão pela qual afirmavam que trabalhariam sozinhas caso fosse preciso. Não se trata, portanto, de desconhecimento sobre o serviço da seringa, pois seu aprendizado se dava ainda meninas ao acompanharem os pais ou, já mais velhas, quando acompanhavam o marido no início da vida conjugal.

A partir do primeiro filho, o trabalho feminino restringe-se à esfera doméstica e aos cuidados com o terreiro, onde são criados alguns animais de pequeno porte. Ajudam também a lavar o cernambi antes de ele ser prensado. A mãe prepara os alimentos, costura as roupas, planta e cultiva as fruteiras, enquanto as filhas tratam os peixes, lavam a louça e as roupas, limpam a casa e o pátio, além de cuidarem dos irmãos menores. Se a mãe

⁷⁶ São recorrentes os relatos dos Soldados da Borracha de que, dada a ausência de mulheres, os homens formavam pares para dançarem nas festas. Segundo um seringueiro, *antigamente era um perigo um homem possuir uma mulher, porque poderia ser morto para lhe tomarem ela*. Seringueiros que permanecessem muito tempo endividados corriam o risco de ter a mulher tomada pelo patrão. Ellen Woortmann (1998:171) se refere a este período como o “tempo dos androceus”.

⁷⁷ A pouca ênfase na participação feminina neste trabalho deve-se ao fato de que, em virtude da minha condição sexual fui induzido a concentrar a observação em espaços masculinos, em decorrência das

também corta seringa ou trabalha na roça, o seu trabalho doméstico é reduzido se têm filhas adolescentes, pois estas assumem a maioria das tarefas da casa.

Mesmo não gerando renda substantiva, o trabalho feminino é indispensável por complementar ou mesmo suportar a principal atividade da casa, a produção de borracha. A mulher participa das discussões sobre as questões relativas à administração da colocação, posicionando-se sobre quantas tarefas de roça poderão ser abertas, quanta borracha será armazenada como reserva, qual a quantidade de mercadoria a ser adquirida, ainda que a decisão final caiba ao marido. A conversão da colocação em unidade familiar e sua complexificação tornam a participação feminina decisiva para a reprodução social, pois, como indica E. Woortmann (1998), ela subvenciona a produção masculina⁷⁸.

4. 3. 2 - Capanga, parceiro de barraca e ajuda mútua

Naquelas colocações onde a família nuclear restringe-se ao casal com filhos pequenos recorre-se à força de trabalho de pessoas não-pertencentes ao grupo familiar como *capanga*. O contrato de trabalho estranho à família é uma solução encontrada para ampliar a sua capacidade produtiva⁷⁹. Trata-se de um homem solteiro, *sendo solteiro, não importa a idade para se colocar como capanga*, que trabalha para o dono da colocação, na condição de meeiro ou diarista, recebendo no final do *fábrico* ou mensalmente, conforme o acerto realizado entre eles. Toda a sua produção é incluída na *conta* do seringueiro *dono da colocação* e, como tal, *dono da conta*. O capanga não possui, portanto, crédito junto aos marreteiros ou ao barco do Conselho, pois sua manutenção é responsabilidade do seringueiro para quem está trabalhando, dependendo dele para aquisição de qualquer bem, cujo valor será posteriormente descontado: *Capanga é o seringueiro que trabalha para outro. Qualquer coisa que precise adquirir depende da permissão do dono da conta*.

Ainda que haja uma relação amistosa entre o seringueiro dono da colocação e o capanga, este era freqüentemente visto com desconfiança, especialmente porque, como disse um seringueiro mais velho, ele *fica de olho na mulher do dono da colocação. É preferível um irmão, um sobrinho, mas não um particular, porque se dá muita coisa feia*.

evitações para permanecer naqueles preponderantemente femininos.

⁷⁸ A interpretação do trabalho feminino como complemento ou suporte da produção masculina é também feita por Alencar (1993) em seu estudo sobre a participação da mulher no contexto da pesca artesanal realizada no rio Amazonas.

⁷⁹ Queiroz (1983), em estudo no Vale da Ribeira verifica que contratação da força-de-trabalho estranha à família ocorre quando a disponibilidade de terra supera a sua capacidade produtiva.

Quando um seringueiro, cuja família era constituída por ele, a mulher e os filhos pequenos, ocupava e explorava uma colocação com um número de estradas que permitisse o trabalho de mais uma *faca de seringa*, costumava-se convidar outro para trabalhar como parceiro. Este, geralmente, era um seringueiro casado, porém sem filhos ou com um ainda pequeno. Durante o *fábrico* moravam na mesma barraca, trabalhavam em estradas diferentes, tendo cada um a sua própria produção e conta. No caso de serem irmãos, reuniam numa conta única a borracha produzida, dividindo as despesas e o saldo.

Trabalhar em dupla na colocação remonta ao início do século, pois era prática comum dois seringueiros morarem juntos durante o período de extração do látex para um fazer companhia ao outro no interior da floresta. Cada um, porém, explorava estradas definidas pelo patrão e tinha sua própria conta no barracão. Por ocasião da pesquisa de campo, quem trabalhava como parceiro era porque não tivera tempo de limpar suas estradas no início da *safrá da seringa* ou pretendia deixá-las descansando por um determinado período, permitindo a recuperação da capacidade lactífera das seringueiras da sua própria colocação.

Abertura de roça e construção de barraca são as duas ocasiões principais em que há a troca de dia entre seringueiros residentes em colocações próximas. Quem está fazendo uma derrubada de mata para começar uma roça ou construindo uma barraca convida alguns vizinhos para ajudá-lo no trabalho. Posteriormente, o mesmo trabalho será retribuído por ocasião da realização de atividades semelhantes. Quem recebe ajuda para a construção de casa repõe quando o outro estiver construindo e quem recebe ajuda por ocasião da realização das atividades agrícolas repõe com o mesmo trabalho. Não são contados os dias trabalhados, mas sim o serviço realizado. Se uma derrubada exigiu dois dias e na outra um, porque a área é menor, mesmo assim considera-se que sejam equivalentes. O dono da colocação é quem coordena as atividades, decidindo sobre o trabalho a ser feito e responsabilizando-se pela alimentação dos participantes⁸⁰. Tais práticas consistem no que Sahlins (1983) denomina de “reciprocidade equilibrada”, por haver uma equivalência entre os trabalhos realizados e revelam a existência de uma obrigação moral.

⁸⁰ A prática de ajuda mútua no meio rural é uma maneira através da qual “são superadas as limitações inerentes ao emprego de mão-de-obra doméstica: assim cria e atualiza laços de solidariedade vicinal e grupal, proporcionando momentos de lazer e sociabilidade, surgindo ao mesmo tempo como ocasião privilegiada de distribuição de alimentos entre seus participantes” (QUEIROZ, 1983:116).

4. 4 - Comercialização e movimento

Quando os seringueiros trabalhavam subordinados ao seringalista, o próprio patrão aviava os seus *fregueses*, os quais recebiam os bens de consumo para o *fábrico* inteiro ou de trinta em trinta dias. Com o fim da empresa seringalista, os marreteiros passaram a comercializar nos rios, trocando mercadorias por borracha. A emergência desse comércio em pequena escala tornou-se possível a partir do momento em que as colocações começaram a ser arrendadas. Os marreteiros sobem o rio fornecendo mercadoria às famílias residentes ao longo da sua extensão ou apenas àquelas de um determinado trecho.

O sistema de aviamento, fornecimento antecipado de bens industrializados (sal, açúcar, óleo, tabaco, munição, medicamentos, querosene, roupas, etc)⁸¹ com pagamento posterior em borracha, mantinha-se nas transações comerciais realizadas no interior da Reserva e com os comerciantes de Guajará-Mirim. No antigo sistema, a dívida unia seringalista a seringueiro. Agora, ela é elo de união entre marreteiro e seringueiro. Como anteriormente o caráter da dívida não se reduz à dimensão estritamente econômica, como indica o fato dela estabelecer laços de reciprocidade expressos pelo termo *ajuda*⁸². O marreteiro cumpre também outras atribuições sociais, como a de provedor de medicamentos em casos de doença, de veiculador de informações e notícias entre a cidade e o seringal e das colocações entre si. Além disso, está vinculado pelo parentesco, na condição de compadre de algumas famílias, filho, irmão ou genro de algum dos seringueiros residentes.

Com a criação da Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim em 1991, surgiram pressões por parte da diretoria e de técnicos para os marreteiros deixarem de comercializar, dando lugar ao *barco da Cooperativa*, que passou a atuar no rio Ouro Preto. A ASGM pressionou para a saída dos marreteiros, pretendendo exercer exclusivamente o *movimento*. Era uma tentativa de eliminar um elo na cadeia de intermediários mas, até então, não havia conseguido garantir a regularidade do abastecimento em nível minimamente satisfatório.

⁸¹ Entre as “mercadorias” adquiridas, o sal é fundamental porque garante a conservação do peixe e da carne. Algumas famílias perdiam o produto da pescaria noturna por não disporem dele para conservação do pescado.

⁸² Lanna (1995) interpreta situação semelhante, em um contexto potiguar, entendendo-a como relação dívida-dádiva, que implica e constitui uma relação simultaneamente de reciprocidade e hierarquia.

Além da irregularidade no fornecimento, deve-se apontar como um fator relevante para a insatisfação dos seringueiros, o fato de a Associação fornecer as *mercadorias* apenas com pagamento à vista, contrariando uma prática tradicional. Por esta razão, os seringueiros, passaram a considerar o *tempo dos patrões* e o serviço dos marreteiros como melhores: *quando tem marreteiro não tem tanto problema porque quando não tem um tem outro*. Mesmo reconhecendo serem lesados nas relações comerciais com este agente consideravam sua presença como imprescindível para a satisfação do consumo doméstico, pois quando eles atuavam livremente *sempre tinha mercadoria. Eles colocavam mais caro e pagavam a borracha mais barato, mas não faltava mercadoria*.

As avaliações feitas pelos seringueiros revelam que a Associação era percebida em termos de um esquema pré-existente prescrito pelo sistema de aviamento. Revelam ainda que a relação com a Associação orientava-se pelos valores que ordenavam aquela mantida com os patrões. O fato de algumas das lideranças locais terem trabalhado anteriormente como marreteiros reforçava essa percepção.

A própria Reserva era pensada de acordo como o mesmo esquema. A sua criação, numa inversão temporal, o presente introduzido no passado (SAHLINS, 1999), se por um lado assegurou o direito de permanência, por outro, no caso da *assistência*, não reproduziu uma situação “ideal”⁸³. Tal inversão está claramente expressa no seguinte comentário sobre o momento vivenciado; *a situação ainda não chegou na época que eu trabalhava com patrão, ainda não chegou*. A associação, uma vez que a *Reserva é do Conselho*, deveria cumprir com as mesmas atribuições do patrão. Diziam com frequência, referindo-se aos diretores da entidade, que *quem não pode ser patrão tem que ser freguês*.

Os seringueiros do rio Ouro Preto representavam a vida e o trabalho tendo por referência o preço pago por quilo de borracha. Tendo um bom preço eram considerados satisfatórios e sacrificados quando o preço estava baixo, *a seringa só tem valor e é boa para trabalhar quando tem preço*. O valor monetário da borracha precisa compensar o preço da mercadoria, *o que não produz na roça compra tudo na rua, por isso é importante que a borracha tenha bom preço*. Produzir borracha em quantidade suficiente garante à família, através da comercialização⁸⁴, o acesso aos bens em quantidade suficiente para atender as necessidades construídas socialmente, não apenas as de consumo.

⁸³ Martini (1998) e Franco (1995) relatam ter observado situação semelhante no Alto Juruá.

⁸⁴ Milikan (1994) indica que a borracha (57,9%) e a farinha (24%) representam 81,9% da composição da renda do grupo familiar. No entanto cabe observar que o último item era comercializado por um número restrito de famílias.

Impossibilitados de adquiri-los, devido ao baixo preço da borracha, alguns seringueiros optavam por abandonar o seringal, enquanto outros passavam a dedicar mais tempo e trabalho à agricultura, na expectativa de não ficarem apenas no *fiel da balança*. Dedicar-se à agricultura surge como uma opção para aquelas famílias cuja composição e disponibilidade de áreas agricultáveis permitam conciliá-la com a extração do látex⁸⁵.

Durante o inverno, a dificuldade de acesso aos bens de consumo agravava-se em virtude de a borracha não ser produzida durante estação, o que, conseqüentemente, reduzia de forma considerável os meios para a aquisição das *mercadorias*. As famílias que não tinham aberto suas roças, seja por não disporem de força de trabalho em número suficiente, seja por não possuírem áreas de terra firme propícias para a prática da agricultura, enfrentavam uma situação ainda mais difícil.

A alternativa era contrair novas dívidas, seja junto aos comerciantes de Guajará-Mirim, seja junto aos seringueiros cujas posses permitiam prover-lhes com uma pequena quantidade de produtos. Podia-se obter um adiantamento em dinheiro ou em mercadorias para pagamento posterior em borracha. Esta transação é conhecida como *borracha na folha*, porque o seringueiro assumia o compromisso de pagar somente depois de produzi-la. Esta prática, como já vimos (cf. Nota 66), remonta à época dos patrões e estava sendo cada vez menos utilizada depois de criada a Reserva. A obtenção desse adiantamento passou a depender cada vez mais das relações pessoais entre os comerciantes e os *fregueses*, por isto nem todas as famílias tinham a possibilidade de fazer esta opção.

O valor adiantado era convertido em quilos de borracha, de acordo com o seu preço por ocasião do adiantamento. Com isto, o seringueiro perdia os aumentos dados à borracha durante o período. Com esta prática, os comerciantes da cidade levavam vantagens sobre os marreteiros, uma vez que estes sobem o rio enquanto os comerciantes *pegam a borracha sem despesa*, pois os seringueiros entregam-lhe a produção em mãos.

Vender a borracha diretamente em Guajará-Mirim e lá adquirir os bens de consumo era uma alternativa adotada por algumas famílias. Visavam com isto obter transações mais vantajosas e não ficar na dependência seja dos marreteiros seja da

⁸⁵ Um seringueiro optou por vender sua chata, embarcação de fundo reto, e investir, o dinheiro obtido, na construção de uma nova casa de farinha e de um tanque de alvenaria para fermentar a macaxeira. A posse dessa modalidade de embarcação é um indicativo de diferenciação social, seja por ter atuado como marreteiro seja por ter produzido borracha em quantidade suficiente para obter um rendimento que lhe permitiu adquiri-la.

Associação. Ainda assim havia restrições a esta opção, pois, conforme comentou um dos seringueiros sobre ela: *eu trabalho aqui, tenho que comprar mercadoria aqui. Se eu tivesse que comprar em Guajará-Mirim eu ia trabalhar em Guajará-Mirim*

Ainda que a Associação estivesse pressionado no sentido de impedir a presença dos marreteiros, discretamente algumas famílias com mais posses ou que mantinham relações de confiança com comerciantes de Guajará-Mirim estavam suprimindo outras com menos condições. Mantinham-se assim os vínculos e as obrigações por dívida⁸⁶.

4. 5 - Novena, futebol e dança

Como a distância entre uma colocação e outra é grande e muitas vezes difícil de ser transposta, são poucas as oportunidades para um grande número de famílias se encontrarem com frequência. Ao longo do ano, mais especificamente durante o período do *fábrico*, ocorrem encontros nos quais pessoas de diferentes trechos do rio se reúnem para festejar dias santos ou apenas para uma partida de futebol. São ocasiões que se constituem em momentos privilegiados de sociabilidade, sobretudo porque não há aglomerados de casas que caracterizam bairros rurais de outras regiões do Brasil⁸⁷.

No início do *fábrico* são comemorados os dias de São João, São Pedro e Santo Antônio. No dia 4 de outubro comemora-se o dia de São Francisco das Chagas do Canindé, e no final do ano, o dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, santos que possuem maior número de devotos, sendo seus dias comemorados com entusiasmo e devoção, em festas realizadas como pagamento de promessa. Em todas as casas há sempre um pequeno oratório com gravuras ou imagens dos santos de devoção da família⁸⁸, os quais são adornados com flores de papel ou plástico e por fitas de tecido colorido, acendendo-se velas ao final do dia.⁸⁹

⁸⁶ Para Arensberg e Kimball, em estudo do sistema de crédito na Irlanda rural, semelhante ao sistema de aviação dos seringueiros, sugerem que “as relações baseadas no crédito podem ser tão duradouras quanto as que se baseiam nas obrigações de família” (ARENSBERG & KIMBALL, 1973:87).

⁸⁷ Segundo os seringueiros, apenas no tempo do barracão e no inverno havia concentrações de barracas no seu entorno.

⁸⁸ Em 1956 o primeiro bispo de Guajará-Mirim, D. Rey, figura simpática e popular na região, sagrou Nossa Senhora dos Seringueiros como padroeira desses trabalhadores, ao lançar a pedra fundamental da catedral da cidade. No entanto, apesar de a Igreja evocá-la com insistência, ainda não havia conseguido com que a população lhe dedicasse devoção, observa o então bispo, D. Geraldo Verdier. Isso porque os santos de devoção tradicional eram considerados mais fortes.

⁸⁹ Segundo Galvão (1976:64), “os santos, ou melhor, as imagens que os representam, são consideradas

São Francisco do Canindé é reverenciado como o padroeiro dos seringueiros de origem nordestina. Santa Luzia, *reconhecida como dona da vista*, é a quem os seringueiros recorrem fazendo promessas quando apresentam enfermidades nos olhos⁹⁰. Lesões oculares provocadas por ciscos e *vista curta* são dois problemas que os impedem, particularmente os idosos, de continuarem trabalhando no corte da seringa. Entre os seringueiros mais velhos, os problemas nos olhos também deviam-se à longa exposição à fumaça do defumador, antigamente utilizado para coagular o látex.

Ao fazer a promessa, *contrato com o santo*, o seringueiro estipula um período de tempo para pagá-la. Percebida como *tradição*⁹¹, estabelece uma relação análoga àquela existente entre freguês e patrão, passível de ser interrompida depois de paga ou renovada, caso o *devedor queira prorrogar a dívida com aquele santo*. O seu pagamento apresenta-se como o cumprimento do contrato estabelecido entre o promesseiro e o santo (GALVÃO, 1976; MAUÉS, 1995). As pessoas com promessas a pagar contribuía com doação de alimentos⁹² para a festa de comemoração do dia do santo, os quais eram consumidos coletivamente, podendo ser “consideradas promessas coletivas com o objetivo do bem-estar da comunidade” (GALVÃO, 1976:31)⁹³.

Planejadas com antecedência, as festas eram esperadas com expectativa que aumentava à medida que se aproximava o dia da sua realização. Os seus preparativos iniciavam-se um dia ou dois antes daquele propriamente dedicado ao santo, com a chegada dos convidados e devotos residentes em colocações vizinhas ou mesmo distantes daquela na qual seria realizada a novena, a do *dono do santo*. Conforme as pessoas chegavam, distribuíam-se entre as atividades que estavam sendo realizadas, especialmente a preparação da comida⁹⁴. Um clima de crescente efervescência tomava conta dos grupos que realizavam as diferentes tarefas. Galinhas, patos e porcos doados pelas famílias eram mortos e preparados para serem servidos à noite, no intervalo entre

divindades benevolentes que têm a cargo o bem-estar da comunidade”.

⁹⁰ Para Leite de Vasconcelos, “recorre-se a um santo por causa da analogia da doença com o sofrimento que o santo teve em seu martírio” (apud Galvão, 1976:29).

⁹¹ Se a festa do santo é uma *tradição do seringueiro*, ela é uma tradição que se atualiza renovando-se com a introdução de novos elementos. De acordo com os seringueiros mais velhos, antigamente não era costume promover jogos de futebol e bailes nos dias consagrados ao santo.

⁹² Algumas pessoas criam porcos, patos ou galinhas durante meses, que serão consumidos coletivamente como restituição, posterior ou antecipada, da graça alcançada.

⁹³ Há casos em que, no pagamento da promessa, expressa-se uma solidariedade hierárquica entre devedores, como se apreende da explicação de que, em algumas situações, *ocorre de uma pessoa devedora, mas com mais condições, ajudar outras com maiores dificuldades para pagar a promessa*. Renova-se assim a dívida numa escala menor.

⁹⁴ Em 1992, tive a oportunidade de passar a comemoração do dia de São Francisco do Canindé na Colocação Fumaça.

a novena e o início do forró. As mulheres providenciavam para que parte da refeição fosse reservada para o almoço do dia seguinte.

No primeiro dia, pela tarde, realizava-se uma partida preliminar de futebol, na qual os dois times definiam suas posições para o jogo principal a ser realizado no dia seguinte. Às 18 horas, todos reuniam-se para a novena, rezavam o terço e outras orações, bem como cantavam hinos religiosos. O próprio *dono da festa* ou uma pessoa que tivesse domínio das práticas religiosas era quem oficiava a novena. Nestas oportunidades celebravam-se os batizados e o ritual de compadrio de fogueira. Terminada a novena, iniciava-se o forró que somente terminava com o amanhecer. Tocavam-se músicas em toca-discos ou em gravadores a pilha. Antigamente, no tempo do patrão, os bailes eram animados com instrumentos musicais, panelas e baldes de leite, e, por falta de mulheres, era corriqueiro os homens formarem pares entre si, conforme os comentários dos mais velhos.

Estes eventos, além de quebrar a monotonia, oferecem oportunidade para criar e reforçar laços de solidariedade entre as famílias residentes em outros trechos do rio. Era comum a presença de parentes residentes em Guajará-Mirim, sobretudo naquelas realizadas em colocações de fácil acesso a partir da cidade. Nas festas, especialmente durante o forró, há oportunidade para o início de namoros ou de adultérios, pois a dança cria oportunidade a homens e mulheres para romperem o controle exercido pelos pais ou pelos cônjuges.

No dia seguinte, realizava-se a principal partida de futebol entre o time composto por seringueiros residentes no trecho onde acontecia a festa contra outro integrado por aqueles residentes em locais distantes. O time visitante vinha acompanhado de sua torcida, formada por irmãs, mulheres, mães, filhas. Consistia numa oportunidade de encontros, pois *cada time leva sua torcida para dar animação. Dá namoro*.

Realizavam-se jogos também em dias não especificamente religiosos, mas frequentemente seguidos de um baile durante a noite. Eles começavam em junho, durante as festas juninas e prolongavam-se até dezembro, sendo a última partida realizada no dia 13 de dezembro, festa de Santa Luzia. O time recepcionado por ocasião de uma partida comprometia-se em recepcionar o adversário na partida seguinte, com a responsabilidade de garantir a alimentação e o pernoite dos visitantes. Estes não se restringiam apenas aos jogadores mas incluíam também a torcida. Jogadores e torcida formam uma única equipe, porque todos participam contribuindo com borracha para a

compra de uniformes, limpeza do campo e recepção dos adversários. Nesse sentido, os jogos transbordam o seu sentido lúdico, evidenciando, igualmente, um espaço de sociabilidade mais ampla.

Tais eventos, novenas, bailes e jogos são oportunidades institucionalizadas para o encontro das famílias que residem ao longo das margens do rio e constituem aglomerações que favorecem as paixões e a embriaguez. São acontecimentos sociais que contêm e expressam uma interação entre harmonia e conflito, pois, se por um lado estreitam os laços de solidariedade entre os participantes, oportunizam a afinização e conferem prestígio⁹⁵ ao Santo e ao *dono da festa*, por outro, potencializam a manifestação de desavenças latentes.



Foto 9 – Oratório da casa do Sr. Osvaldo (Col. Concórdia)

⁹⁵ Segundo Ortiz, “os indivíduos se ordenam dentro da comunidade de acordo com o prestígio, e tradicionalmente se concede maior poder político a quem assume maior número de obrigações religiosas e a quem paga o custo da celebração do maior número de festas” (ORTIZ, 1979:294).



Foto 10 - Depois de pesada a borracha é entregue ao barco da Associação



Foto 11 - D. Maria (Col. Ouro Negro) preparando tapioca

5 – QUEM NÃO QUER DE NOVO NÃO CUIDA

A conjuntura que propiciou a substituição do barracão pela casa como centro de referência na tomada de decisões sobre as escolhas e estratégias familiares é marcada por mudanças nas formas de apropriação, de gestão e de transmissão. Estas três dimensões fundamentais que mantêm entre si uma tensa relação de complementaridade para a perpetuação da casa, ideal que se revela na sentença *quem não quer de novo não cuida*, dita por um seringueiro já idoso quando comentava sobre a importância da adoção de práticas que possibilitassem a perenização dos recursos, em um momento após terem os seringueiros assumido a condição de donos de suas colocações, as quais, a partir da criação da Reserva, poderiam ser transmitidas aos filhos.

5.1 - Transformações nas formas de apropriação

É o trabalho que torna a terra um patrimônio da família, independentemente de haver ou não reconhecimento legal de propriedade⁹⁶, pois ela é considerada bem comum, sujeito ao trabalho familiar. Assim, a “terra é patrimônio e transmitida como tal de geração a geração, segundo padrões camponeses de herança que variam de lugar para lugar, mas sempre espelham essa ordem moral” (WOORTMANN, K. 1990: 28). Assim, não é tanto a propriedade enquanto bem tangível o objeto da transmissão, mas o direito de posse (THOMPSON, 1979), de usufruto temporário (GALESKI, 1979). Além disso, ela

⁹⁶ No período inicial do extrativismo gomífero na Amazônia, a quantidade de seringueiras existentes num determinado perímetro era mais valorizada que a fertilidade do solo ou sua localização. Por outro lado, a exploração dessas áreas era possível através do direito real de superfície, representado pela concessão de exploração dos produtos nativos, sem o domínio da propriedade (MESCH, 1984; WEINSTEIN, 1993).

não deve ser reduzida às suas condições materiais de reprodução, uma vez que este conjunto de elementos faz “parte de um feixe, de um nexo sócio-econômico” (THOMPSON, 1979:157). Segundo Godelier, “as formas de propriedade de um território são, pois, ao mesmo tempo, uma relação com a natureza e uma relação entre os homens” (GODELIER, 1989: 110)⁹⁷.

Martins (1982:59) sugere que a “propriedade familiar não é propriedade de quem explora o trabalho de outrem, é propriedade direta de instrumentos de trabalho por parte de quem trabalha”. Razão pela qual, a meu ver, a terra não é localmente considerada mercadoria, mas patrimônio familiar. Mais ainda, a relação com a terra é uma relação moral com a natureza, de troca recíproca, na qual o trabalho fecunda a terra que se transforma em morada da vida (GARCIA, 1983; HEREDIA, 1979; WOORTMANN, K. 1990).

A concepção da terra como bem comum de usufruto temporário é relevante para o estudo das estratégias de reprodução adotadas pelos seringueiros da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, pois a formalização legal do acesso e da apropriação dos recursos deverá ser definida pelo instituto jurídico da Concessão Real de Uso. Esta é uma figura jurídica (Decreto-Lei 271, de fevereiro de 1967) mediante a qual o Estado mantém o domínio da área, cedendo-a através de contrato aos beneficiários por tempo determinado, mas passível de ser renovado. Se, por um lado, ela restringe a transferência intervivos mediante venda, por outro não a impede, em *causa mortis*, ao reconhecer o direito dos herdeiros (ESTERCI, 1990; FACHIN, 1990; IEA, 1990). Para Martins (1986), o conceito de Concessão Real de Uso representa uma alternativa de propriedade e de direito que expressa a concepção moral da terra como bem comum. Ou seja, é como se introduzisse na legislação algo da concepção nativa da posse da terra.

Durante o período em que o seringal era uma unidade de produção, *uma fábrica*, controlada pelo seringalista, o seringueiro mantinha com ele apenas uma relação de trabalho, não tendo qualquer relação de posse com a terra. Era o patrão quem *colocava* o trabalhador, aviava-o e retirava-o segundo uma decisão unilateral⁹⁸. Somente os seringueiros mais produtivos e os *veteranos*, por já terem trabalhado para o mesmo

⁹⁷ Para Godelier, “propriedade é um conjunto de regras abstratas que determinam o acesso, o controle, o uso, a transferência e a transmissão de qualquer realidade social que possa ser objeto de discussão (...) aplicável a qualquer realidade tangível ou intangível (...) devem aparecer como uma condição de reprodução da vida humana” (GODELIER, 1989: 100).

⁹⁸ Por não exercer qualquer controle sobre os meios de produção, o seringueiro desse período é considerado por Bakx (1988:158) como um “proletário forçado”.

patrão e conhecerem o seringal, tinham o privilégio de escolher as colocações consideradas mais produtivas, menos *praguentas*⁹⁹ e de fácil acesso.

A impossibilidade de manutenção do empreendimento pelos seringalistas após a interrupção dos financiamentos bancários permitiu aos seringueiros estabelecerem uma nova relação com seus antigos patrões. Deixaram de ser empregados para tornarem-se arrendatários: *os patrões acabaram, aí a gente arrendava*. Mediante um contrato com cláusulas que definiam o tempo de permanência¹⁰⁰, o valor da renda a ser paga, a forma de pagamento e as restrições à implementação de benfeitorias, as colocações passaram a ser arrendadas aos seringueiros¹⁰¹. Uma das cláusulas do contrato permitia ao arrendador a implantação de benfeitorias temporárias, o que significa dizer a abertura de pequenas roças para o consumo de sua família. Eram poucos, porém, os seringueiros a dedicar parte do tempo à agricultura, pois nem todas as colocações possuíam solos férteis para culturas temporárias, além de que nem sempre a família permanecia no mesmo lugar no ano seguinte ou, então, não dispunha de membros em número suficiente para executar as duas atividades. Mas o principal motivo era o de precisarem se dedicar sobretudo à extração do látex a fim de garantir o pagamento da renda e a aquisição dos bens de consumo.

Esses dois períodos eram representados de maneira diferenciada. Quando trabalhavam como subordinados ao patrão recebiam *assistência* em troca da produção. Juntamente com a barraca o seringalista lhes fornecia alimentos, roupas e instrumentos de trabalho para poderem trabalhar durante a safra. Já na condição de arrendatários, pagavam para morar; *era alugado*. Como veremos, o fim do pagamento da renda não implicou apenas aumento do poder aquisitivo do grupo familiar - *agora essa borracha entra toda para a despesa do rancho* - mas também mudanças nas práticas de manejo dos recursos naturais.

⁹⁹ São consideradas *praguentas* aquelas colocações onde há uma alta incidência de doenças entre os seus ocupantes.

¹⁰⁰ O contrato era muito mais uma garantia para o arrendador do que para o arrendatário, pois a qualquer momento poderia ser rompido pelo primeiro, como revelou um ex-gerente de barracão da família Manussakis: *a qualquer hora o dono podia chegar e dizer, você vai, sai*.

¹⁰¹ Dois seringueiros ainda residentes no Ouro Preto, arrendavam um determinado trecho do rio, Ouro Negro e Concórdia, e sub-arrendavam as colocações ali existentes para outros seringueiros.

5. 1. 1 - A reserva

A reserva extrativista baseia-se na forma tradicional de ocupação e organização espacial, mas reconhece o direito de posse dos ocupantes das colocações, ainda que a área seja de domínio da União a qual deverá assegurar aos moradores o direito de uso através do Contrato de Concessão do Direito Real de Uso firmado com a associação de moradores. A complexidade da sua formulação jurídica está em combinar diferentes modalidades de apropriação da terra, propriedade pública, concessão associativa e apropriação familiar¹⁰², o que levava os seringueiros a expressarem-se ambígua e difusamente sobre ela. Não interpretavam a Reserva conforme o definido no conteúdo formal expresso no texto do Decreto que a criou, mas segundo uma percepção orientada pela apreensão do trabalho como legitimador da apropriação dos distintos espaços e dos recursos naturais neles existentes. Para alguns *a seringa é do Conselho, o roçado é meu porque estou plantando*. Para outros, conforme sugere um dos entrevistados: *o seringueiro é dono da colocação quando trabalha de inverno a verão. Quando abre na mata bruta*.

Eles refletiam e agiam segundo um modo próprio de apreender a realidade na qual viviam, ou seja, de acordo com suas próprias representações acerca dos diferentes espaços e dos trabalhos neles realizados e da importância de cada um para a reprodução social da família. De um lado, reconheciam a limitação do seu domínio sobre os recursos naturais, dos quais a seringueira era, para eles, o mais importante. Isto pode ser constatado na afirmação de que *a seringa é da nação*, que exprime, por sua vez, uma percepção reveladora de um conhecimento, ainda que superficial, da legislação. Por outro lado, tinham um entendimento diferente sobre a roça, pois consideravam que *o roçado é mais patrimônio que a estrada*, por ser ela resultado imediato do esforço familiar que transforma a natureza e legitima a posse. Essa representação distinta sobre diferentes formas de apropriação do espaço manifesta uma hierarquia dos bens e um ponto de atrito entre o ordenamento jurídico brasileiro e a concepção de propriedade como resultante do trabalho e do zelo.

Com a criação da Reserva, por um lado, [o seringueiro] *pegou mais um direito* e tornou-se *dono* ao ver assegurado o seu *direito de permanência*. Com ela *cada seringueiro se tornou dono de sua colocação* e, contrariamente ao período anterior, *hoje em dia a gente tem direito no que é seu (...) e tem mais uma segurança dada pela*

*justiça. Ao dizer que cada seringueiro pode ficar liberto e trabalhar por sua própria conta, expressa que o novo contexto apresenta-se como possibilidade de concretização do ideal de autonomia. Por outro, a falta de documentos formalizando esse direito suscitava preocupações¹⁰³, como expressa Osvaldo, residente no igarapé Concórdia desde 1977: *Será que nunca vai existir um direito que o seringueiro tenha um documento para mostrar? Olha isso aqui é um documentozinho de posse, como eu sou possessor dessa colocação. Será que nunca vai existir isso?*.*

Depois de criada a Reserva Extrativista, algumas famílias, procurando assegurar aos filhos um lugar onde residir e trabalhar futuramente, passaram a ampliar suas áreas, fazendo de duas colocações apenas uma, de duas maneiras. Uma delas consistia na compra de colocações contíguas. As seringueiras não entravam na negociação: *a gente já encontrou aí no meio da mata plantada pela natureza. Simplesmente a gente só faz limpar ao redor dela e faz caminho para gente trabalhar*. A fala desse seringueiro indica o reconhecimento da natureza como a verdadeira proprietária e a existência de um direito baseado no uso. Por outro lado, a negociação sobre o seu valor em borracha se dava a partir de uma avaliação do trabalho empreendido na sua conservação, *porque as vezes o nego está todo tempo cultivando pela seringa*. O comprador *compara o serviço*, verificando o estado das árvores e a limpeza das *estradas*. As transações envolvendo uma área sobre a qual o seringueiro não detém o título de propriedade, mas apenas a *garantia de permanência*, expressa uma negociação do direito de uso e não do bem.

A segunda maneira utilizada para expandir a área já era utilizada no período do arrendamento mas que intensificou após o cadastramento realizado em 1989 pelo ITERON. Consistia na anexação parcial ou integral das estradas de seringa pertencentes à colocação vizinha, a fim de ampliar o número de seringueiras a serem exploradas e, assim, aumentar a produção. Isso ocorria, sobretudo, quando a colocação anexada encontrava-se desocupada. Prática realizada furtivamente, mas que causava conflitos frequentes entre vizinhos quando a *colocação capada* voltava a ser ocupada¹⁰⁴. O

¹⁰² Ver Martini (1998)

¹⁰³ Lembro que em 1992 o Contrato de Concessão Real de Uso não havia sido assinado.

¹⁰⁴ Lembro que em 1989 o ITERON realizou o cadastramento das famílias residentes no rio Ouro Preto, mas incluiu também algumas que haviam trabalhado anteriormente nesse seringal na condição de arrendatárias e que, naquela ocasião, residiam em Guajará-Mirim. Posteriormente, com a criação da Reserva, algumas dessas famílias voltaram para suas antigas colocações e constataram que elas estavam sendo exploradas, integral ou parcialmente por outros seringueiros. Estes, na sua maioria, eram “veteranos” que conseguiram ampliar as suas áreas e garantir, para seus filhos, as colocações mais próximas das suas.

argumento criticando aqueles que deixavam a colocação abandonada pode ser também interpretada como uma justificativa para a *capação*. A base para tal posicionamento consistia no entendimento de que *quem não ocupa é porque não precisa*. A colocação deveria então ser entregue para outro, uma vez que *tem tanto pai de família precisando*. A arbitragem dessas pendências cabia a um seringueiro que nelas tivesse trabalhado anteriormente ou ao mateiro que as tivesse aberto, caso ainda estivesse vivo. A sentença, definindo a quem pertenciam, era considerada legítima e acatada. Almeida (1990:32-33), que identificou o mesmo tipo de litígios entre os seringueiros da Reserva Extrativista do Alto Juruá, explica que “estas tensões atuam no sentido de rarefazer as colocações que competem por recursos naturais limitados”¹⁰⁵.

Durante o período que estiveram subordinados aos patrões ou quando arrendavam as colocações, muitos seringueiros exploravam os recursos de forma predatória. Eles apresentavam duas razões para a adoção dessas práticas. A primeira é a de que precisavam produzir o máximo de borracha para pagar as dívidas junto ao barracão e, a segunda, num momento posterior, de precisarem pagar a renda e garantir a compra de alimentos e roupas para sua família. Além de alegarem não existir regulamento que disciplinasse a extração do látex de acordo com técnicas adequadas, os patrões também demonstravam pouca preocupação com a preservação da capacidade lactífera das seringueiras.

Após ter assumido a condição de *dono* e a colocação ter se tornado uma unidade familiar, o seringueiro passou a ter uma nova consciência e a adotar uma nova postura em relação à natureza, pois a garantia da conservação da colocação tornou-se um fator indispensável para assegurar a reprodução dos colaterais, bem como das descendentes. Assim, as transformações na forma de apropriação dos recursos implicavam, também, alterações na forma de sua exploração e na organização do espaço, como resultado da adoção de novas estratégias de reprodução no novo contexto. Isso revela que a apropriação vai além do processo de trabalho, por inspirar modos de ser e estabelecer relações sociais, de constituir família e organizar o próprio trabalho.

¹⁰⁵ Araújo (1998) também indica a existência de tais conflitos na Reserva Extrativista do Alto Juruá após o cadastramento das famílias.

5. 2 - Gestão dos Recursos Naturais

Gestão refere-se à especificidade da forma de interação entre homem e meio ambiente e consiste num conjunto de procedimentos e atitudes envolvidos no modo de apropriação da natureza e da tecnologia empregada para exploração dos recursos naturais, visando viabilizar a atividade econômica ao longo do tempo. Com a transformação da colocação em unidade familiar, verificaram-se mudanças nas práticas de exploração dos recursos florestais. Fato que adquire maior relevância se for considerado que, no período inicial do ciclo extrativista da borracha na Amazônia, eram largamente empregadas técnicas predatórias, as quais levaram muitos seringais ao esgotamento num curto espaço de tempo¹⁰⁶. Não foram poucos, porém, a advertir sobre os efeitos negativos da sua utilização e a propugnar a adoção de novos métodos de extração, como afirmam diferentes autores (SOARES, 1927; LIMA, 1937; FERREIRA REIS, 1953).

Concomitantemente à introdução de técnicas mais adequadas, sobretudo após a introdução da faca de seringa em substituição à machadinha, foram adotadas rígidas normas ordenando a utilização de práticas apropriadas para a sangria das árvores (FERREIRA REIS, 1953), e definindo regras de trabalho e convívio social (TEIXEIRA, 1980). São os Regulamentos Internos dos seringais, que disciplinam o trabalho de extração do látex. A decisão de impô-los decorreu da preocupação com a possibilidade de esgotamento das seringueiras. Ferreira Reis (1953) refere-se ao uso da violência física aplicada pelos seringalistas aos seringueiros como punição pelo emprego de procedimentos condenados¹⁰⁷. Para Teixeira (1980:134), “o domínio dessas técnicas ia transformando o seringueiro inexperiente, o ‘brabo’, em alguém que passava a utilizá-la com extrema perícia - o ‘manso’”. Assim, a interpretação de que “o regulamento tratava de reforçar a consciência do indivíduo no sentido de ser criada uma atitude favorável à natureza daquele trabalho” (idem:89), sugere a existência de uma relação entre a percepção que os seringueiros têm do meio ambiente e as transformações na forma de produção na qual se encontravam inseridos.

A interação entre o homem e o meio natural não se restringe ao seu aspecto

¹⁰⁶ A violência foi de tal ordem que os viajantes estrangeiros fazem referências às técnicas empregadas como sendo: *l'exploitation sauvage*, segundo os franceses; *raubwirtschaft*, para os alemães e *exploitation devastatrice* entre os suíços (SOARES, 1927).

¹⁰⁷ Alguns seringueiros fizeram alusão ao seringal Parati, rio Pacaás Novos, onde existia um tronco onde aqueles que descupriam o regulamento eram amarrados e açoitados a mando do seringalista. Este período

exclusivamente econômico ou material, pois também apresenta-se como uma relação moral, de troca recíproca com a natureza, representada como pessoa (WOORTMANN, K. 1990). A técnica, como um dos fatores de produção, tem sua escolha e utilização submetida a uma avaliação interna em termos de produtividade, trabalho requerido, adequação à atividade e às características do meio e ao conjunto de representações à partir das quais o grupo social interage com o meio. Godelier (1989:47) assevera que “nenhuma ação do homem [...] pode realizar-se sem recorrer [...] a realidades ideais, às representações”, uma vez que são indispensáveis como marcos referenciais para suas práticas, constituindo-se um sistema de informação sobre a propriedade das relações estabelecidas pelos homens entre si e destes com o seu entorno. O meio natural não é uma variável independente do homem, nem um fator constante, objetivo, mas sim uma realidade transformada em maior ou menor medida segundo as representações feitas sobre ela. É, portanto, preciso atentar minuciosamente às condições ecológicas e às diferentes maneiras como as representações são criadas, porquanto o homem não fica passivo frente às constrictões do meio, não apenas reflete as condições, pois delas apropria-se, sistematizando-as e revestindo-as de significados (LÉVI-STRAUSS, 1986).

Por estar a reprodução do grupo familiar dos seringueiros fundamentalmente sustentada na exploração dos recursos naturais de origem florestal, o equilíbrio do ecossistema constitui-se também num fator condicionante do desenvolvimento do ciclo familiar, razão pela qual a relação estabelecida com o entorno está orientada no sentido de assegurar a perenidade dos meios de subsistência e assim propiciar sua continuidade através das gerações, seja da sua própria família ou de outra.

5. 2. 1 - Zelo pela seringa

Recorrentemente, os seringueiros comentavam que as *madeiras* do rio Ouro Preto tinham se esgotado, *cansado*, em decorrência da falta de regulamentos ou de fiscalização em tempos anteriores¹⁰⁸, mais especificamente no período do arrendamento. Porém, a explicação mais freqüente era que ao arrendarem as colocações, os seringueiros se viram obrigados a intensificarem a exploração a fim de aumentar a produção para atender as

é classificado como *tempo do carrancismo*.

¹⁰⁸ Os regulamentos podem não ter sido formalizados como em alguns seringais da Amazônia, mas isto não significa que a aplicação de técnicas adequadas não fosse exigida e fiscalizada. Evidência da adoção de tais procedimentos pode ser verificada na presença do mateiro, trabalhador especializado, contratado pelo barracão, com a atribuição de abrir as estradas e fiscalizar se as seringueiras estavam sendo cortadas

necessidades de consumo e pagamento da renda. Tal justificativa foi enunciada nos seguintes termos, que exprimem um pensamento comum: *o freguês subia com um débito muito alto e achava que rasgando a seringa, cortando de todo jeito fazia borracha logo para pagar a conta. De onde hoje em dia a seringa tá cansada.*

Esgotada uma colocação, eles mudavam-se para outra, convencidos de que a disponibilidade ilimitada dos recursos seria a garantia de sempre encontrar lugar onde se colocar e trabalhar. Os patrões, por outro lado, estavam interessados apenas em receber a borracha como pagamento das dívidas, sem se preocupar com as condições das seringueiras. A despreocupação com a exploração predatória das árvores por parte dos antigos patrões revela-se no comentário amiudamente repetido pelos seringueiros: *Quem for macaco que trepe, quem for tatu cava. Eu quero borracha.* O desinteresse dos seringalistas com a preservação das seringueiras também era explicada como sendo resultado da percepção dos recursos como inesgotáveis. Contudo os seringueiros que não adotavam técnicas apropriadas e nem respeitavam as épocas apropriadas para o corte eram recriminados e considerados como *gente ruim, gente malfazeja de mau coração que faz isso (...) muita gente que não lembra do dia de amanhã. Só se lembra do dia de hoje*, como comentou dona Jandira da Colocação Floresta. Para outro seringueiro a censura possui um sentido mais amplo: *hoje você tá aqui, amanhã pode não estar. Vem outro e aí já... para você foi bom, para ele foi ruim, pois mesmo que a gente não queira mais, vem outro e vai viver dela também.* Estas considerações expressam uma solidariedade diacrônica e sincrônica, baseada no direito de uso temporário dos recursos, com outros que poderão vir a explorar futuramente aquelas seringueiras, mesmo não mantendo com eles qualquer relação de parentesco.

Diante da perspectiva de garantir seu *direito de permanência* nas colocações, os seringueiros passaram a adotar medidas objetivando minimizar os efeitos do esgotamento das seringueiras antigas e garantir uma exploração das novas conforme o *regulamento*¹⁰⁹. A condição de *dono* passou a orientar as atitudes no sentido de *zelar* pelas árvores. Essas mudanças de posturas se remetem ao fato de cada *qual ser dono da sua colocação, então cada qual tem que zelar para ela não se acabar*. E, também, devido que ela sendo *bem zelada*, [o seringueiro] *pode trabalhar até o fim da vida. Se nós não zelarmos por ela, amanhã ou depois ela nos faz falta*. O uso do verbo *zelar* denota uma restituição, uma

adequadamente.

¹⁰⁹ Ao descreverem as técnicas de corte, os seringueiros demonstram ter conhecimento das práticas apropriadas as quais chamam de *regulamento*, o que indica ser o esgotamento resultante não do seu desconhecimento, mas das exigências de satisfação do consumo e do pagamento da renda.

reposição caracterizada como equilíbrio compensatório (DA MATTA, 1993), como sugere o seguinte comentário: *de onde a gente tira o que não põe tem que se acabar*. É bastante ilustrativa a justificativa do Sr. Jorge:

Também se não zelar é uma injustiça, né! É porque ele [o seringueiro] come, bebe e veste as custas do leite do pobre pau. Se ele não tiver cuidado com ela quem é que vai ter? Tem eles aí que tem cinco filhos, se não zelar por uma árvore dessa, que é nativa, para todo tempo tá dando aquele leite, aquele sangue dela para sobreviver, se mesmo eles não zelam, quem vai zelar mais?.

Há uma relação de troca com a natureza, em que a reciprocidade é um princípio orientador, evidenciado na contrapartida do homem aos bens oferecidos pelo meio. Constitui-se o zelo num modo de retribuição à *assistência* dada pela natureza ao homem, uma pessoalização da relação. As árvores são percebidas como pessoas, dotadas de atributos humanos: sangue, nome (*madeira fulana, pau fulano*). Além do que, há a associação da seringueira à figura da mãe que dá o seu leite para alimentar a família do seringueiro. Enfim, relações entre seres vivos são tratadas como relações entre pessoas (GODELIER, s/d; DESCOLA, 1992; VIVEIROS DE CASTRO, 1996). A representação da seringueira como pessoa, sobretudo por aqueles seringueiros que residiam há anos na mesma colocação e pretendiam continuar explorando-a, também se revela nas referências à crucificação da árvore, quando manifestavam compaixão ao verem-na morta em consequência dos maus tratos recebidos e ao considerarem semelhantes práticas como crime semelhante a um homicídio.

O trecho da fala do Sr Jonas, 66 anos, transcrito abaixo, denota uma analogia entre a árvore e o corpo humano, especialmente o feminino, e faz uma referência explícita à crença numa dimensão sobrenatural integrando as seringueiras, dotando-as de um misterioso poder de encantamento que as protege e as reserva. *esconde-as*, para o futuro. A associação entre a árvore e a mulher pode ser percebida nos termos empregados e na entonação da sua voz enquanto falava sobre o assunto durante a entrevista. Há uma clara evidência da semelhança entre a representação do ato de *furar* a árvore e o desvirginamento de uma moça, que precisa engravidar para produzir o leite que o alimentará. Ao dizer que com isso está batizando-a expressa estar estabelecendo com ela uma relação de afinidade espiritual. Para ele:

A seringa é um pau tão misterioso, que se o senhor é um mateiro, se o senhor vai correr o mato, se o senhor pegar uma madeira virgem, se não furar ela, depois não acha mais. Ela se encanta. Toda seringueira, quando se vai correr

o mato, tem que chegar e tocar com o terçado. Ela fica pingando aquele leitinho. Aí aquela não foge não. Mas você passa e diz: Oh seringueira bonita! e vai embora, quando voltar não acha mais ela não. Se o senhor corre as vezes a estrada dez, doze anos, quando dá fé acha uma madeira bem encostadinha na estrada, no beicinho da estrada. Enquantò não furar ela, ela taí pertinho e o senhor não vê ela não. Agora o dia que o senhor vê ela, se não furar, da outra vez que você vier, não vê ela mais ali não. É, ninguém vê mais não. Agora se furo ela, pronto daí ela tá batizada.

5. 2. 1. 1 Técnicas de corte

Além de intercalar um corte e outro com um intervalo de três dias para permitir recuperação das seringueiras, são também adotadas outras práticas visando a assegurar a sua produtividade. Como vimos, é consenso que as madeiras do Ouro Preto foram intensivamente exploradas, exigindo, por parte do seringueiro, a adoção de medidas que possibilitem a recuperação da capacidade lactífera das árvores.

Em virtude da casca da maioria das árvores não estar em condição de receber o corte na altura do peito, a partir de onde começa a traçar os sulcos em sentido descendente, *arreação*, os seringueiros usavam escadas e facas de seringa com cabos em torno de um metro de comprimento para poderem atingir a parte mais alta do tronco, aproximadamente quatro metros de altura. Para algumas árvores a melhor solução era deixá-las *descansando* por um longo período de tempo.

O corte utilizado para extração do látex nos seringais da região compreendida pelos vales dos rios Guaporé e Mamoré chama-se *quebra barranco*. Os traços são dados um imediatamente após o outro, sem deixar um intervalo com casca. As opiniões divergiam quanto ao seu efeito sobre as árvores. Alguns consideravam ser ele indiferente se não for atingido o lenho. Já outros, indicam-no como prejudicial por ser um corte imediatamente seguido de outro, sem um espaço entre os dois, como na *tarrisca*, tipo de corte que permite a cicatrização mais rápida.

Consideravam não ser aconselhável substituir um tipo de corte por outro, pois as árvores já estavam acostumadas ou a sua casca não suportaria mais receber lesões. Ao descreverem as técnicas de corte, os seringueiros demonstravam ter conhecimento das práticas apropriadas, o que indica ser o esgotamento resultado não do seu

desconhecimento, mas das exigências de satisfação do consumo e do pagamento da renda. Mesmo como explicação, não se justifica matar a árvore: *ela não é culpada de seu fulano fazer suas contas e não ter condição de pagar.*

Vários seringueiros representaram a seringueira como sendo uma pessoa, uma mãe, e o seu leite como sangue, por isso os cortes devem ser feitos de tal modo a não retalhá-la e deixando-a sem circulação: *A seringa é um corpo humano, para quem entende é um corpo humano.* Para tanto, o seringueiro deve cortar *direitinho na bitola, que ela o tempo todo fique dando aquele produto, sem precisar de estar judiando dela.*

Outro fator que interfere na produtividade e na capacidade de recuperação das madeiras consiste na forma de confecção das facas. O uso de óleo diesel ou querosene no tempero do metal exaurem a capacidade lactífera, uma vez que *tudo isso é ingrediente que atrapalha a sobrevivência da seringa, porque esses temperos são para matar.* Segundo os seringueiros, as facas assim preparadas fazem com que o leite escorra, ininterruptamente, durante muito tempo, fornecendo uma grande quantidade de látex, mas levando a seringueira ao esgotamento.

Um dos principais impedimentos para o corte é a friagem, fenômeno climático que coincide com os primeiros meses do *fábrico*. Nesses dias a temperatura é baixa dioturnamente. Com o frio a seiva demora a coagular e continua escorrendo durante muito tempo levando a seringueira em poucos anos ao esgotamento, razão pela qual se deve evitar cortá-las nesses dias: *para ter uma boa colocação, bom leite e uma boa seringa, toda friagem ele [o seringueiro] tem a fina obrigação de botar uma paralela de três dias. Se ele não botar essa paralela, a seringa boa morre todinha”.*

A extração do látex é influenciada pelo ciclo lunar, o *mistério da lua*, sobretudo quando a árvore é submetida ao primeiro corte. Deve-se observá-lo de modo a evitar as pragas e garantir sua produtividade, conforme explicou Sr. Manoel: *Você tem que sangrar ela no quarto crescente, que se o senhor sangrar ela no minguante ela não dá quase leite. E se cortar ela na nova é danada para dar o gorgulho nela. Fura ela todinha. Tem que sangrar ela no crescente. Aí ela aumenta e não dá gorgulho.* Da mesma forma observavam também as fases da lua para a retirada das madeiras usadas na construção das casas e para o *cultivo* das castanheiras. Para elas terem uma boa produtividade é preciso *sangrar no crescente da lua* e cortar os cipós que sobem pelo tronco e galhos.

5. 2. 2 - Manejo das roças

Embora a agricultura não seja uma atividade tradicionalmente exercida pelos seringueiros, eles revelam adotar práticas de manejo compatíveis com a atividade extrativa e uma preocupação com a mata entorno. Com relação as roças também são tomadas precauções de modo a evitar que a sua abertura e manutenção afete a floresta como um todo. Derrubar a mata sem necessidade e sem tomar os devidos cuidados deixa *tudo desabrigado, no relento, inclusive a seringa* [e a castanheira] *que é acostumada nas matas frias, na mata verde* e prejudica o próprio homem, pois *ela vai lhe fazer falta*.

Os seringueiros empreendiam esforço na agricultura adotavam o sistema rotativo de roças que compreende as fases de *broca* da vegetação sub-arbustiva, derrubada das árvores de maior porte, queima da biomassa, plantio de diferentes cultivos em sequência, colheita e pousio. Este último depende da disponibilidade da área agricultável, podendo durar de quatro a dez anos, após o qual a capoeira volta novamente a ser derrubada e o ciclo repete-se.

As áreas destinadas à agricultura eram geralmente abertas prioritariamente nas capoeiras, especialmente as *capoeiras de índio*. Estas áreas são identificadas pela presença de algumas espécies florestais e indicam que o solo é fértil, *o lugar é bom de legume*. Caso elas não existissem no interior da colocação, a alternativa seria abri-las na mata virgem, tomando-se, contudo, algumas precauções pois, *tem diversas matas no mato*. Preservar esta área das derrubadas deve-se também ao fato de fornecer produtos valorizados pelos seringueiros; *se é de estragar a mata virgem nós bota em capoeira para sempre a mata virgem tá mais perto, porque a pessoa precisa de uma madeira, precisa de uma palha, já tem perto. Se começar a estragar, a mata fica longe de casa*.

Para evitar destruir a mata, o seringueiro preocupado com o *que é seu*, (...) *corre o mato*, verificando se na área a ser derrubada existe alguma árvore que lhe tenha *serventia*, para então marcar, *quadrejar*, o lugar que será brocado, derrubado e queimado. As árvores são cortadas de tal maneira que caem com a copa voltada para o interior da área delimitada., em torno da qual são abertos aceiros que impedem a propagação do fogo por ocasião da queimada. Tais práticas de manejo são adotadas como precaução de assegurar a preservação do entorno, para não ficar *desabrigado* e manter a paisagem, *a beleza da mata tão alegre*.

5. 2. 3 - Caça e Pesca

Duas atividades que demandam tempo e esforço, astúcia e saber, são a caça e a pesca. Juntamente com os *legumes* do roçado, a farinha, os produtos industrializados, a carne de animais silvestres e peixes compõem a dieta alimentar dos seringueiros, constituindo duas importantes fontes de proteína animal¹¹⁰.

Como a *mata é dividida*, tanto para caça quanto para pesca, cada seringueiro possui locais onde desenvolve preferencialmente essas atividades e os mantém como uma reserva pessoal sobre os quais detém direitos de propriedade temporária. Estão relacionados às estações do ano pois há uma variação de espécies entre o inverno e o verão, particularmente dos peixes. No verão pesca-se no rio e no inverno no igapó e nas baias.

Esses locais não são de uso restrito ao *dono* da colocação, podendo ser também utilizados por vizinhos pois: *sendo pessoa que vive naquela região ali, não tem conflito, porque ele sabe que é uma fonte de sobrevivência de todos eles que permanecem naquela área*. Contudo há aqueles onde os seringueiros pescam ou caçam isoladamente e sobre o qual mantêm segredo¹¹¹, como revelou um dos entrevistados: *Tem uma área de mato que aquela área de mato ali ele tem aquela área ali só para caça dele, para tirar a sustância da sobrevivência. Caça o porco, o veado, o macaco. Então aquela mata ele tem aquilo como a reserva dele*. Eram, porém, locais conhecidos pelos filhos que acompanhavam o pai.

As explicações sobre a reprodução e comportamentos das espécies evidenciam um conhecimento dos animais silvestres existentes na região, os quais eram distinguidos em comestíveis e não-comestíveis e classificados como bichos de pelo, casco e pena¹¹². Esse saber não é exclusivo dos adultos, uma vez que os meninos foram os principais informantes nesse assunto. Era tabu a caça de alguns animais por serem considerados agourentos e havia restrições a outros em determinados horários do dia de modo a evitar o azar. Chama atenção o fato de não caçarem e nem pescarem no dia de Finados por

¹¹⁰ Em 1990 o IBAMA foi pressionado pela população local a proibir a pesca comercial realizada por pescadores de Guajará-Mirim

¹¹¹ Segundo Maldonado (1986), o segredo mantido sobre a sua localização evita a competição e a sobrepesca, revelando um processo de apropriação simbólica.

¹¹² Entre as aves foram indicadas vinte e duas espécies comestíveis e quarenta e duas não-comestíveis. Dos mamíferos foram apontados trinta comestíveis e sete não-comestíveis. Três espécies de quelônios são consumidas, mesmo sua carne sendo considerada reimosa. O tatu, embora mamífero, é considerado um bicho de casco como os quelônios. Os ovos da maioria das aves também são bastante apreciados.

temerem os mortos encarnados nos animais. Isto indica a presença de elementos daquilo que Viveiros de Castro (1996) denomina de perspectivismo¹¹³.

Caçavam com espingarda, arco e flecha ou armadilhas. Embora a maioria dos seringueiros caçassem, alguns eram reconhecidos como exímios caçadores. Quando não capturavam os animais nas armadilhas, abatiam-nos em outras duas circunstâncias: quando estavam *cortando* e os avistavam próximos das estradas de seringa ou saíam exclusivamente para caçar. Geralmente nessa última modalidade esperavam o animal aproximar-se da *comidia*. Porém, excetuando as onças, todos os outros animais eram mortos para o consumo alimentar, razão porque criticavam as proibições impostas pelo IBAMA. Constatavam a redução do estoque de animais de caça indicando o aumento do tempo de espera para sua captura.

A pesca ocorria sobretudo na parte da tarde de maneira a prover o jantar e a refeição da manhã do dia seguinte. Comumente os homens saíam para pescar durante a noite, *fachiar*, para o que utilizavam lanterna para localizar os peixes. Praticamente todos os seringueiros nascidos na região pescavam com arco e flecha que lhes permitia pegar peixes grandes. Os petrechos de pesca mais utilizados eram a linhada, espinhel, zagaia, caniço, malhadeira e tarrafa¹¹⁴.

A carne de caça além de ser uma importante fonte de proteína animal, quebrar a monotonia da dieta, *só no peixe não dá*. Mas importa principalmente notar que a carne animal é um dos mais importantes objetos constituintes do circuito de reciprocidades. Tanto porções de caça quanto de peixes eram repartidas entre vizinhos e parentes residentes em colocações próximas. Frequentemente um rapaz interessado em uma moça presenteava o pai dela com uma banda do animal por ele caçado. Quando o animal era grande, uma anta por exemplo, salgava-se a carne e enviava-se uma porção para parentes residentes em locais mais distantes. Os bens são ofertados de acordo com o que Sahlins (1983) denomina “reciprocidade generalizada”, pois a doação caracteriza-se como uma ajuda, sem que haja uma obrigatoriedade explícita de restituição.

¹¹³ Para Viveiros de Castro (1996:130) a noção de perspectivismo, característica de alguns sistemas cosmológicos, está centrada na corporalidade, pois “não há mudança espiritual que não passe por uma transformação do corpo, por uma redefinição de suas afecções e capacidades”.

¹¹⁴ O uso de malhadeira e tarrafa estava sendo condenado pela maioria dos seringueiros, mesmo quando utilizadas por um seringueiro em seu próprio trecho do rio, por serem considerados petrechos que

5. 2. 4 - Superiores da Mata e Panema

Vimos anteriormente que a cosmologia¹¹⁵ desses seringueiros postula um reconhecimento das árvores como possuidoras de poder de encantamento e como pessoas com as quais se estabelecem relações recíprocas. Vimos também que o leite das seringueiras é análogo ao sangue humano. Isso porque, para o seringueiro, *a mata é viva, nela tudo existe*. A floresta é um espaço dotado de significados, morada de muitas e diferentes potências, que afetam as condições de reprodução da natureza e da sociedade por interferir nas práticas cotidianas concernentes à relação dos seringueiros entre si e com o meio ambiente. Segundo Da Matta (1993), nas economias extrativas existem seres e zonas intermediárias, ligando a natureza com a cultura e sustentando o encantamento de ambos os domínios. Para Galvão (1976), o seringueiro exerce suas atividades mesclando-as com uma concepção mágica do universo, segundo a qual os seres sobrenaturais controlam determinados setores do meio como áreas de caça e pesca, a mata trabalhada e a mata bruta.

Entre os seringueiros do rio Ouro Preto, além do uso de técnicas adequadas para a exploração dos recursos naturais e da divisão da floresta em diferentes espaços, a sua relação com o meio é também intermediada por seres sobrenaturais que a habitam. São os seus *superiores*, seres dotados de poderes para regular o seu *movimento*. Num certo sentido pode-se dizer que a crença em tais entidades prescreve orientações no uso das técnicas e dos diferentes espaços.

Entre os *superiores* da mata, a Mãe da Seringueira é aquela com a qual os seringueiros mantêm uma relação mais estreita, uma vez que ela é protetora das árvores que lhes fornecem *o leite para a compra do alimento*. É ela quem ensina a *ciência da seringa* para garantir uma produção satisfatória. Para produzir uma quantidade de borracha que permita prover a casa, estabelecem um contrato, *pauta*. Porém, como é difícil falar com ela, o seringueiro precisa entrar na mata durante a noite e chamar por ela, mas somente será atendido se fizer por merecer. Isto é, ser um *trabalhador zeloso*.

implicam sobre-pesca

¹¹⁵ A cosmologia como constructo cultural holístico é um conjunto de representações e saberes que orientam os indivíduos, moral e existencialmente, na sua interação com a natureza (ARHEM, 1996). No caso amazônico, trata-se de visões em que a maior parte dos seres, humanos e não-humanos, compartilham das mesmas faculdades, comportamentos e códigos morais atribuídos ao homem (DESCOLA, 1992, 1997), formando uma comunidade de pessoas ordenadas pelos mesmos princípios (ARHEM, 1993). Estudos sobre a cosmologia dos grupos indígenas da região oeste de Rondônia, vales dos rios Mamoré e Guaporé, estão por merecer estudos mais minuciosos de modo a permitir que se verifique o quanto da cosmologia dos seringueiros está permeada da indígena.

Há também o dono da caça, o Caboclinho ou o Curupira¹¹⁶, que protege os animais contra a predação. Não proíbe a caça, mas restringe-a, favorecendo assim a preservação das espécies. Foram recorrentes os casos de caçadores punidos com doenças ou com a impossibilidade de continuarem caçando¹¹⁷ por terem violado as regras desta entidade, tentando obter além do necessário. O dono da caça habita no interior da mata e desorienta aqueles que andam por ela mal-intencionados, como se soubesse previamente dos propósitos do caçador. A Mãe D'Água é a dona da água e dos peixes. É com ela que o seringueiro estabelece uma *pauta* para ter sempre peixe em quantidade suficiente para suprir sua casa. Um seringueiro comentou sobre o Pai da Mata, dizendo que *toda malvadeza que a gente faz com a mata ele tá por dentro. As vezes ele castiga o camarada também*. A punição pela transgressão impossibilita o infrator de continuar suas atividades: *você fica mole, não mata uma caça. Se sai, não vai para frente. Trabalha para morrer e não tem nada*.

As outras entidades a que foram feitas referências são a Matintaperera, o Boto, o Mão de Pilão e o Mapinguari. Esses dois últimos resultam da metamorfose do índio velho que não morre e se transforma em bicho.

Para o estabelecimento das *pautas* eram os próprios seringueiros que tomavam a iniciativa de invocar os superiores da mata. Tais entidades, entretanto, podiam aparecer a eles sem que fossem chamadas. Frequentemente manifestavam-se no *rodo da estrada*, espaço mais interiorizado na floresta. Situa-se afastado da casa, entre a mata trabalhada e mata virgem, num ponto liminar entre a natureza e a cultura.

Como a panema, a infração de determinados preceitos incapacita o sujeito de executar a ação (GALVÃO, 1976; Da MATTA, 1973), mas diferentemente da primeira a intervenção dos *donos da mata* tem prontamente suas causas conhecidas e resultam de forças imediatamente identificadas. Tanto a crença na panema quanto nas entidades sobrenaturais estão ligadas às técnicas de subsistência e afetam aqueles que não seguem os preceitos indicados e estão relacionados ao uso dos recursos. Ambas possuem um caráter conservacionista, por estabelecerem preceitos e normas restritivas ou proibitivas na relação do homem com o meio e definirem atitudes apropriadas para a exploração dos

¹¹⁶ Lins e Silva (1977) observa que os caboclos paraenses por ela estudados atribuem a destruição das florestas onde vivem ao fato de os Curupira terem ido embora.

¹¹⁷ Segundo Da Matta, "o caçador e o pescador não encaram sua atividade como possuindo um caráter exclusivamente técnico; nela existem também elementos de ordem sobrenatural que parecem indicar a entrada do homem num universo governado por regras diferentes das que regem a sociedade humana" (Da MATTA, 1973:73). Se considerarmos as análises de autores como Arhem (1996, 1993), Descola

recursos, afetando, portanto, o trabalho e as condições de reprodução social. Isto significa que, no caso desta sociedade, a técnica não se opõe ao sobrenatural, mas este participa da construção daquela. Ou seja, ao contrário do que sugerem certas concepções que a sociedade ocidental faz dela mesma, que foram inclusive expressas na citação de Da Matta da nota 117, não há oposição entre técnica e crenças sobrenaturais. Mais ainda, se lembrarmos que uma ética protestante parece estar no âmago da construção do capitalismo, a dissociação entre crença e técnica não seria válida nem mesmo para a sociedade ocidental.

É, contudo, pertinente a advertência de Almeida, que considera como irrealista a hipótese segundo a qual as práticas de manejo dos recursos são orientadas exclusivamente por padrões culturais internos, pois a sua existência não é “condição suficiente para que a população adote as normas conservacionistas quando existem estímulos econômicos para violá-las” (ALMEIDA, 1994:269).

5.3 - Herança

Interessei-me, inicialmente, em estudar o acionamento da herança entre os seringueiros com a preocupação de verificar se está presente nesse processo a intenção de transmitir não apenas um bem tangível, uma área de floresta, mas também a condição social de seringueiro. Contudo, entre esse grupo social, a definição de procedimentos relativos à transmissão da posse encontrava-se ainda em gestação e enfrentava incertezas decorrentes das profundas transformações sociais, jurídicas, econômicas e ambientais pelas quais atravessava a região, apresentando, assim, ambigüidades e incertezas próprias de situações de interinidade. Isso dificultou minha intenção de apreender algo que não havia sido ainda efetivado na experiência social do grupo¹¹⁸.

Se até 1990 o tempo de permanência nas colocações era definido pelos contratos de arrendamento, com o decreto de criação da reserva extrativista, foi conferido aos seringueiros o direito de permanência. Através do trabalho, as colocações estavam

(1997, 1992), Viveiros de Castro (1996) e Rival (1998) esta diferença de regras pode não ser tão grande como sugere Da Matta.

¹¹⁸ O referencial teórico disponível (GOODY, 1976; MOURA, 1978, 1986; THOMPSON, 1979; SHANIN, 1983; SEIFERTH, 1985; WOORTMANN, E. 1995; GODOI, 1999) assenta-se fundamentalmente sobre

tornando-se patrimônio familiar, passíveis, portanto, de transferência de uma geração à outra. Entretanto, devido à originalidade dessa situação, na qual concorrem diferentes fatores (econômicos, jurídicos, políticos, ecológicos e sociais), marcados pela instabilidade das aceleradas transformações em curso na região, tanto a *garantia de permanência* quanto os processos de transmissão e a própria reprodução social como seringueiros, poderiam vir a se constituir no que Bourdieu (1974) denomina de “demanda sem efeito”, por não encontrarem condições objetivas de se efetivar¹¹⁹.

Herança é uma preocupação sempre presente entre camponeses, como também entre outros grupos humanos, além de ser um dos eventos mais cruciais enfrentados pelo grupo familiar. A cada geração, a continuidade da condição camponesa e da propriedade é colocada em jogo, pois pode afetar direta e profundamente a estrutura familiar e social (GOODY, 1976; MOURA, 1978, 1986; THOMPSON, 1979; SHANIN, 1983; SEIFERTH, 1985; WOORTMANN, E. 1995; GODOI, 1999).

As famílias camponesas, ao se defrontarem com a necessidade de dotar com terra as gerações descendentes, enfrentam também a possibilidade de fragmentação do patrimônio, podendo implicar restrições ao acesso à terra em quantidade suficiente para garantir a subsistência de uma nova família. Com o objetivo de evitar essa situação são definidos arranjos no processo de transmissão visando garantir, a cada um dos descendentes, condições de reprodução, a fim de evitar ou minimizar a divisão do patrimônio. Adotando o conceito de herança empregado por Shanin (1983), que a considera como o processo de passagem do patrimônio de uma geração a outra, atendendo diferentes fatos sociais que não exclusivamente a morte do chefe do grupo familiar, Moura (1978) que estudou uma situação profundamente distinta daquela que descrevi aqui. Moura amplia o conceito de Shanin para englobar as transações preferenciais dentro de uma mesma geração de modo a abranger a rede de herança na sua totalidade. Assim, a transmissão deve ser entendida não apenas como a passagem dos bens de uma geração à outra, mas também como uma etapa numa totalidade.

Ao analisar os sistemas de transmissão na Inglaterra, Thompson (1979), observa que as práticas hereditárias podem ser explicadas a partir do tecido social e das relações existentes no seu interior. Para ele, no sistema de herança, não é tanto a propriedade o objeto a ser transmitido, mas o direito de posse. Por outro lado, o sistema hereditário

campesinatos dedicados principalmente à agricultura, quase nada tendo sido produzido sobre questões relativas à herança entre camponeses que se dedicam ao extrativismo.

¹¹⁹ A viabilidade econômica e social das Reservas Extrativistas é questionada por autores como Homma (1993) e Pinton e Aubertin (1997).

apenas tem sentido se referido ao objeto da herança. Ou, nos termos de Bourdieu (1987), do capital social a ser transmitido.

Geralmente, o código costumeiro informa as relações sociais, a forma de apropriação da terra e a gestão dos recursos naturais com uma série de regras que se atualizam nos diferentes laços de parentesco e afinidade entre os membros do grupo. Regras de aliança e sucessão têm por objetivo garantir o uso comum dos recursos pelos membros do grupo familiar e assegurar a estabilidade indivisível da posse. A lógica do parentesco adquire sentido se apreendida em sua relação ao modo como família e propriedade se perpetuam, pois como afirma Leach, "os sistemas de parentesco não possuem realidade a não ser em relação à terra e à propriedade" (LEACH, 1961:305). Seyferth sugere que a "estrutura da família camponesa [e o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico] é, sob muitos aspectos, determinado pelas regras de herança" (SEYFERTH, 1985:1). Entretanto, para Ellen Woortmann (1995) os padrões de herança podem variar e nem sempre refletir uma tradição camponesa.

A herança está em todo lugar referida ao parentesco e a nubilidade, sendo o patrimônio sempre redistribuído entre os parentes que cooperam numa mesma unidade de consumo e produção. Distingue-se do dote, que consiste numa forma de compensação aos filhos excluídos da herança, sobretudo as mulheres, por ocasião do casamento, por estar a transmissão vinculada à morte do chefe da família. O casamento, por sua vez, impõe o redimensionamento da estrutura da família e da propriedade, pois afeta a família de orientação, que deve avaliar e decidir sobre as cargas e benefícios que dele decorrerão (GALESKI, 1977). Desse modo, a transferência da terra para filhos recém-casados é uma etapa do sistema de herança realizada sob o controle do chefe da unidade doméstica antes de sua morte. Segundo Moura, quando os filhos atingem a maturidade e contraem matrimônio, "uma série de condições deve ser satisfeita para que se lhes assegure a condição de camponês independente, personificada no binômio casa de morada e roça" (MOURA, 1978:49). Para Bourdieu, as estratégias matrimoniais estão inseridas no conjunto de estratégias de reprodução social, pois se leva em conta, "em cada escolha matrimonial, o conjunto de propriedades pertinentes, tendo em vista a estrutura a ser reproduzida" (BOURDIEU, 1990:87).

Existem, segundo Wolf (1976), basicamente dois sistemas de herança: com e sem partilha, cada um deles matizado por uma pluralidade de regras, que definem quem é ou não herdeiro. A opção por um dos dois sistemas é condicionado pela área de terra disponível, o número de descendentes, os costumes locais, a natureza da atividade

econômica e a forma de apropriação e de produção. Repartir ou não o patrimônio depende de uma avaliação das possibilidades de garantia da reprodução social diacronicamente, tendo por referência o contexto sincrônico.

As decisões e práticas relativas à transmissão refletem a divisão sexual e etária do trabalho no interior da unidade familiar, em termos do lugar ocupado pelo indivíduo na diferenciação entre as atividades domésticas, circunscritas ao trabalho feminino, e às tarefas predominantemente masculinas. A condição de herdeiro é, portanto, definida em termos de cooperação numa mesma unidade produtiva (GALESKI, 1977; GOODY, 1976; MOURA, 1978) e a exclusão de filhos da herança por vezes objetiva manter a indivisibilidade da propriedade como patrimônio da família.

Deserdar as mulheres e, conseqüentemente, excluí-las da condição de proprietárias é uma prática generalizada entre o campesinato. Contudo, podem existir variações associadas ao direito consuetudinário, à natureza do patrimônio conjugal e à estrutura do parentesco (GOODY, 1976). Meyer (1979) explica a exclusão das mulheres em virtude da divisão de papéis, a qual não permite a uma mulher dirigir um sítio. Além disso, como herdeira, ela pode representar uma ameaça ao patrimônio por poder passá-lo para estranhos através do casamento (WOORTMANN, K. 1990).

Tanto o herdeiro quanto o não-herdeiro são socialmente construídos. O primeiro vai adquirindo experiência e conhecimento, o que encontra sua razão de ser no fato da “transmissão da terra sem o saber [transmissão do conhecimento] não transformaria essa terra em terra de trabalho, e nem em patrimônio familiar” (WOORTMANN, K. 1990:43)¹²⁰. O herdeiro não deve apenas ser “capaz de dirigir a propriedade, como também assegurar a sua transmissão” (MEYER, 1980:95), pois é considerado o guardião do patrimônio da casa, cuja venda representaria uma traição aos ancestrais (WOORTMANN, K. 1990).

Pude verificar que transmitir a colocação como totalidade era uma preocupação presente entre as famílias seringueiras. Mesmo sem poder observar onde essa transmissão efetivamente ocorrera, foi possível, a partir do discurso dos seringueiros, apreender quais as orientações dessa intenção.

Entre as famílias seringueiras evitar ou minimizar a fragmentação da colocação apresenta-se como uma exigência da própria natureza da atividade extrativista sob controle

¹²⁰ Segundo Dobrowolski (1979), o conhecimento dos métodos de cultivo tradicional entre o campesinato polonês estava restrito a pessoas escolhidas e sua transmissão não beneficiava igualmente todos os filhos. Prática também adotada pelos Kayapó, para os quais a posse do conhecimento especializado sobre a utilização e cultivo de determinadas plantas é transmitida apenas para os herdeiros selecionados (ANDERSON & POSEY, 1987).

do grupo familiar, pois requer um número mínimo de árvores em exploração a fim de assegurar uma produção de borracha que compense economicamente o trabalho empreendido e satisfaça as suas necessidades de subsistência. Devem também ser asseguradas áreas com capoeiras para o cultivo de novas roças. Por outro lado, o extrativismo vegetal requer, como vimos, a utilização de técnicas não-predatórias, de modo a evitar o esgotamento dos recursos. Assim, além da transmissão de uma área com as mesmas dimensões, os processos de herança, neste caso, devem contemplar a passagem de um ecossistema em estado de conservação e produção, permitindo aos descendentes subsistirem da atividade.

As distintas formas de apropriação e uso dos diferentes espaços implica formas particulares de se pensar e orientar a transmissão numa conjunção de direitos. No caso das estradas de seringa, por serem da nação, terem sido *colocadas pela natureza*, é muito mais a transmissão do direito de uso que vai possibilitar aos herdeiros continuarem cortando. Já o espaço compreendido pelas áreas de capoeira e roça, a casa onde residem e a casa de farinha, percebidas como benfeitorias resultantes do empenho e do esforço familiar, por isso consideradas como sendo mais patrimônio, podem *ficar para os filhos*, [e para] *a mulher*. Esta foi priorizada como a pessoa que assumiria o controle da colocação apenas por um seringueiro boliviano de 62 anos. Para ele, *em primeiro lugar a mulher tem o direito, porque foi ela quem ajudou*.

A possibilidade da transmissão da colocação apresentava-se como algo novo em relação aos tempos anteriores, uma vez que até então o *seringueiro não poderia deixar herança porque não era dono*. Até a criação da Reserva um *pai não deixava nada para os filhos. Só trabalhava para viver*. O principal bem transmitido consistia no saber que possibilitava aos filhos continuarem no *serviço da seringa*.

Por encontrar-se em processo de gestação, as falas sobre a transmissão apresentavam ambigüidades e dúvidas quanto à possibilidade de sua efetivação, por estarem até aquele momento fortemente marcadas pela percepção da colocação como um espaço onde eles apenas eram *colocados* ou *pagavam para morar*. Esta condição que os mantinha numa situação de instabilidade quanto à permanência nela. Para alguns seringueiros, a posse não estava até aquele momento assegurada, por falta de documentos oficiais que confirmassem o seu direito sobre a colocação. O entendimento da Concessão do Direito Real de Uso como um *direito do Conselho* sobre as colocações orientava a avaliação da possibilidade de sua transmissão, como pondera um dos seringueiros entrevistados surpreso com uma das minhas perguntas sobre sua intenção em deixá-la para

os filhos: *ele falou*¹²¹ *que a Reserva Extrativista era do Conselho Nacional e o seringueiro não era dono de nada, tudo é do Conselho. Então uma vez que o seringueiro não é dono de nada, então ele não pode deixar nada. Então como é isso?*. A preocupação com o título - *quem não tem título não é dono* - justificava-se pela própria situação de indefinição quanto à regularização da permanência na área. Apesar da inexistência do título, os seringueiros estavam preocupados em manter a colocação sob controle do grupo familiar, como revela um pai: *Fico satisfeito em deixar para o filho, porque é melhor do que deixar para outros tomar conta.*

A partir do momento que um filho tem condições de *trabalhar por conta*, ele pode deixar a casa do pai e procurar outro lugar onde se *colocar*. Como vimos anteriormente, em alguns casos os filhos mais velhos já haviam registrado em seus nomes suas próprias colocações no interior da Reserva por ocasião do cadastramento, então poderiam deixar a pertencente ao pai para os irmãos mais novos. Aqueles que permanecem na casa paterna são vistos como os *que têm mais interesse*. Caso seja impossível reter os filhos mais velhos em casa, assegura-se a permanência dos mais novos: *em casa só vão ficando os menores para tomar conta dos pais*. Assim, *pelo direito é o filho mais novo quem deve ficar com a colocação*. Por ajudar a *tomar conta* e amparar os pais na velhice, este filho estava sendo privilegiado para receber as benfeitorias como herança. Em alguns casos a opção pela ultimogenitura decorre do fato de o primogênito já possuir sua própria colocação.

Outra situação observada é aquela na qual um dos filhos, casado ou ainda solteiro, assume a condição de chefe da família e o controle da colocação com o pai ainda vivo, mas sem condições de dirigi-la devido à idade avançada ou à falta de condições físicas. É ele quem, por já estar *tomando de conta*, irá se tornar herdeiro. Verifica-se então que o acionamento do processo de herança antecede a morte do pai. Se todos os filhos tiverem deixado ou vierem a deixar a casa paterna, há a alternativa de os netos, criados desde pequenos pelos avós, se tornarem herdeiros por tê-los amparado na velhice e trabalhado ao seu lado até os seus últimos dias. Neste caso se exclui uma geração da herança, mantendo-se a colocação como posse da família.

Assim, segundo um dos informantes, *aquele que deve ficar com a colocação é aquele que fica encostado no pai*. Percebe-se nessa fala que é principalmente em

¹²¹ Esse seringueiro faz referência a um dos diretores do Conselho Nacional do Seringueiros que havia participado de reuniões em Guajará Mirim para tratar de assuntos relativos ao Contrato de Concessão do Direito Real de Uso.

decorrência da prestação de auxílio aos pais na velhice e do zelo, expresso no *interesse* pelo patrimônio, que a definição do herdeiro estava sendo estabelecida. Entretanto, conforme observou Klaas Woortmann (1967:221) em outro contexto amazônico, “não parece existir um padrão definido que determine qual dos filhos amparará os pais em sua velhice”. Sobre o filho que assume o lugar do pai como chefe da família convergir a atribuição de *tomar a responsabilidade*, pois, *quando o pai morre, ele não deixa se acabar não, toca para frente, cada vez melhor*, não permitindo que o patrimônio se desfaça ou seja passado para um estranho. Nota-se aqui a manifestação de um ideal de perpetuação da casa através da sua transmissão a um herdeiro que assume o compromisso moral de dar continuidade a ela.

No entanto, a morte do pai, segundo alguns seringueiros, pode provocar a dispersão do grupo. Foi recorrente a afirmação de que, nessa situação, os filhos buscarão outras alternativas, seja de outros lugares onde se *colocar*, seja migrando para a cidade e mudando de atividade. Com a criação da Reserva e a *garantia de permanência* o abandono da colocação após a morte do pai, entretanto, podia ser apenas temporária, como indica o caso que relatamos a seguir. Em 1992, quando me encontrava em Guajará-Mirim faleceu um pai de família que estava hospitalizado na cidade. Ele residia com dois filhos solteiros numa colocação (Boca do Bicho) situada no alto do rio e contígua a de um filho mais velho já casado. Este, com quem conversamos posteriormente, explicou-nos que pretendiam deixar a colocação parada por algum tempo até passar a *tristeza*¹²². Depois retornariam e os irmãos mais novos que residiam com o pai ficariam com ela, *porque trabalhavam com ele*. Porém, ele por ser mais velho a controlaria por um determinado período.

A herança, contudo, não se restringe somente à transmissão de um bem material mas inclui também um modo de vida, pois *a vida na seringa é hereditária, de pai para filho, para neto, vai indo. O que a gente pode ensinar é cortar seringa. Só que a gente vê que o recurso está se acabando*. A transmissão da colocação não é completa se não for transmitido também o conhecimento, que permitirá aos herdeiros se apropriarem dela plenamente através do trabalho, o qual tem início na infância, pois *o pai, ensinando as crianças, elas se acostumam naquele serviço, que se transformam em homens trabalhadores*. O saber começa a ser transmitido a partir do momento que os filhos passam

¹²² O abandono da colocação após a morte de um consanguíneo foi também verificado pelo mesmo motivo em uma família que a deixou após a morte de um dos filhos. O abandono do local de residência é observada entre os wari, para quem a morte do pai ou de alguma outra pessoa próxima leva toda a família a abandonar a aldeia (MEIRELES, 1986).

a acompanhar o pai no *dia a dia da lida do mato*. Vão *mentalizando* para aprenderem os *segredos da vida na mata*. O *serviço da seringa* exige, assim, um conjunto de conhecimentos que permitam entender os sinais do meio para poder explorá-lo adequadamente. É um saber que consiste num bem importante transmitido pelo pai ao filho, porque o *serviço do mato precisa muita experiência para gente não tomar prejuízo demais*.

Aquelas famílias com maior disponibilidade de recursos financeiros ou com parentes residentes em Guajará-Mirim ou mesmo em Porto Velho, enviam suas filhas para a cidade a fim de freqüentar a escola e adquirir uma profissão. A tendência é que elas sejam excluídas da condição de herdeiras, mesmo porque depois de alguns anos elas se recusam a voltar a residir no seringal. Além disso, elas passam a ser consideradas *mulheres da rua* ao adotarem o estilo de vida urbano, e, por essa razão são também preteridas pelos seringueiros como possíveis cônjuges, uma vez que não se adaptam mais à vida da mata.

A partilha da colocação, como pudemos verificar, apresenta-se impraticável do ponto de vista da sustentabilidade econômica do grupo familiar, porque as áreas agricultáveis são limitadas, sobretudo mantendo-se o sistema de pousio. Dividi-la implicaria também numa redução do número mínimo de seringueiras que devem ser exploradas a fim de garantir uma produção suficiente para possibilitar o bem estar família. Há, também, o aspecto ecológico, pois a divisão dos recursos (solos, seringueiras, castanheiras, etc) entre os herdeiros implicará o aumento da exploração e seu conseqüente esgotamento. Como alternativa à fragmentação, no caso de existir mais de um herdeiro, todos deverão trabalhar para uma *casa só*.

Todos trabalharem para uma única casa, contudo, depende da união da família, apresentada como requisito para manter a colocação indivisa e sob controle dos membros do grupo, *se há união fica trabalhando tudo junto*. Enquanto estão juntos, é para todos: *de um ovo tem que comer todos*. Sentença que expressa um ideal de unidade que, entretanto, não exclui a possibilidade de saída posterior de alguns dos filhos, visto que *depois um procura uma melhora e vai saindo*. Mesmo postergada¹²³, a migração reflete uma escolha individual que se apresenta como condição de reprodução para aqueles que ficam.

No contexto do rio Ouro Preto, diante da impossibilidade de a família promover a partilha igualitária entre os herdeiros em virtude de restrições impostas pelas características do caso estudado, a alternativa é todos trabalhem *para uma mesma casa*. Os filhos

¹²³ A postergação da exclusão de alguns filhos ou da migração pode dar-se em virtude do incremento tecnológico e do aumento da renda.

permanecem assim na colocação, dividindo-se entre o trabalho da seringa e o trabalho da roça, além de decidirem por uma “conta” única.



Foto 12 – Sr. João (Col. Furo) e uma das suas seringueiras após o corte



Foto 13 – Osvaldo (Col. Encanto) retornando para casa paterna (Col. Ouro Negro) ao final do fábrica

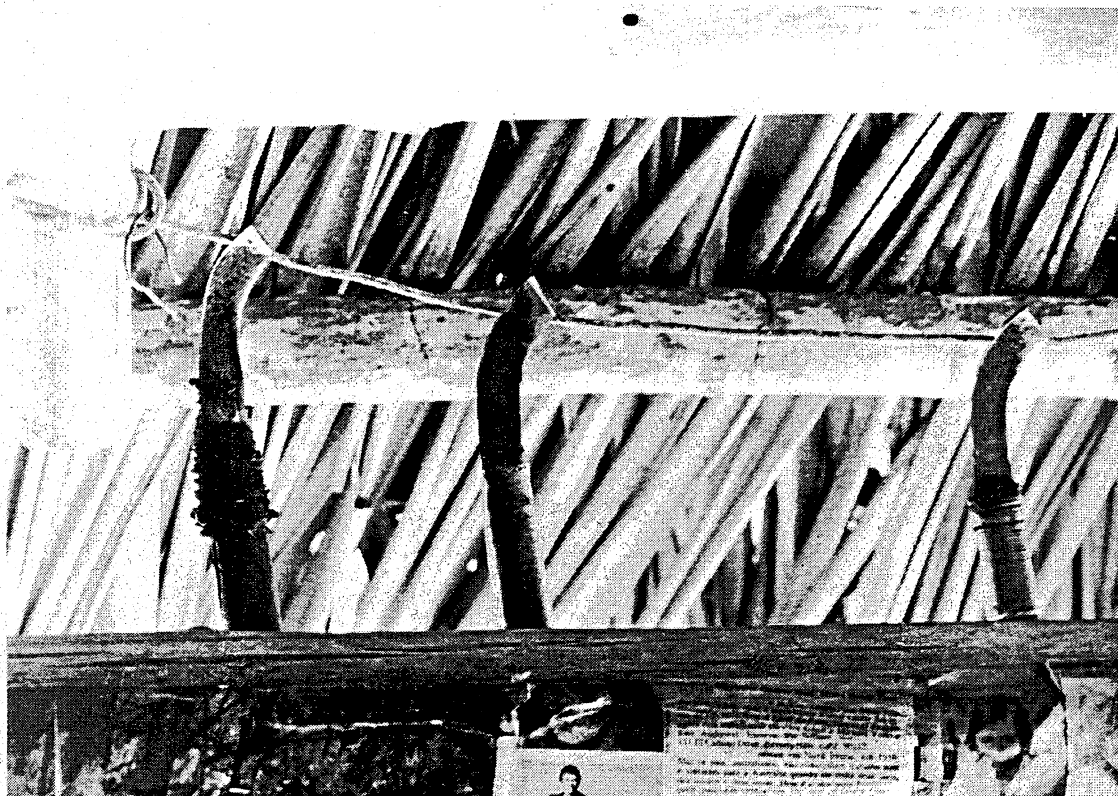


Foto 14 - Facas de seringa



Foto 15 - Família do Sr. Ednardo (Col. Petrópolis) na área de capoeira após a queimada

FECHANDO O CORTE

A trajetória percorrida para elaboração deste trabalho pode ser comparada ao sinuoso percurso de uma estrada de seringa. Entretanto, nem seu conteúdo e nem seu trajeto estavam dados ao iniciar a caminhada. Eles foram sendo construídos a partir de um retorno aos dados, os quais foram reinterpretados à luz de novas perspectivas, o que imprimiu uma dinâmica que me levou a percorrer trilhas não previstas, fazer paradas bruscas e explorar aspectos não suficientemente delineados. Ao longo do caminho, nas “voltas” abertas, como “recursos” para novos estudos, algumas dimensões permaneceram ocultas ou passei despercebido por elas. Espero, contudo, ter indicado rumos que poderão ser melhor aprofundados em futuros estudos. Para fechar o corte, usando uma expressão dos seringueiros referindo-se ao término do trabalho, retomarei sinteticamente alguns pontos da análise.

Adotando como marco referencial a criação da Reserva Extrativista do rio Ouro Preto em 1990, realizei este estudo entre as famílias seringueiras nela residentes, com o objetivo de compreender o significado das transformações ocorridas no âmbito da apropriação, da gestão e da transmissão. Três dimensões fundamentais, que mantêm entre si uma distintividade complementar, para constituir e perpetuar a casa. Esta foi inicialmente tomada como uma categoria analítica, mas cuja importância e pertinência desta categoria para a compreensão do contexto estudado foi uma decorrência da própria etnografia.

Descrevi como o modo de vida dos seringueiros resulta de uma formação histórica e de uma relação cotidiana com a natureza. A configuração espacial e social da sociedade do seringal foi sendo construída historicamente desde o tempo dos padrões e as mudanças em curso eram percebidas, representadas e manipuladas tendo por

referência categorias culturais pré-existent. O novo contexto estava sendo construído numa interseção de temporalidades que articulavam tradição com uma inventividade criativa visando o bem estar da família e a continuidade da casa gestada no curso de tais mudanças.

Verificamos que o parentesco e a estrutura familiar passam por transformações históricas que criam, em certa medida, uma organização social mais estável. Até a criação da Reserva Extrativista a linguagem do parentesco parece não ter tido um papel preponderante na organização social. Entretanto, com a Reserva foi reconhecido o direito de posse garantindo aos seringueiros e suas famílias a permanência na colocação. Vimos como através do trabalho, a colocação, tornava-se patrimônio familiar passível de transmissão. Através da linguagem do parentesco os seringueiros passavam a tomar decisões no âmbito do grupo familiar sobre a apropriação do espaço e sobre a gestão visando garantir recursos às futuras gerações mediante a transmissão.

A etnografia nos mostrou como tais mudanças estavam sendo percebidas, representadas e orientadas pelas famílias seringueiras, não tendo mais o barracão como centro de referência. Este centro de referência passou a ser a casa, aqui pensada como uma unidade moral e como um esquema organizador da vida que, em termos da linguagem do parentesco e da aliança, aciona e orienta a solidariedade coletiva, e passa a ocupar o lugar do barracão. A casa, entre os seringueiros residentes na Reserva Extrativista do rio Ouro Preto, começa a constituir-se no momento em que surge a preocupação em garantir o retorno regular do patrimônio ou em criar condições para a constituição de uma nova casa por ocasião do casamento de um filho. Para atender ou reforçar os interesses da casa, os seringueiros buscavam estabelecer relações de alianças com famílias residentes no interior da Reserva, sobretudo com aquelas que ocupavam áreas mais próximas dos pais dos novos casais. As mudanças nos critérios das escolhas matrimoniais referem-se à preocupação com a consolidação do direito de posse sobre as colocações e/ou a sua futura ampliação.

Embora estivessem situadas em locais distantes entre si, as casas não figuravam como unidades isoladas, pois formavam uma rede cujas urdiduras eram estabelecidas e entrelaçadas pelas linhas de parentesco, aliança, compadrio e vizinhança. Tais laços vinculavam diferentes casas seringueiras distribuídas ao longo do rio, constituindo uma peculiar configuração comunitária que extravasava os limites da Reserva e abrangia também casas situadas na cidade, onde residiam parentes que migraram.

O perímetro da Reserva dividia-se em trechos ocupados por uma rede de casas

unidas pela descendência. Esses setores, por sua vez, estavam subdivididos em unidades menores correspondentes às colocações. Os filhos, ao casarem, constituíam uma nova família, ocupavam e exploravam uma determinada área, construíam uma nova morada e abriam sua própria conta. Nos casos em que um dos filhos sucedia o pai, ele assumia o controle da colocação e a administração da conta paterna.

No tempo do patrão a conta estava associada ao barracão e era por ele controlada. Com patrimonialização da colocação e a emergência da casa, o seu controle passa a ser exercido pelo chefe do grupo familiar, que pode ser o pai ou um dos filhos que o tivesse sucedido. Há, assim, uma associação entre a casa e a conta, expressa nas obrigações e deveres dos seus integrantes para a sua continuidade. Esta associação se dá inclusive porque a conta está especialmente revestida de um simbolismo que expressa status e honra. Se o barracão estava sob controle do patrão, que também controlava o livro contábil e assistia aos seus fregueses, no novo contexto o pai assume este lugar em relação à mulher e aos filhos, controlando a conta, a divisão do trabalho, a venda da produção e a aquisição dos bens de consumo. O esquema do sistema de aviamento parecia estar reproduzindo-se, em certa medida, no interior da casa. Contudo as decisões do seu chefe contavam com a participação dos demais membros do grupo familiar.

Cada um dos integrantes do grupo familiar contribuía, a seu modo, para a manutenção ou quitação da conta, preservando, desse modo, a sua credibilidade e garantindo crédito para compra dos bens de consumo junto aos marreteiros, à Associação ou aos comerciantes de Guajará Mirim. Ou seja, havia um esforço para se produzir para repor continuamente os meios com os quais a casa pudesse persistir. A assistência antes dada pelo patrão passa a ser prestada pelo pai. Se antes a construção física que servia de referência ao seringal enquanto unidade produtiva era o barracão, com a criação da Reserva esta foi ocupada pela casa onde passaram a ser tomadas as decisões e para onde convergiam as atividades. Ela torna-se o centro de reprodução biológica e social do grupo, recriando-se, pelo menos no período compreendido pela realização da pesquisa de campo, como microcosmos do barracão. Se antes o barracão englobava a casa, desta vez, se ele não desaparece totalmente, ele passa a ser englobado por ela enquanto unidade física onde se expressam relações de reciprocidade e hierarquia.

Não podemos, entretanto, supor que a forma casa seja uma mera repetição do barracão, pois observam-se distinções importantes relativas à estrutura de cada um dos grupos familiares e das escolhas individuais. Há atribuições de novos significados à

figura do pai e a dádiva passa a predominar sobre a dívida, uma vez que os laços de parentesco reforçam as relações de reciprocidade. O parentesco e a aliança adquirem uma importância antes não constatada. A relação com o meio ambiente e a organização do espaço passa por mudanças significativas, sobretudo, por serem cada vez mais definidas pelos interesses da família.

A casa também expressa a idéia de que quem não quer novamente não cuida, por estar nela contida a noção de um retorno permanente dos bens através da sua transmissão ao herdeiro. Este deve demonstrar o compromisso moral com a consolidação e perpetuação do patrimônio mediante o trabalho, a gestão dos recursos, devendo repassá-la à geração seguinte fazendo com que ela permaneça sob domínio familiar. Neste sentido, a herança não significa apenas uma passagem, mas também um retorno do bem.

Vimos que as colocações são subdivididas em diferentes espaços seja por suas características ambientais seja pelas atividades neles desenvolvidas. As *estradas de seringa*, espaço caracteristicamente extrativista, eram percebidas de forma distinta. Ora como pertencentes à nação, ora à Associação e ora à natureza. De todo modo, cada vez mais a família possui direito de uso sobre este espaço, que cada vez mais se define como patrimônio, por estar “cultivando” as seringueiras nele existente. Já a roça e o pomar, espaços agrícolas, natureza transformada pela família através do trabalho, eram percebidas como sendo mais patrimônio, sobre o qual poderiam exercer pleno domínio. São diferentes zonas que possuem entre si uma articulação complementar que fornecem os meios para prover o bem estar da família. Ou, dito em outros termos, representam um patrimônio constitutivo de uma casa. Esta como vimos, é no caso do Ouro Preto, uma unidade em formação.

Em virtude das características da atividade extrativista, a continuidade da casa seringueira também depende de fatores externos como, por exemplo, preços compensadores e mercado para os produtos, de modo a permitir a aquisição de bens de consumo não produzidos localmente. A implementação de serviços de saúde e educação eram dois elementos considerados fundamentais para retardar a migração dos jovens para a cidade.

A apropriação do espaço e dos recursos naturais passou por diferentes formas de efetivação. Em um período anterior, os seringueiros estavam subordinados ao barracão, posteriormente, passaram a arrendar as colocações e, por último, quando tiveram reconhecido o direito de posse. Cada período está associado às características ecológicas

de cada uma das zonas ocupadas e ao tipo de trabalho dispendido sobre elas. Medidas como o plantio de espécies perenes e a construção de benfeitorias demonstram o esforço em evidenciar e consolidar a posse. Arranjos para expandir a área ocupada eram adotados de modo a possibilitar a incorporação de mais recursos, agregar parentes ou garantir aos filhos um lugar onde se colocar.

A gestão dos recursos naturais pelos seringueiros passou também por mudanças históricas correspondentes às formas de apropriação. As práticas de uso dos recursos naturais estavam referidas às crenças, técnicas, saberes e ao bem estar da família, levando-se em consideração as futuras gerações. Evidenciando que escolhas adotadas sincronicamente têm implicações diacrônicas. Para tanto, estavam sendo adotadas medidas que permitissem a regeneração das espécies exploradas e, assim, assegurar a sua perenidade, especialmente da seringueira. Tais procedimentos indicam a vontade de continuarem como seringueiros. É manifesta a importância do significado da identidade social dos seringueiros como uma ideologia orientadora das suas escolhas no que diz respeito à gestão e à transmissão, tanto dos bens tangíveis quanto dos intangíveis.

Dada a complexidade dos recortes espaciais classificados e usados distintamente, a transmissão exige criatividade. Vimos que a partilha pode apresentar-se como uma decisão inviabilizadora da atividade extrativista por implicar numa sobre-exploração dos recursos naturais. Assim, condições ecológicas são decisivas para a manutenção e perpetuação da casa seringueira, ainda que associada à atividade agrícola. Essas duas atividades, embora distintas, são complementares, mas praticá-las simultaneamente depende do ciclo de desenvolvimento da família e da disponibilidade de áreas agricultáveis.

Ainda que a herança não tenha se completado, na maioria das casas pode-se observar que ela não era um assunto ausente da reflexão das famílias. As alternativas e opções dependem da estrutura de cada um dos grupos familiares, mas, de uma maneira geral, o interesse e o compromisso manifestado pelos filhos em ajudar a tomar conta da casa e dar-lhe continuidade foram apresentados como critérios para a definição do herdeiro. A sucessão do pai como cabeça da casa é um momento decisivo, pois aquele que passa a ocupar o lugar paterno assume também a colocação e a conta. Pelo que se infere dos dados, também a residência comum era considerada como fator definidor do herdeiro, filho ou neto.

De uma maneira geral, diante da impossibilidade de fragmentação da colocação, a tendência, especificamente naqueles casos nos quais os filhos tenham suas próprias

áreas, é a de todos trabalharem para uma mesma casa e compartilharem a mesma conta, tendo o herdeiro que sucedeu o pai como chefe. Em alguns casos, os seringueiros, indicavam a primogenitura como uma opção, especialmente entre aquelas famílias onde o filho mais velho não tinha sua própria colocação. Em outras situações, a ultimogenitura apresentava-se como uma alternativa, por ter o filho mais novo permanecido em casa contribuindo com seu trabalho para consolidá-la e prestando assistência aos pais idosos. Outra via para a transmissão era passagem da colocação para um neto, caso todos os filhos tivessem suas próprias colocações ou tivessem migrado. Neste caso, há a exclusão de uma geração da herança, mas se mantém a colocação como patrimônio da família.

Finalmente, diante de uma conjuntura marcada por incertezas e dificuldades, outra possibilidade seria a de a família ocupar a colocação por um determinado tempo, depois vendê-la e migrar definitivamente para a cidade. Verificamos que isso ocorreu com algumas famílias, seja por pressão de outras, seja por não terem como enfrentar os novos tempos contando apenas com os seus membros. Além disso, por não poderem manter-se exclusivamente com a produção de borracha ou por não terem áreas agricultáveis estas famílias estavam, então, planejando abandonar a Reserva e procurar outros meios de vida.

Os direcionamentos dados pelas famílias dos seringueiros residentes na Reserva Extrativista do rio Ouro Preto ao rumo de suas vidas podem, ao longo desses anos, ser outros em relação àqueles que observei em 1992. De qualquer maneira, o estudo aqui apresentado leva-nos a apontar que a herança em unidades de conservação de uso direto coloca-nos diante de um problema jurídico que está por merecer análises mais minuciosas. Se por um lado o Código Civil Brasileiro assegura direitos iguais entre os herdeiros, por outro, caso este direito à igualdade seja reivindicado por qualquer herdeiro, a partilha igualitária do bem pode representar um problema num contexto onde ela inviabiliza o modo de vida de famílias como aquelas com quem convivi no rio Ouro Preto.



Foto 16 - Voltando para casa com o leite



Foto 17 - Avô limpando peixe e neta lavando louça no porto da colocação

FOTOS: JOÃO VALENTIN WAWZYNIAK

BIBLIOGRAFIA

- ALLEGRETTI, Mary H. **Reservas Extrativistas: uma proposta de desenvolvimento da floresta Amazônica**. Curitiba: IEA, 1987. Mimeo
- ALENCAR, Edna. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In: FURTADO, Lourdes; LEITÃO, Wilma; FIUZA DE MELLO, Alex (org). **Povos das Águas: realidade e perspectivas na Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.
- ALMEIDA, Mauro W. B. de. As Reservas Extrativistas e o valor da biodiversidade. In: ANDERSON, Anthony. **O Destino da Floresta**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- _____. **Rubber Tappers of Upper Jurua River, Brazil: The Making of a Forest Peasant Economy**. Cambridge: University of Cambridge, Dissertation to the Ph.D. Degree, 1992.
- _____. As colocações como forma social, sistema tecnológico e unidade de recursos naturais. In: **Terra Indígena**. Araraquara: UNESP, v.7, n.54, p.29-39, 1990.
- _____. **Reserva Extrativista: aspectos estratégicos (comentários para o Seminário Planejamento e Gestão de Reservas Extrativistas na Amazônia)**. Campinas: UNICAMP, 1988. Mimeo
- _____. Redescobrimdo a família rural brasileira. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, 1(1), p. 66-83, junho 1986.
- ANDERSON, Anthony *et alli*. **O Destino da Floresta**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- ANDERSON, Anthony; POSEY, Darrel A. Reflorestamento Indígena. In: **Ciência Hoje Volume Especial Amazônia**, pp.6-12. 1991.
- ARANTES NETO, Antônio Augusto. **A sagrada família: uma análise estrutural do parentesco**. São Paulo, Brasiliense/Campinas: UNICAMP, 1975.
- ARAUJO, Maria Gabriela J. **Entre Almas, Encantes e Cipó**. Campinas: UNICAMP, Dissertação de Mestrado, 1998.
- ARENSBERG, Conrad. e KIMBAL, Solon. Relações de Crédito na Irlanda Rural. In: DAVIS, Shelton H. **Antropologia do Direito: estudo comparativo de categorias de dívida e contrato**. Rio de Janeiro: 1973.
- ARNT, Ricardo Azambuja. Seria mais fácil ladrilhar? In: ANDERSON, Anthony *et alli*. **O Destino da Floresta**. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- ARHEM, Kaj. Ecosofia Makuna. In: CORREA, F. **La Selva Humanizada: ecología alternativa en el Trópico Húmedo Colombiano**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropologia/Fondo FEN Colombia/ Fondo Editorial CEREC, 109-126, 1993.

- _____. The Cosmic Food Web: human-nature relatedness in the Northwest Amazon. In: DESCOLA, P. e PÁLSSON (eds.). **Nature and Society: Antropological Perspectives**. Londres: Routledge, 185-204, 1996.
- BARBIN JR. Hélio. **Do Feitiço à Malária: uma etnografia do sistema de saúde na Reserva Extrativista do Alto Juruá – Acre**. Florianópolis: USC, Dissertação de Mestrado, 1999. Mimeo
- BAKX, Keith. From Proletarian to Peasant: rural transformation in the State of Acre, 1870-1986. In: **Journal of Development Studies** 24 (2):141-160, 1988.
- BALÉE, William. Indigenous Transformations of Amazonian Forests: an example from Maranhão. In: **L'Homme**, 126-128, pp.231-254, 1993.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: um pouco-antes e além-depois**. Manaus, Umberto Calderaro, 1977.
- BENATTI, José Heder. A posse agrária alternativa e a reserva extrativista na Amazônia. In: D'INCAO, Maria Angela, e SILVEIRA, Isolda M. **A Amazônia e a Crise da Modernização**. Belém: MPEG, 1994.
- _____. **Posse agro-ecológica: um estudo das concepções jurídicas sobre apossamento de camponeses agro-extrativistas na Amazônia**. Belém: UFPA, Dissertação de Mestrado, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 2º ed. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- _____. **O desencantamento do mundo**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- _____. **Coisas Ditas**. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- _____. Avenir de classe et causalité du probable. In: **Revue Française de Sociologie** XV (1), jan/mar, pp. 3-42, 1974.
- CARNEIRO, Maria José e MONT-MOR, Patrícia. **Sujeição e idealização do passado: reflexões sobre as representações de vida do "irrigante"**. In: **Reforma Agrária** (13)03, pp. 27-36. Campinas: ABRA, 1983.
- CARSTEN, Janet. HUGH-JONES, Stephen. **About the house: Lévi-Strauss and beyond**. Cambridge, Cambridge University Press, 1995.
- CASPAR, Franz. A aculturação dos Tupari. In: SHADEM, E. **Leituras de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- _____. Puberty Rites Among The Tupari Indians. In: Ver. Do Museu Paulista, Nova Série, V. X, pp. 141-154. São Paulo, 1956/1958.

- _____. Um caso de desenvolvimento anormal da personalidade observado entre os Tupari. In: **Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas**, pp.121-126. São Paulo: Anhembi, 1955.
- _____. Some sex beliefs and practices of tupari indian (Western Brazil). In: **Rev. Do Museu Paulista**, Nova Série V.III, pp. 201-248, São Paulo, 1953.
- CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.
- CHAYANOV, Alexander V. **La Organizacion de la Unidade Economica campesina**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1974.
- COSTA, Eliza Mara L. **Da Patronagem à Associação: poderes em disputa na Reserva Extrativista do Alto Juruá**. Campinas: UNICAMP, Dissertação de Mestrado, 1998.
- CUNHA, Euclides. **Um paraíso perdido: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- Da MATTA, Roberto, Panema: uma tentativa de análise estrutural. In: **Ensaio de Antropologia Estrutural**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____. Em torno da representação de natureza no Brasil: pensamentos, fantasias e divagações. In: **Conta de Mentiroso**, Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DEAN, Warren. **A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica**. São Paulo: Nobel, 1989.
- DESCOLA, Philippe. Societies of nature and the Nature of society. In: KUPER, A. (ed) **Conceptualizing Society**. Londres: Routledge, 1992.
- _____. Ecologia e Cosmologia. In: CASTRO, Edna, e PINTON, Florence. **Faces do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: CEJUP, 1997.
- DIEGUES, Antônio Carlos S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.
- DOBROWOLSKI, Kazimierz. La cultura campesina tradicional. In: SHANIN, T. **Campesinos y sociedades campesinas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1979.
- DURKHEIM, Émile. **Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- ESTERCI, Neide. **Terra de trabalho e terra de negócio: estratégias de reprodução camponesa**. Rio de Janeiro: CEDI, 1990.
- EVANS-PRICHARD, E. **Os Nuer**. São Paulo, Perspectiva, 1978.

FACHIN, Luis Edson. Posseiros e seringueiros: aspectos jurídicos. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária. ABRA**, pp. 20: 73, abr./dez. 1990.

FERREIRA, manuel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. 4ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1987.

FERREIRA REIS, Arthur César. **O seringal e o seringueiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1953.

FORTES, Meyer. **O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico**. Brasília: UnB, s/d.

FRANCO, Mariana Pantoja. **Perícia antropológica sobre o Parque Nacional da Serra do Divisor (rios Juruá-Mirim, Ouro Preto e Juruá) – Acre**. Rio de Janeiro, 1993. Mimeo

_____. **Os Milton: história regional, trajetória familiar e identidade social na Amazônia**. Campinas: UNICAMP, Projeto de doutorado, 1995.

_____. Histórias da Ivanilde no alto Rio Juruá. In: **Cadernos Pagu: gênero, narrativas, memórias** (8/9) pp. 115-158 Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1997.

FURTADO. Lourdes G. **Pescadores do Rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica**. Belém: MPEG, 1993.

GALESKI, Boguslaw. **Sociologia del campesinato**. Barcelona: Ed. Peninsula, 1977.

_____. La organizacion social y el cambio social rural. In: SHANIN, T. (org) **Campesinos y sociedades campesinas**. México: Fondo de Cultura Economica, 1979.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**. São Paulo: Ed. Nacional/INL, 1976.

GARCIA JR. Afrânio. **Terra de trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GNACCARINI, José César. **Latifúndio e Proletariado: formação da empresa e relações de trabalho no Brasil rural**. São Paulo: Ed. Polis, 1980.

GEFFRAY, Christian. La dette imaginaire des collecteurs de caoutchouc. In: **Cahier des Sciences Humains** 28 (4) pp. 705-725, 1992.

GODELIER, Maurice. **Lo ideal y lo material**. Madrid: Tourus, 1989.

_____. **Horizontes da Antropologia**. Lisboa: Ed. 70, s/d.

GODOI, Emília Petrafesa de. **O Trabalho da Memória: cotidiano e história no sertão do Piauí**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999.

GOMES, Manoel E. A C. FELIPPE, Luiz D. Tutela Jurídica sobre as Reservas Extrativistas. In: ANDERSON, Anthony. **O Destino da Floresta**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

GOODY, Jack. **Family and inheritance: rural society in Western Europe 1200 - 1800**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

HEREDIA, Beatriz M. A. **A morada da vida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOMMA, Alfredo K. O. **Extrativismo na Amazônia: limites e oportunidades**. Brasília: EMBRAPA, 1993.

IBGE. **Recenseamento Geral do Brasil - 1940**. Série Regional - Mato Grosso. Rio de Janeiro: IBGE, 1952.

IEA. **Identificação de áreas prioritárias e regulamentação de decreto de criação de Reservas Extrativistas na Amazônia**. Curitiba: IEA/IBAMA, 1990. mimeo.

LANNA, Marcos P. D. **A Dívida Divina: troca e patronagem no nordeste brasileiro**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995.

_____. A casa brasileira e a lógica sacrificial. Trabalho a ser publicado na sessão "Antropologia da família". In: **Anais do Congresso "Práticas e Terrenos da Antropologia em Portugal"**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999. No prelo

LEACH, E. R. **Pul eliya: a vilage in Ceylon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1961.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.

_____. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. **O olhar distanciado**. Lisboa: Ed. 70, 1986.

_____. Tribes of the Right Bank of the Guaporé River. In: **Handbook of South American Indians V.3**. Washington: Smithsonian Institution, 1948.

_____. "A Organização Social Kwakiutl". In: **A Via das Máscaras**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1981.

_____. "Maison". In: BONTE. P. e IZARD. M. (edts). **Dictionnaire de L'Etnologie et de L'Antropologie**. 2 ed. Paris: PUF, 1992

_____. "História e Etnologia". In: **Textos Didáticos**. Campinas: UNICAMP, 1996.

LIMA, Araújo. **Amazônia: a terra e o homem**. 2º ed. Rio de Janeiro: Editorial Alba Limitada, 1937.

- LIMA, Edilene C. de. **Perícia antropológica sobre o Parque Nacional da Serra do Divisor (rio Moa e Azul) – Acre.** São Paulo, 1993. mimeo
- LINS E SILVA, Tatiana. **Os Curupira Foram Embora: um estudo sobre alimentação e reprodução da força de trabalho entre camponeses paraenses.** Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1977. mimeo
- MALDONADO, Simone C. **Pescadores do Mar.** São Paulo: Ática, 1986.
- MARCELIN, Louis Hems. **A invenção da família afro-americana: família, parentesco e casa como categoria cultural domesticidade entre negros do Reconcavo da Bahia – Brasil** (Tese doutorado). Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ., 1996.
- MARTINELLO, Pedro. **A "Batalha da Borracha" na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o Vale Amazônico.** Rio Branco: UFAC, 1988.
- MARTINI, Andréa. **Tecendo Limites na Foz do Breu, Alto Juruá, Acre, Brasil.** Campinas: UNICAMP, Dissertação de Mestrado, 1998.
- MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência: a questão política no campo.** 2ªed. São Paulo: HUCITEC, 1982.
- _____. **Não há terra para plantar neste verão.** Petrópolis: Vozes, 1986.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia.** Belém: CEJUP, 1995.
- MAUSS, Marcel. Ensaio Sobre as variações sazoneiras das sociedades esquimó. In: **Sociologia e Antropologia.** V.2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- MEIRELES, Denise. **Os PaKaas-Novos.** Brasília: UnB: Dissertação de Mestrado 1986.
- MENEZES, Esron Penha de. **Território do Guaporé: retalhos para a história de Rondônia.** Guajará-Mirim: Ed. Gênese, 1981.
- MESCH, José. **A gênese e a expansão capitalista em Rondônia: as frentes de migração e formas de propriedade.** Brasília: UnB, Dissertação de mestrado, 1984.
- MEYER, Doris Rinaldi. **A terra do Santo e o mundo dos engenhos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MILIKAN, Brent. **Levantamento Sócio-Enconômico da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto.** Porto Velho: IEA, 1994.
- MOREIRA, Adriana et al. **Presença Humana em Unidades de Conservação.** Brasília: WWF/ISAIPAM, 1996.
- MOURA, Margarida Maria. **Camponeses.** São Paulo: Ática, 1986.

- _____. **Os herdeiros da terra: parentesco e herança numa área rural.** São Paulo: HUCITEC. 1978.
- O'DWYER, Eliane Cantarino. **Parecer antropológico sobre formas de trabalho escravo nos seringais do Alto Juruá – Estado do Acre.** Rio de Janeiro, 1989. mimeo
- OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de. **O sertanejo, o brabo e o passeiro: os cem anos de andanças da população acreana.** Belo Horizonte: UFMG, 1982.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. O caboclo e o brabo: notas sobre duas modalidades de força de trabalho na expansão da fronteira Amazônica no século XIX. In: **Encontros com a Civilização Brasileira** (11) pp.101-140. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
- _____. **Os seringais nativos: um esforço crítico sobre a visão unificadora.** Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1977. Mimeo
- ORTIZ, Sutti. Reflexiones sobre el concepto de la "cultura campesina" y los sistemas cognoscitivos campesinos. In: SHANIN, T. **Campesinos y sociedades campesinas.** México: Fundo de Cultura Economica, 1979.
- PINTON, Florence, e AUBERTIN, Catherine. O estrativismo entre conservação e desenvolvimento. In: CASTRO, Edna, e PINTON, Florence. **Faces do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente.** Belém: CEJUP, 1997.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato Brasileiro.** 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1976.
- QUEIROZ, Renato da Silva. **Caipiras negros no Vale da Ribeira: um estudo de antropologia econômica.** São Paulo: FFLCH-USP, 1983.
- RIVAL, Laura. Domestication as a Historical and Symbolic Process Wild Gardens and Cultivated Forests in the Ecuadorian Amazon. In: BALÉE, William. **Advances in Historical Ecology.** New York: Columbia University Press, 1998.
- RONDÔNIA. **Levantamento sócio-econômico, ecológico fundiário e edáfico-florístico da bacia do rio Ouro Preto.** Porto Velho: ITERON, 1989. mimeo
- SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir.** São Paulo: Vértice, 1986.
- SAHLINS, Marshall. **Economia De La Edad De Piedra.** 2ª ed. Madrid: Akal Editor, 1983.
- _____. **Cosmologias do capitalismo: o setor trans-pacífico do sistema mundial.** In: Anais da XVI da Reunião Brasileira de Antropologia. Campinas: ABA, 1988.

- _____. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em vias de extinção (parteII). In: *Mana* 3(2), pp.103-150, 1997.
- _____. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia (1800 - 1920)**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
- SEIFERTH, Giralda. Herança e estrutura familiar camponesa. In: **Boletim do Museu Nacional - Série Antropologia** nº 5. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1985.
- SHANIN, Teodor. **La Clase Incomoda: sociologia política del campesinato en una sociedad en desarrollo (Rússia 1910 - 1920)**. Madrid: Alianza Editorial, 1983.
- _____. A definição de camponês: conceituação e desconceituação - o velho e o novo em uma discussão marxista. In: **Estudos CEBRAP - Trabalho e Dominação**. São Paulo, CEBRAP; pp. 43-80, Petrópolis: Vozes, 1980.
- SILBERLING, Luise Stillman. **Social movements and successful common property regimes: the case of the brazilian rubber tappers**. Master's Thesis. New York: Cornell University, 1992. Mimeo
- SIMONIAN, Lúcia. **Mulheres seringueiras na Amazônia brasileira: uma vida de trabalho e silêncio**. Brasília: SEAC/MC, 1986. mimeo
- _____. Women Rubber-Tappers in the Brazilian Amazon: a life of work silenced. **Anthropology of Work Review** V. XII N.4 & V.XIII p.11-16. 1992.
- SOARES, José Carlos M. **A borracha: estudo econômico e estatístico**. Paris: L. Chauny et L. Quinsac, 1927.
- TAUSSIG, Michael. **The Devil and Commodity fetishism in South America**. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1980.
- TEIXEIRA, Carlos Corrêa. **O aviamento e o barracão na sociedade do seringal**. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 1980. mimeo.
- _____. **O problema da organização da cultura na fronteira amazônica**. Projeto de pesquisa. São Paulo: 1984.
- _____. Seringueiros e colonos em Rondônia: formas de vida, modificações ecológicas e visões de natureza. In: **Margem** (6) pp. 45-59. São Paulo: EDUC, dez. 1997.
- THOMPSON, E. P. El Entramado Hereditario: um comentário. In: **Tradición, Revuelta y Consciência de Classe**. Barcelona: Ed. Critica, 1979.
- VILAÇA, Aparecida. **Comendo como gente: formas de canibalismo wari'(Pakaa Nova)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1992.

- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. In: **Mana** 2(2): 115-144, 1996.
- WAGLEY, Charles. **Uma comunidade Amazônica**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- WEINSTEIN, Barbara. **A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta: uma história, Alto Juruá, Acre (1890-1945)**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- WOLF, Eric. **Sociedades Camponesas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- WOORTMANN, Ellen. **Herdeiros, Parentes e Compadres**. São Paulo/Brasília: HUCITEC/EDUNB, 1995.
- _____. Família, mulher e meio ambiente no seringal. In: NIEMEYER, Ana Maria. GODOI, Emília Pietrafesa de (orgs.). **Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- WOORTMANN, Klass. Grupo doméstico e parentesco num vale da Amazônia. In: **Revista do Museu Paulista**, Nova Série. V. pp. 209-373. São Paulo: 1967.
- _____. Com parente não se neguecia: campesinato como ordem moral. In: **Anuário Antropológico** 87 pp. 11-73. Brasília, UNB: Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- WAWZYNIAK, João Valentin. **Relatório do I Encontro dos Seringueiros do Município de Guajará Mirim**. Curitiba: IEA, 1989. mimeo
- ZANONI, Mary H. Allegretti. **Os seringueiros: estudo de caso em um seringal nativo do Acre**. UNB: Dissertação de mestrado. Brasília, 1979. mimeo.